

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO MOVIMENTO
HUMANO**

**“UM LUGAR PARA FAZER AMIGOS”:
Relações de associativismo e vivências de lazer num clube de bairro**

BRUNA BROGNI DA SILVA

**Porto Alegre
2021**

BRUNA BROGNI DA SILVA

**“UM LUGAR PARA FAZER AMIGOS”:
Relações de associativismo e vivências de lazer num clube de bairro**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências do Movimento Humano – Representações Sociais do Movimento Humano.

Orientador: Marco Paulo Stigger.

Porto Alegre

2021

CIP - Catalogação na Publicação

Brogni, Bruna da Silva
"UM LUGAR PARA FAZER AMIGOS": Relações de
associativismo e vivências de lazer num clube de
bairro / Bruna da Silva Brogni. -- 2021.
130 f.
Orientador: Marco Paulo Stigger.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, Programa
de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano,
Porto Alegre, BR-RS, 2021.

1. Sociabilidade. 2. Associativismo. 3. Amigos. 4.
Família. 5. ASTTI. I. Stigger, Marco Paulo, orient.
II. Título.

AGRADECIMENTOS

Entendi que um mestrado, ou mesmo a carreira acadêmica, não se constrói sem uma rede de apoio e a minha merece todo reconhecimento. Não poderia iniciar meus agradecimentos por outras pessoas que senão meus pais, Eliane e Jaci, que embarcam nos meus objetivos e me incentivam nos momentos de fragilidade. Na mesma intensidade agradeço minhas irmãs, Cintia e Renata, que me ensinaram a buscar aquilo que almejo com garra e determinação, vocês são demais! Minha gratidão e meu amor por vocês não cabe em palavras.

Penso que uma dissertação é uma longa caminhada feita com orientação, e não poderia deixar de agradecer ao professor que trilhou esse percurso comigo. Obrigada, Stigger! Agradeço todas suas colocações, seus apontamentos, mas principalmente por seus ensinamentos – em especial de que é a dedicação que constrói uma pesquisa.

Ao longo do processo me deparei com pessoas fundamentais nessa trajetória e quero agradecer em especial a Raquel da Silveira pelas conversas, pelos ensinamentos e por todo conhecimento compartilhado.

Estendo meus agradecimentos aos membros do GESEF pelos momentos divididos, pelas críticas e sugestões, muitos de vocês têm participação na elaboração desse trabalho. Aproveito para agradecer as longas conversas, a troca de conhecimento e as colaborações em parceira com o Mauro C, Walter, Augusto e Leonardo, obrigada por deixar o processo de produção mais leve e bem humorado.

Por fim dedico meus agradecimentos para aquelas pessoas que me mantem com os pés no chão, que foram fundamentais ao longo desse processo e que me tiram da atmosfera acadêmica. Amigas essa pesquisa tem muito de vocês, obrigada: Giovanna, Victória e Rosaly! Por fim agradeço aquela com partilha as experiências de pesquisa comigo e por tantas vezes já me ouviu obrigada, Paloma!

Família e amigos, essa conquista também é de vocês!

RESUMO

A Associação dos Profissionais em Telecomunicações e Tecnologia da Informação (ASTTI) se caracteriza como um clube recreativo localizado na cidade de Porto Alegre/RS. Conheci a instituição, bem como estabeleci vínculos devido ao meu envolvimento profissional, quando atuei como professora de Natação e Hidroginástica por quatro anos naquele local. Me dedicava ao trabalho e aprofundava as relações com os associados, criando questionamentos culturais e de sociabilidade presentes naquele contexto. Leituras e reflexões me permitiram compreender que cada clube, a sua forma, constrói suas redes de sociabilidade, trazendo consigo diferentes significados para os seus associados. Partindo desse pressuposto, este estudo se dispôs a compreender como a ASTTI produz espaços que acionam vínculos entre seus associados, fazendo com que eles vivenciem a instituição de diferentes formas e experiências em situações de lazer. No que se refere ao trabalho empírico para sustentar a pesquisa, me apoiei nos saberes etnográficos, optando pelo uso de ferramentas como as observações participantes, as entrevistas semiestruturadas, o uso de alguns materiais presentes em redes sociais e a elaboração dos diários de campo. O que leva as pessoas a constituírem uma entidade desse caráter advém de múltiplas formas de sociabilidade, no caso da ASTTI foi o desejo de partilhar momentos com amigos e familiares no tempo/espaço do lazer. Ela foi idealizada em 1980 pelos funcionários da Companhia Riograndense de Telecomunicações (CRT), que desejavam reunir os diversos setores da empresa em uma única associação. Com a extinção da Companhia, alguns problemas financeiros surgiram, até que em 2002 a ASTTI deixou de ser restrita aos ex-funcionários e abriu suas portas à sociedade em geral. Em se tratando de um importante espaço de sociabilidade e lazer para seus associados – apesar de não ser imponente e nem muito conhecida –, a entidade dispõe de ambientes, atividades e eventos que buscam proporcionar aos seus sócios momentos relevantes para suas vidas. Lançando mão da perspectiva de que lazer é algo central e não residual na vida das pessoas, parto do *slogan* utilizado pela entidade: “Um lugar para fazer amigos”, que corrobora a ideia de relevância. No período em que estive em campo pude compreender que lá é um espaço para encontrar a família e amigos e é difundida pelos responsáveis e propagada pelos associados. A ASTTI também funciona com um lugar de quebra das rotinas. Inseridos na atual sociedade, em que muitas vezes as relações são frágeis e conectadas ao mundo virtual, por lá alguns comportamentos fogem desse padrão, funcionando como um oásis. Muitos associados agrupam-se em seus pedaços e constroem seus laços de amizade e convivência, contudo, não podemos estender essa realidade para todos, já que alguns usam o espaço para práticas esportivas de forma eventual, não desenvolvendo relações mais

próximas com outros associados. Por fim, a ocupação dos espaços apresenta algumas diferenças entre homens e mulheres, através das expectativas construídas em torno do gênero.

Palavras-chave: Sociabilidade. Associativismo. Amigos. Família. ASTTI.

ABSTRACT

The Associação dos Profissionais em Telecomunicações e Tecnologia da Informação (ASTTI) is characterized as a recreational club located in the city of Porto Alegre / RS. I got to know the institution, as well as establishing links due to my professional involvement, when I worked as a Swimming and Hydrogymnastics teacher for four years in that place. I dedicated myself to work and deepened relations with associates, creating cultural and sociability questions present in that context. Readings and reflections allowed me to understand that each club, in its own way, builds its networks of sociability, bringing different meanings to its members. Based on this assumption, this study set out to understand how ASTTI produces spaces that trigger links between its members, making them experience the institution in different ways and experiences in leisure situations. With regard to empirical work to support the research, I relied on ethnographic knowledge, opting for the use of tools such as participant observations, semi-structured interviews, the use of some materials present in social networks, and the preparation of field diaries. What leads people to constitute an entity of this character comes from multiple forms of sociability, in the case of ASTTI was the desire to share moments with friends and family in leisure time and space. It was idealized in 1980 by the employees of Companhia Riograndense de Telecomunicações (CRT), who wished to bring together the various sectors of the company in a single association. With the extinction of the Company, some financial problems arose, until in 2002 ASTTI was no longer restricted to former employees and opened its doors to society in general. As it is an important space for sociability and leisure for its members - although it is neither imposing nor well known - the entity has environments, activities and events that seek to provide its members with relevant moments for their lives. Using the perspective that leisure is something central and not residual in people's lives, I start with the slogan used by the entity: "A place to make friends", which corroborates the idea of relevance. During the period that I was in the field I could understand that there is a space to meet family and friends and is disseminated by those responsible, and propagated by associates. ASTTI also works with a routine resting place. Inserted in the current society where relations are often fragile and connected to the virtual world, there are behaviors that escape this pattern, functioning as an oasis. Many members are grouped in minor groups and build their bonds of friendship and coexistence, however, we cannot extend this reality to everyone, since some use the space for sports practices in an eventual way, not developing closer relationships with other members. Finally, the occupation of spaces presents some differences between men and women, through the expectations built around gender.

Keywords: Sociability. Associativism. Friends. Family. ASTTI.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Localização da ASTTI.....	43
Figura 2 – Uma visão aproximada	45
Figura 3 – Lado externo do ginásio, visto de frente.....	55
Figura 4 - Quiosque coletivo (Aquário).....	56
Figura 5 - Festa Junina de uma turma de hidroginástica	57
Figura 6 - Sala de jogos	58
Figura 7 - Churrasqueira ao ar livre	58
Figura 8 - Churrasqueiras cobertas	59
Figura 9 - Ponte do lago e <i>playground</i>	60
Figura 10 - Árvore figueira.....	61
Figura 11 - Salão da Figueira.....	62
Figura 12 - Salão Recanto Gaudério (Gauderinho)	65
Figura 13 - Salão da Bocha.....	67
Figura 14 - Cancha de bocha e a Equipe ASTTI	70
Figura 15 - Área das piscinas externas	71
Figura 16 - Piscina térmica	74
Figura 17 - Placa de inauguração	76
Figura 18 – Identificação das estruturas físicas	78
Figura 19 - Festa Junina (22 / 06 / 2019).....	81
Figura 20 – Comunicado do Presidente.....	88

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Categorias de associados	48
Quadro 2 – Números de associados	49
Quadro 3 – Diagrama das redes	50

SUMÁRIO

1.	O LAZER EM MINHA VIDA: UM PRISMA PROFISSIONAL E PESSOAL	13
1.1.	NO CLUBE OU SOBRE O CLUBE?	17
2.	CLUBES: UMA PERSPECTIVA NACIONAL	19
2.1.	INTERPRETAÇÕES DO ASSOCIATIVISMO	21
2.2.	ELEMENTOS ORGANIZACIONAIS E DE FUNCIONAMENTO ..	24
2.3.	EVIDÊNCIAS DO PASSADO	25
3.	A VIVÊNCIA ETNOGRÁFICA	31
3.1.	AS TÉCNICAS DA PESQUISA	33
3.2.	OS ESTRANHAMENTOS	36
4.	ASSOCIAÇÃO DOS PROFISSIONAIS EM TELECOMUNICAÇÕES E TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO (ASTTI)	39
4.1.	DE FUNCIONÁRIOS A ASSOCIADOS PATRIMONIAIS	39
4.2.	A EXPANSÃO DO ASSOCIATIVISMO	46
4.3.	ESTRUTURA FÍSICA E SEU USO: INVERNO X VERÃO	52
4.4.	FESTAS E EVENTOS	79
5.	UM OÁSIS NA CAPITAL	83
5.1.	UM LUGAR DA FAMÍLIA E DOS AMIGOS	84
5.2.	PEDAÇO PARA QUEM?	95
5.3.	NA PERSPECTIVA DE GÊNERO	100
6.	APROXIMAÇÕES FINAIS	112
	REFERÊNCIAS	118
	APÊNDICES	124
1.1.	ENTREVISTA PARA OS PROFISSIONAIS	124
1.2.	ENTREVISTA PARA OS PROFISSIONAIS DA EFI	125
1.3.	ENTREVISTA PARA OS DIRETORES	126

1.4. ENTREVISTA PARA OS ASSOCIADOS	128
1.5. TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	130

1. O LAZER EM MINHA VIDA: UM PRISMA PROFISSIONAL E PESSOAL

O campo do lazer apresentou-se para mim como algo além de brincadeiras e diversão quando tive contato, no último semestre da graduação do curso de Educação Física – Licenciatura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com uma disciplina de abordagem teórica do lazer. Disciplina essa que proporcionou o meu acesso aos autores clássicos e seus conceitos que me possibilitaram perceber a relevância do lazer na vida das pessoas. Até então eu tinha uma ideia advinda do senso comum e dos rasos conceitos adquiridos nos primeiros semestres acadêmicos, na qual lazer era sinônimo de divertimento.

Conforme ia compreendendo que o lazer ocupa um importante espaço da vida cotidiana meu interesse acadêmico pela temática se aflorou. A relevância do tempo de lazer está relacionado com as características da sociedade industrial - na busca pela acumulação de capital e com as diferentes divisões de trabalho - e com as mudanças que ocorreram na apropriação do tempo (STTIGER, 2000). Para dar conta dessas novas organizações da sociedade moderna e urbanizada surge “de forma institucionalizada a divisão entre trabalho e não trabalho, entre tempo de trabalho e tempo livre” (STIGGER, 2000, p. 286). Algo que nas sociedades mais simples - não industrializadas - não era perceptível.

O lazer se forjou no desenvolvimento das novas formas de produção, nesse sentido ele advém do

[...] tempo livre institucionalizado, do qual talvez o maior exemplo seja o fim-de-semana, dias aqueles que, inventados pelos homens ao longo de uma história bastante complexa, se tornaram indiscutivelmente o período privilegiado para o lazer nas sociedades contemporâneas (STIGGER, 2000, p. 287).

Esse é um tempo conquistado pelos trabalhadores ao longo da dinâmica histórica, que podemos pensar a partir do estilo de vida dos indivíduos, como um tempo em que há a possibilidade de realizar escolhas e atividades prazerosas (STTIGER, 2000).

Essa aproximação inicial me levou a interpretar como o lazer se inseriu nas minhas vivências ao longo da vida em situações que anteriormente eu havia compreendido de outra forma. Diagnosticada com diabetes mellitus tipo I aos 13 anos, alguns hábitos precisaram ser modificados, como a alimentação e a rotina de exercícios, já que era relativamente sedentária. Meses após a confirmação, passei a integrar um grupo de corrida existente no hospital onde permaneço realizando meu tratamento, coletivo esse que se desfez alguns anos após meu desligamento. Naquele contexto, constituído majoritariamente por diabéticos, as trocas de

informações, a identificação com os pares e até os hábitos eram características que nos uniam além da necessidade da manutenção da glicemia por meio da prática esportiva.

Inicialmente, permaneci no grupo pela sociabilidade que lá ocorria. Porém, com o passar do tempo, a corrida foi se tornando algo prazeroso e deixava de correr somente quando algo impedia a prática. O que me fez perceber, tantos anos depois quando me deparei com as conjunturas da temática, que aqueles momentos em que colocava o tênis e saía para correr eram momentos de lazer, mesmo que inicialmente tivessem sido por obrigação. Ademais, por alguns anos fiz natação, mas não tinha pela prática dessa modalidade o mesmo interesse que pela corrida – enquanto espaço de compartilhamento –, embora eu tenha grande apreço pela modalidade. Na corrida a sociabilidade era bastante importante aos participantes, o grupo participava de provas, fizemos também algumas viagens, então havia um vínculo muito forte entre aqueles que integravam o grupo e esses momentos de convivência extrapolavam a necessidade física da prática. O gosto por essas práticas e o desejo de atuar na área da musculação, que pratiquei por alguns anos concomitantemente à corrida, me levaram a optar pelo curso de Educação Física (EFI), no qual adentrei em 2014.

Para construir esses entendimentos, a leitura dos conceitos desenvolvidos por Elias, Dunning, Dumazedier, Requiza, Marcellino e tantos outros autores que discutem tal temática realizada ao longo dessa disciplina, bem como minha entrada para o Grupo de Estudos Socioculturais em Educação Física (GESEF) me conduziram na caminhada. Tive a oportunidade de entrar no grupo em 2016 através de uma bolsa de pesquisa, e assim, conforme me aproximava dos textos lidos e discutidos semanalmente, me identificava com as possibilidades de pesquisar. A constante participação no grupo, as diversas leituras e meu interesse pelo lazer culminaram no trabalho de conclusão do curso em Educação Física no viés do Bacharelado. Esse estudo tratou das problematizações acerca dos profissionais do lazer e de como se dá a constituição da trajetória profissional desses, no qual pude compreender que esse profissional se constitui de diferentes formas de conhecimento e que sua trajetória é construída de forma inconstante.

Contudo, levando em consideração a dedicação acadêmica que envolve leituras, pesquisas e outras particularidades, não é difícil imaginar que essas provoquem reflexões e possíveis modificações na percepção das situações que nos cercam, seja no meio acadêmico, na lógica profissional, seja pessoalmente. Fazendo tais movimentos entrei em contato com as discussões da área e minhas percepções – resultantes da atuação profissional e com meus alunos – foram sofrendo modificações conforme eu mergulhava nos estudos do lazer. Então esse processo de aproximação com a temática fez com que eu passasse a entender meu ambiente de

trabalho – enquanto professora de natação e hidroginástica – de outra forma, percebendo-o cada vez mais ligado ao lazer. Assim fui me dando conta de que mais do que dar aulas eu operava no momento de lazer dessas pessoas.

Atuando como professora nas modalidades de hidroginástica e natação adulta, minha intervenção se dava no espaço da piscina, ministrando tais aulas nas dependências da Associação dos Profissionais em Telecomunicações e Tecnologia da Informação (ASTTI), localizada em um pequeno bairro da capital gaúcha, na qual atuei por cerca de quatro anos. Evidentemente, pelo tempo que lá trabalhei desenvolvi alguns vínculos com essa entidade: com os funcionários, com os integrantes da diretoria que são mais participantes no cotidiano e com alguns dos associados. Entendo que a relação seja mais próxima com aqueles que são meus alunos, devido à convivência frequente que tenho com eles e pela sociabilidade construída.

Pautada pelas leituras e pela minha atuação, aos poucos percebi que, para operar no momento de lazer das pessoas, nesse contexto específico, é preciso envolver mais do que uma aula periodizada e que proporcione melhoras nas valências físicas e de outras habilidades. Fui entendendo que uma boa aula e que leva os alunos a permanecerem é aquela que proporciona a construção de vínculos. Laços esses que se constituem entre os alunos, mas também pela interação com o professor, o que gera momentos de sociabilidade a todos os envolvidos. Situações essas que muitas vezes ultrapassam os momentos de aula e resultam na criação de grupos em redes sociais e confraternizações em horários que extrapolam os momentos de aula.

De forma gradual, conforme aprofundava meus conhecimentos acadêmicos sobre a temática do lazer, fui identificando particularidades nesse espaço, como os vínculos entre os associados, já que um número considerável deles pertence à categoria patrimonial¹ e, dessa forma, possuem relações de longa data. Outra característica que me chamou atenção é a relação dos novos associados com os antigos. O que quero dizer é que muitos dos novos frequentadores do clube foram apresentados à ASTTI por outros sócios, como no caso de uma aluna que trouxe sua vizinha para algumas festas e posteriormente esta se associou. Ainda há aqueles que frequentam a entidade devido ao vínculo com algum sócio em festas e jogos, embora não passem a concretizar-se como associados efetivos. Afinal, não é difícil pressupor que não sócios participem das vivências cotidianas de uma entidade desse viés.

Esses e outros elementos foram me provocando questionamentos pessoais e acadêmicos relacionados a essa associação ao longo dos anos em que lá ministrei minhas aulas. Por

¹ Abordarei mais adiante as características das diferentes categorias de associados, contudo, aqui basta compreender que os Associados Patrimoniais são os idealizadores da ASTTI e ex-funcionários da CRT (Companhia Riograndense de Telecomunicações).

consequente, através de um olhar centrado no lazer busquei compreender esse espaço e como ele é percebido e vivenciado por seus associados, funcionários e diretores.

O lazer faz parte dessa entidade de forma relevante, algo que é possível de ser compreendido ao olhar para suas estruturas físicas que se destinam a esses momentos, como: a área das piscinas, as churrasqueiras, as quadras de esportes e os salões de festa. Nesse sentido, Stigger (2009) sustenta que a temática “lazer” não é central como objeto de pesquisa em áreas como ciências sociais e na administração, por exemplo. Mas que esse desinteresse não se aplica à Educação Física brasileira, já sendo, há muito tempo, um assunto importante e objeto de problematizações para os atuantes nesse universo acadêmico/profissional. Embora seja possível pensar a temática sob diversos olhares, o autor aponta duas lógicas de estudo na perspectiva da Educação Física:

[...] uma delas vincula-se ao interesse em compreender atividades realizadas no tempo livre, por diferentes grupos sociais, *a partir do olhar da cultura*; outra se relaciona à preocupação de estudar o lazer enquanto objeto/espaço de *educação* (STIGGER, 2009, p. 74).

Partindo desses vieses propostos pelo autor, minha pesquisa não se encontra na lógica educacional, preocupando-se com os aspectos culturais compartilhados na ASTTI. Essa noção plural de culturas advém de autores que buscam alcançar as mais diversas manifestações, na tentativa de compreender as relações próprias de cada cultura. Para tanto, o autor lança mão da ideia de “relatividade cultural” (STIGGER, 2009, p.79), que se sustenta pela lógica de “culturas” (p.79) com letra minúscula e no plural e não com letra maiúscula e no singular, evidenciando que “não há uma cultura superior à outra, mas, sim, culturas diferentes” (p.79).

O antropólogo Roy Wagner em seu livro “A Invenção da Cultura” (2010) aponta que as imagens, os objetos, a ação e o comportamento de cada indivíduo pode ser convertido em motivação, o que influi nas formas de pensar, agir, sentir e se posicionar no mundo. Algo que ele entende como o contexto simbólico, no qual palavras, gestos e imagens ganhariam significação uns em função dos outros, a partir de sua associação mútua. Presume-se, a partir dos apontamentos de Wagner, que o lazer é algo localizado dentro da cultura em um tempo/espaço muito específico da vida das pessoas.

Não obstante, Stigger chama atenção ao fato de que não devemos pensar no lazer como uma dimensão da vida entre parênteses – de acordo com o autor, não devemos considerá-lo como “a antítese da vida cotidiana, mas como a sua continuação” (2009, p. 86). Não devendo o lazer ser identificado como “residual”, mas como “central” na vida das pessoas.

Meu interesse no tema atravessado pela relevância do lazer na vida das pessoas, interpretado e reafirmado por inúmeros estudiosos da área, caracteriza-se como o ponto central deste estudo. Para tanto nas próximas linhas trago as ideias que nortearão o desenvolvimento desta pesquisa.

1.1. NO CLUBE OU SOBRE O CLUBE?

Embora ainda não tenha iniciado a construção acadêmica daquilo que um clube compreende, sendo ele um importante espaço de lazer, não é inacessível presumir que essas instituições, cada uma à sua forma, constituem uma complexa rede de sociabilidade que pode ofertar elementos e diferentes significados para seus associados. O que me leva a apresentar o que busquei ao olhar para essa associação, para tanto iniciarei apresentando-a ao leitor.

A Associação dos Profissionais em Telecomunicações e Tecnologia da Informação (ASTTI) completou seu 40º aniversário em 2020 e ao longo desses anos construiu sua trajetória e carrega consigo narrativas e significados. Proponho compreender um pouco dessa caminhada e como a entidade se insere na vida das pessoas, pautada pelas minhas aproximações enquanto alguém que viveu o cotidiano da ASTTI, mas necessariamente embasada teoricamente.

Localizada em bairro modesto da capital gaúcha e próxima de grandes avenidas da cidade, a ASTTI conta com 38 mil metros quadrados de área construída, mas também de mata nativa. Conta com cerca de seis mil associados, dos quais se dividem em titulares e dependentes, sendo categorizados entre patrimoniais e contribuintes. Assim como outros espaços similares, dispõe de piscinas, salões de festas, quadra poliesportiva e churrasqueiras, além de atividades destinadas aos seus associados, como festas e aulas direcionadas a práticas esportivas (natação, hidroginástica, futsal, funcional e dança).

Ao longo das próximas páginas descreverei a ASTTI com um maior número de detalhes, porém aqui cabe essa descrição para que eu possa explicar de que forma o clube me levou a **compreender como a ASTTI produz espaços que acionam vínculos entre seus associados, fazendo com que eles vivenciem a instituição de diferentes formas e experiências em situações de lazer.**

Para conseguir atender esse objetivo alguns questionamentos me guiaram: Como essa entidade teve seu início? Por que existem categorias de associados? Como as pessoas fazem uso dos espaços físicos ao longo do ano? Como ocorre o contato entre os associados? Laços de amizade são construídos no clube? Qual o papel da entidade nessa construção?

A busca por essas respostas está ao longo das páginas, mas talvez outros questionamentos surjam e esses podem ser mais provocações do que soluções. Trago destaque para o fato de que, embora os responsáveis pela Associação tenham permitido a identificação da entidade em uma reunião que autorizou a realização desta pesquisa, é de extrema relevância salientar que os nomes de todos os interlocutores foram suprimidos e substituídos por legendas que identificam a posição do interlocutor.

Finalizando a introdução e partindo para o aporte teórico e posteriormente empírico, nas páginas que seguem, busquei apresentar elementos e informações que me auxiliaram a refletir e a problematizar sobre algumas dúvidas e inquietações. Dessa forma, organizei o trabalho trazendo no próximo capítulo uma espécie de apresentação das definições e significados referentes às associações, atentando também para os aspectos do associativismo e propus, ainda, um breve apanhado sobre os caminhos dessas entidades no país.

Logo no terceiro capítulo apresento a perspectiva metodológica adotada, apontando também suas ferramentas e técnicas para apreensão dos dados e como fiz uso dessas para a construção da pesquisa. Já no quarto capítulo a ASTTI passa a ser descrita com detalhamento desde seus primeiros passos até o que culminou nos dias atuais. É nesse ponto que adentrei nas experiências vividas em campo e que auxiliaram na compreensão dessa associação.

Já o quinto capítulo destina-se a apontar o que pude apreender no tempo em que estive em campo, como a noção de que lá é um espaço para encontrar a família, os amigos e é um ambiente que proporciona criar diferentes tipos de laços. A ASTTI também funciona com um lugar de quebra das rotinas. Por fim, no último capítulo, trago minhas considerações sobre o que vivenciei, aprendi e pude encontrar nesta pesquisa.

2. CLUBES: UMA PERSPECTIVA NACIONAL

Inegavelmente nos dias de hoje existe uma ampla concorrência dos clubes frente aos meios eletrônicos e às inúmeras oportunidades de lazer existentes na sociedade em que vivemos. Dentre as opções que compõem uma enorme lista de possibilidades encontram-se os *shoppings*, os cinemas, os teatros, as praças e os parques públicos e privados, porém os clubes ainda são uma boa opção (CAPI, 2006).

Além de André Capi, outros autores fazem apontamentos na mesma direção, como Carlos Bramante (1999), que realizou um estudo no qual a administração do lazer em clubes foi analisada, evidenciando então que a estrutura clubística representa uma importante opção de lazer para os brasileiros. Em que pese essa pesquisa ter sido realizada há 22 anos, buscando evidenciar a devida dimensão da relevância dessas entidades o autor cita o caso do Sesc (Serviço Social do Comércio), do SESI (Serviço Social da Indústria) e da AABB (Associação Atlética do Banco do Brasil), que nos anos 1990 – e ressalta-se, ainda nos dias de hoje – era considerada uma das maiores redes de clubes associativos concentrada em uma instituição em todo mundo.

Um terceiro autor propõe que os clubes representam uma das instituições mais significativas da sociedade contemporânea, quando indica a composição do *habitus* esportivo de seus associados (MEZZADRI, 2000). O autor faz uso dos conceitos presentes na obra de Nobeit Elias quando coloca que a composição dos sujeitos conta com interferências externas e que essas são reproduzidas e expressadas em suas ações em diferentes dimensões da vida, dessa forma, o *habitus* dos indivíduos está relacionado à composição social em que o sujeito se encontra, já que as ações são determinadas pela sociedade.

Mesmo que voltados para as questões ligadas à gestão dessas instituições, Antônio Reide e Carlos Bramante, ao analisar a AABB, apontam que as entidades com esse caráter são um “espaço privilegiado para se viver experiências de lazer” (2003, p.39). Apesar de Capi, Mezzadri, Bramante e Reide olharem para os clubes com propósitos diferentes nos estudos apresentados, eles interpretam de forma similar que essas entidades são relevantes à sociedade como espaços de lazer.

Contudo, quando se trata de pesquisas sobre os “clubes sócio recreativos” (CAMARGO; SILVA, 2008, p. 68; BRAMANTE, 2002, p. 174), ou ainda “clubes sociais esportivos que têm caráter recreativo e participativo” (CARVALHO, 2009, p. 44), ou seja, de entidades semelhantes a do meu interesse de estudo, Laura Camargo e Marco Silva (2008) apontam que a academia brasileira conta com poucos estudos na área, com o que corrobora Janete Tanno

(2011), quando coloca que o tema carece de maiores pesquisas e aproximações. Mesmo que tais estudos sejam datados de pelo menos uma década, não consegui, em minhas pesquisas e buscas, encontrar trabalhos mais recentes que tivessem um viés que dialogasse com esta pesquisa. Sobre isso, afirma Beatriz Carvalho:

Mesmo sendo o clube o local tradicionalmente reservado para a prática de esporte no Brasil, a bibliografia sobre o tema é escassa. Inúmeros estudos abrangem o fenômeno Esporte em todas as suas possibilidades e citam os clubes como um possível cenário em que se dá a prática esportiva, sem entretanto abordar questões relacionadas ao clube (2009, p. 31).

Seguindo na linha de raciocínio proposta pela autora, os estudos que abordam a temática são em sua maioria feitos em suas dependências, contudo não direcionam seu olhar para essas entidades, tratando-se de pesquisas realizadas “nelas”, mas não “sobre elas”. Um exemplo disso é a pesquisa feita por Túlio Zambelli (2014), que realizou uma etnografia junto a um grupo de nadadores da categoria máster buscando entender o que os fazia treinar e competir dentro um clube tradicional da capital – seu olhar estava centrado na equipe e não no clube, sua lente não mirava a entidade, mas um grupo em particular e sua prática na natação. Há ainda a pesquisa de Maitê Freitas (2015), que buscou compreender a forma como o esporte de alto rendimento é desenvolvido com crianças em um clube renomado de Porto Alegre – nesse estudo a autora focava seu interesse na formação de atletas que ocorria naquele contexto. Como já referi, esses estudos se voltaram para objetivos e temas específicos, apesar de as investigações terem sido realizadas “em clubes”, e não “sobre clubes”.

Mesmo que sejam escassos, estudos sobre clubes existem. Um dos estudos que buscou entender “o clube” é a dissertação de Marco Silva (2007), quando o autor se aproximou das práticas e representações sociais do lazer em clubes sócio-recreativos de Curitiba/PR. Dentre seus achados e apontamentos está o prisma da compreensão desses espaços:

Para se compreender os clubes sócio recreativos é preciso ter em mente que essas instituições compõem um cenário social complexo, sofrendo transformações ao longo do tempo provocadas por aspectos econômicos, políticos, sociais e culturais. [...] Por conta dessas transformações as formas e significados sociais que os clubes sócio recreativos apresentam na sociedade atual, como um espaço de sociabilidade, é a representação de uma determinada característica associativa de lazer (SILVA, 2007, p. 3).

No caso desta pesquisa, é importante ressaltar que a intenção não é apontar todos os possíveis vieses de discussão acerca dos clubes e associações do país, nem mesmo sobre o associativismo, sobre outros pontos do estudo ou que relacionem com o assunto. Porém, pretendo olhar para essa realidade a partir de perspectivas que me ajudem a perceber os

significados, o funcionamento e os sentidos do associativismo em clubes. Para tanto, já colocada a relevância dessa possível esfera do lazer, agora é indispensável trazer apontamentos sobre essas entidades. Argumentos que justifiquem e caracterizem esse formato peculiar enquanto instituição, junto com suas definições utilizadas em conformidade, além de retomar alguns elementos sobre o associativismo e sua importância. Embora existam inúmeras formas de associativismo, abordarei com maior detalhamento aqueles que foram idealizados sobre os pilares do lazer.

2.1. INTERPRETAÇÕES DO ASSOCIATIVISMO

Conceituo clube como o local em que se reúnem pessoas com interesses em comum, e que geralmente tem edificações, piscinas, quadras, e outros espaços de lazer, em que através do pagamento de uma mensalidade os associados convivem socialmente e praticam atividades físicas em seu tempo livre (CARVALHO, 2009, p. 27).

Essa autora utiliza os espaços dos clubes desde a infância com a família, conforme descreve em sua dissertação, vínculo esse que aos nove anos passou a ser diário quando ingressou na ginástica, o que a levou a ingressar na graduação de Educação Física e a se manter na área como técnica da mesma modalidade, igualmente em clubes. Além da carência de pesquisas sobre o tema, o fato de o estudo de Carvalho se aproximar bastante com os caminhos da pesquisa que realizei me fez optar pelo uso mais detalhado dos seus achados e com eles dialogar.

Não obstante, o que para a autora é tão familiar para outros, nem tanto, e uma dúvida se faz comum quando pensamos nessas entidades sociais: quais são as diferenças ou semelhanças entre clubes e associações? Para refletir sobre isso, busquei algumas definições e conceitos que apresento a seguir:

O dicionário SESC - Linguagem da Cultura, define Clube como a entidade associativa, de caráter privado, normalmente gerido por estatuto, com objetivos sócio-recreativos (CUNHA, 2003 apud CARVALHO, 2009, p. 45).

Em outro momento fiz a busca junto aos dicionários de língua portuguesa, obtendo então que associação é caracterizada pela ação ou efeito de associar, de aproximação, de junção e união, sendo uma entidade que congrega pessoas com interesses comuns, podendo ser profissional, esportiva (DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS, 2019). Para outro, associação é o ato ou efeito de associar, é um agrupamento de pessoas para um fim ou interesse

em comum, uma agremiação, um clube, uma sociedade formada por duas ou mais pessoas com a finalidade de empreender um determinado ramo de negócios, empresa, firma; ou ainda a forma básica de interação social que leva à integração de agrupamentos humanos (MICHAELIS, 2020).

Já clube é tido como uma sociedade de pessoas que se reúnem habitualmente em um local, para recreação, jogos, atividades culturais, práticas de esporte etc., tendo como sinônimo as palavras associação e grêmio (DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS, 2019). Pode ser entendido ainda como local onde as pessoas se encontram regularmente para realizar reuniões de âmbito artístico, cultural, político, social; local com instalações para a prática de diversas modalidades de esportes e recreação; associação de pessoas que compartilham interesses comuns; agremiação desportiva (MICHAELIS, 2020).

Buscando aprofundar essa compreensão, direcionei meu olhar para a produção acadêmica, na qual outros entendimentos, contudo, na mesma lógica, sugeriram, como o proposto por Carvalho (2009) quando estudou o associativismo, o lazer e o esporte em clubes sociais da cidade de Campinas/SP. A autora aponta que antes de compreender a formação de uma determinada entidade devemos “nos voltar para o entendimento do associativismo, que nada mais é do que a base da formação de um clube” (CARVALHO, 2009, p. 37), colocando o associativismo como ponto central do processo constitutivo de um clube.

Para a autora é o interesse comum que justifica a formação de grupos com pessoas que desejam estar juntas numa associação. Por essa perspectiva “as associações acontecem pela necessidade de satisfazer interesses, em qualquer área, sejam eles comerciais, científicos, de lazer, esportivos e outros” (CARVALHO, 2009, p. 37). Representando, dessa forma, um grupo de pessoas que se reúne em prol do interesse comum, que juntos viabilizaram um maior acesso para possibilitar as ações referentes aos interesses compartilhados, das mais variadas origens, interesses, hábitos e necessidades.

Assim, esses diferentes objetivos podem gerar a necessidade de união e de disposição espontânea, que é essencialmente precedida pela participação dos indivíduos em associações formais ou mesmo aquelas de configuração informal:

Associativismo, pensado de acordo com o conceito de sociação de Simmel, envolve, então, a formação de um grupo pelas relações sociais que surgem entre seus integrantes com determinado fim. Análise, inicialmente, duas maneiras principais de associativismo: as institucionalizadas e as sem vínculo institucional, que é o foco desta análise (SILVEIRA, 2008, p. 61).

A dissertação de Raquel da Silveira tratava de jogadoras de futsal que se reuniam semanalmente para treinos e jogos competitivos, mas que além de jogar formaram um grupo de convivência esporádica e espontânea, sem vínculos formais, o que nos leva a pensar que a base do associativismo de um grupo é seu interesse em comum. Olhando por essa mesma lente:

Como definição do associativismo, [...] grupos de pessoas, que se reúnem com objetivos de desenvolver atividades comuns, de interesse cultural e social, independentemente do Estado, com fins específicos. O associativismo está intimamente ligado à ideia de participação, [...] os participantes aderiram por livre e espontânea vontade (CARVALHO, 2009, p. 37).

Destaco o conceito da autora quando ao final de seu trabalho empírico ela interpreta que:

O clube é uma associação de amigos, que freqüentam o espaço com sua família por livre vontade, em busca de lazer e esporte. É consenso que a amizade é o grande aglutinador do clube, o que o torna um ambiente prazeroso para a freqüência de todos os membros da família, se caracterizando como um espaço informal de convivência social, apontando para o interesse social do lazer como o objetivo principal do associativismo, mas também atendendo aos interesses físico-esportivos. [...] O sentimento de pertença promove uma identificação do sócio com seu clube, valorizando-o em relação aos outros (CARVALHO, 2009, p 132).

Uma das etapas do trabalho dessa autora foi realizar entrevistas com os presidentes em exercício quando realizada a pesquisa dos clubes analisados, quando por unanimidade as amizades estavam presentes nas respostas e curiosamente para descrever situações distintas: “o clube é onde você encontra os amigos”, “se a pessoa quer ficar sócio do Clube 1 é porque ele tem amigos aqui” (no Clube 1), “o importante é ver os filhos brincando com os amigos” (CARVALHO, 2009, p. 155).

É possível, então, a partir das ideias expostas, entender que um clube constrói sua estrutura ao redor de seu eixo principal: o associativismo. Partindo dos entendimentos apresentados até aqui, não é difícil, mesmo para quem não vivenciou o cotidiano de uma associação, compreender que ela é constituída pela união espontânea, pautada pela participação de seus membros, organizada em torno da busca pelos interesses comuns e buscando atender as aspirações de seus associados. Por sua vez, cada um a seu modo, o clube é o espaço onde as características associativas são fortalecidas, ofertando aos seus membros relações caracterizadas pelo convívio social frequente percebido no relacionamento pessoal entre os associados.

Contudo, um clube não se sustenta apenas pelos vínculos entre seus associados, necessitando de um sistema de administração, de regras e de um estatuto. O que me conduz a trazer algumas indicações de como elas se organizam de forma geral.

2.2. ELEMENTOS ORGANIZACIONAIS E DE FUNCIONAMENTO

Usufruir das instalações disponíveis em um clube é o que almejam aqueles que tornam-se associados de uma entidade desse viés. Para tanto, é imprescindível conservar tais estruturas – físicas, mas também funcionários –, o que remete aos recursos econômicos necessários para mantê-los, logo não é difícil compreender que esses associados realizem pagamentos mensais que permitem a sustentação dos espaços físicos e dos funcionários.

Capi (2006) percebeu nos clubes que estudou em Araraquara/SP que esses, via de regra, são entendidos como instituições sem fins lucrativos e regidos pela lei do país. Nelas os associados representam uma comunidade de pessoas que constituem essa entidade, onde os sócios titulares efetuam pagamentos mensais respectivos aos serviços. Taxa essa que permite o seu acesso e de seus dependentes à estrutura física, que dispõem de equipamentos esportivos e programações para atividades físicas e eventos sociais (CAPI, 2006).

Na maioria dos casos corroborando o apontado pelo autor, os recursos econômicos que mantêm essas instituições em funcionamento advêm de uma taxa de manutenção paga mensalmente pelo titular, somando-se ao pagamento referente ao título ou joia ao tornar-se associado (CAMARGO; SILVA, 2008). Os associados também seguem um estatuto que, além de especificar as finalidades e objetivos do clube, deve contar com as normas e diretrizes, bem com direitos e deveres estabelecidos, salientando que em algumas entidades os associados são categorizados, ou seja, existem diferenças entre cada grupo, como apontam Camargo e Silva (2008).

Embora cada entidade tenha suas especificidades, algumas são comuns a esses espaços privados de lazer, além dos fatores econômicos e administrativos, alguns outros elementos caracterizam os clubes, como a dimensão, a localização, o conteúdo e os serviços ofertados aos associados. Bem como “uma configuração funcional bem distinta de outros segmentos empresariais privados, [...] administrado por uma diretoria voluntária eleita através do voto direto do quadro associativo” (SILVA, 2007, p. 63).

Em que pesem as diferenças entre esse tipo de associativismo, com as colocações e os apontamentos até o momento expostos, busquei oferecer uma melhor compreensão das particularidades dessas entidades e seus vínculos com o lazer. Isso me leva a destacar, conforme

mencionado ao longo das páginas que antecedem, que quando eu me referir a clube estou levando em consideração uma instituição de vertente esportiva e social, sustentada pelos pilares do lazer, tendo seu espaço físico delimitado e frequentado pelos seus associados, que para terem acesso à estrutura e às atividades pagam uma taxa mensal. Dessa forma, esclareço que daqui em diante que quando eu me referir às expressões “clube”, “associação”, “entidade” ou “instituição”, peço que a lógica de pensamento seja a mesma, na qual o associativismo é o protagonista.

2.3. EVIDÊNCIAS DO PASSADO

Dentre as possíveis atividades ofertadas por um clube social-recreativo estão: ‘Saúde, qualidade de vida, lazer, esportes, atividades artísticas, exercício de cidadania, educação e turismo’ (REIDE; BRAMANETE, 2003, p. 30).

Essa passagem – embora tenha sua origem em um trabalho com olhar voltado à gestão dos clubes, o que não é a proposta desta pesquisa, nos auxilia a compreender essas entidades – remete às inúmeras possibilidades ofertadas em um clube do final do século XX e início do século XXI, porém não lembra as oportunidades presentes nos primeiros clubes fundados no país no século XIX. Após apresentar algumas características do associativismo e de esclarecer o uso da nomenclatura que será usada ao longo do texto quando me referir a essas entidades, nas próximas páginas pretendo propor alguns vestígios ou possíveis versões do passado (PESAVENTO, 2008) para apresentá-las no contexto nacional.

Faço uso dos apontamentos de Sandra Pesavento quando suas interpretações provocam o pensamento de que o passado apresentado é uma das possíveis versões do que já foi um dia, já que é baseado em formas de interpretação, propondo que existe assim a “coisa acontecida – e [...] coisa construída” (2008, p. 184). E que para essa construção rastros, vestígios e evidências são usados na tentativa de compor uma versão daquilo que se quer apresentar.

Dadas as acepções atuais daquilo que é o associativismo ou do que um clube representa na sociedade, as configurações desse fenômeno não são novidades no cenário brasileiro, visto que estão espalhados por todo o território nacional. Em sua maioria possuindo sede própria, incorporados ao cenário urbano e acompanhando o processo de urbanização (SILVA, 2007).

É importante colocar aqui que o sul do Brasil – envolvendo os estados de RS, SC e PR –, devido ao alto número de imigrantes, contava com um grande número de clubes esportivos e recreativos quando comparado ao restante do território (COSTA, 2005). Outro estudo aponta

que as associações dedicadas ao lazer e aos esportes, incluindo os grandes clubes esportivos ou sociais que “é no Sul que essas entidades são relativamente mais numerosas. Nesta região, pouco mais de um quinto das organizações (21%) são culturais e recreativas” (OLIVEIRA, 2011, p. 8).

Instituições como essas não passam despercebidas aos olhos quando cruzamos com suas instalações, seja pelo tamanho, pela localização, pelas bandeiras com nome de entidades tradicionais nas suas cidades, o que acaba por despertar curiosidade nos sujeitos que transitam nesse espaço do município ou nos que lá residem e não possuem vínculo com elas. Elas também chamam a atenção pela movimentação de entra e sai de pessoas, pelas vozes – quando muradas – que se escutam vindas de dentro, e mesmo – quando possível – pela visualização das atividades internas por olhares advindos “de fora”. Os muros conferem privacidade aos associados, mas estimulam a produção de imagens sobre as atividades, espaços, equipamentos e experiências vivenciados pelos sócios (SILVA, 2007).

Em seu estudo realizado no estado do Paraná, Silva (2007) relata historicamente que muitos dos clubes sociorrecreativos e suas estruturas físicas foram concebidos, inúmeras vezes, antes da elaboração e construção dos bairros e das cidades em que eles se localizavam. O autor atribui essa peculiaridade ao fato dessas serem instituições características do contexto urbano brasileiro do início do século XIX se estendendo com menor intensidade até o início da década de 1970. A chegada dos imigrantes alemães ao país com o intuito de colonizar a nação em meados do século XIX resultou não apenas na ocupação de terras, mas também nas primeiras ações de associativismo, corroborando o que foi apresentado por Fernando Mezzadri (2000) em relação ao mesmo estado e como apontam os autores abaixo que desenvolveram seus estudos na sociedade gaúcha:

Os teuto-brasileiros, ao chegarem ao extremo sul do país, buscavam espaços de sociabilidades onde poderiam se reconhecer, assim como recriar estratégias para manter suas tradições e costumes. Reunir-se em um clube, falar o idioma alemão, exercitar-se e praticar esportes são exemplos de como eles preservaram sua cultura (SILVA; PEREIRA; MAZO; 2012, p. 4).

Além dos associativismos conhecidos da capital gaúcha e dos apontados pelos autores no Paraná, outras constituições similares são percebidas ao longo do estado do Rio Grande do Sul, como o associativismo em Santa Cruz do Sul que auxiliou no processo de consolidação daquela sociedade (ASSMANN, 2015). A autora inicia suas discussões partindo dos incentivos realizados pelo governo brasileiro a fim de colonizar o país em meados do século XIX, o que resulta na chegada dos primeiros alemães à Colônia Alemã de Santa Cruz (ASSMANN, 2015).

O crescimento da população e o desenvolvimento da sociedade findaram no que hoje conhecemos como a cidade de Santa Cruz do Sul. Porém, essas transformações não foram um processo fácil, mas que contou com o associativismo entre os imigrantes na tentativa de uns ajudarem aos outros.

O que culminou na possível primeira associação do estado, conforme apontam os autores utilizados por Alice Assmann (2015) na cidade de Santa Cruz do Sul no ano de 1863, essa comportava as práticas de tiro ao alvo e de cavalaria. Com o passar do tempo, outras práticas foram sendo incluídas, como o bolão, o que nos permite compreender a relevância dessas entidades e do associativismo para os imigrantes alemães (ASSMANN, 2015). Tanto que nos anos seguintes outras associações foram surgindo no cenário santa-cruzense, envolvendo práticas como o turfe – uma atividade baseada na corrida de cavalos –, além do tênis, o futebol, o tiro ao alvo, a cavalaria, o bolão e a ginástica.

No que tange às imigrações alemãs, elas não se restringiram à cidade de Santa Cruz do Sul. Os imigrantes também se instalaram no que hoje entendemos como a cidade de Porto Alegre, e de forma similar aos santa-cruzenses organizaram os primeiros clubes da capital gaúcha em meados do século XIX (SILVA; PEREIRA; MAZO, 2012), impulsionando assim o desenvolvimento de práticas esportivas na cidade. Contudo, eles não se limitavam à prática dos esportes, mas também eram vinculados à “preservação da cultura, socialização e lazer” (p. 2). Assim, os autores apontam o esporte como algo que pode ser entendido como uma prática cultural utilizada para meios de sociabilidade.

Para Carolina Silva, Ester Pereira e Janice Mazo, o primeiro clube fundado em Porto Alegre foi a “Sociedade Ginástica Porto Alegre, em 1867” (2012, p. 2), que atualmente é um dos mais consolidados na cidade. Como já diz no nome, a ginástica, ou o *turnen* em alemão, englobava outras práticas para além da ginástica, como a corrida e a esgrima. Se para os imigrantes alemães a construção de vínculos se dava através dos clubes, para os luso-brasileiros os laços de pertencimento eram alimentados pelo turfe (MAZO; GAYA, 2006 apud SILVA; PEREIRA; MAZO, 2012). Além disso, os prados (local de prática do turfe) acabaram tornando-se os principais espaços de sociabilidades e lazer deste grupo social na capital.

Essa breve explanação baseada nos achados de Assmann (2015), bem como nos de Silva, Pereira e Mazo (2012) sobre o início das associações, nos permitiu compreender o fenômeno do associativismo, muito vinculado à manutenção das identidades culturais. Pode-se entender, então, que ao longo do processo os clubes esportivos eram reconhecidos enquanto espaços de sociabilidade e lazer. Partindo dessa lógica, Assmann (2015) ressaltou que as associações esportivas por ela estudadas, em sua maioria pautadas pelas práticas culturais,

tiveram um caráter de espaço que promovia a convivência social da população através dos diferentes eventos com o intuito de ofertar esses momentos de sociabilidade e lazer aos seus associados.

Dentre os possíveis olhares que um pesquisador pode imprimir sobre sua pesquisa, Mezzadri (1999) optou pelo processo histórico dos clubes esportivos do estado do Paraná, o que permitiu a identificação de algumas diferenças entre as entidades observadas. Essas distintas configurações o levaram a elaborar categorias, as quais possibilitaram um maior entendimento ao autor dos processos e o levaram a compreender a formação dos clubes, principalmente, pautada por questões de classes econômicas, sociais e da configuração existente na sociedade paranaense, propondo os seguintes vieses:

Um primeiro tipo de agrupamento era ligado às entidades culturais, literárias e políticas, nas quais os indivíduos compartilhavam o mesmo posicionamento político, ou estavam representando uma mesma manifestação cultural e literária. Em outra ponta, como segundo grupo, observaram-se as entidades constituídas por pessoas de alto poder aquisitivo, cujo objetivo era perpetuar os comportamentos sociais da elite. O terceiro grupo de clubes foram os organizados pelos imigrantes europeus, que objetivavam a manutenção das tradições de seus países, sob os mais diferentes aspectos. Por fim, o quarto grupo, formado pelos clubes beneficentes operários, entidades criadas para auxiliar nas dificuldades dos operários, classe que estava em processo de consolidação mas que já se encontrava relativamente organizada (MEZZADRI, 2000, p. 23).

Outras possibilidades para o associativismo foram observadas por Silva (2007), como: grupos étnicos ou de trabalhadores representando determinada classe; empresas enquanto empreendimento imobiliário; pessoas que contam com interesses esportivos ou artísticos comuns; e outros que se reúnem e formalizam os clubes sociorrecreativos como espaço de sua representatividade.

Embora Mezzadri (2000) tenha direcionado seu estudo às questões da prática esportiva, ele também tratou de outras questões, como os hábitos e costumes trazidos pelos imigrantes que se instalaram no estado. Uma das formas de fazê-lo foi através da “organização dos clubes sociais e esportivos e as modalidades esportivas praticadas no interior desses clubes” (p. 22). Assim, em se tratando da sociabilidade de grupos, um dos vieses dessa pesquisa, podemos inferir que essas entidades representam um espaço para a construção dessa relação e estão vinculadas a algumas práticas (MEZZADRI, 2000).

Uma delas é o boliche, prática esportiva, corporal e lúdica trazida pelos alemães na década de 1820, que por algum tempo foi praticado apenas pela elite, à qual, posteriormente, os operários passam a ter acesso. Assim o desenvolvimento dessa prática ao longo de quase

cem anos culminou em outros costumes, como aponta o autor no relato referente ao Clube Concórdia de Curitiba, fundado em 1883, de origem alemã:

Essa atividade esportiva era acompanhada de chá ou café com doces e outros costumes próprios dos alemães. O que é interessante verificar são as relações construídas ao redor do boliche. As ações existentes em volta das práticas esportivas, como o comer e o beber, alavancavam gradualmente o número de praticantes de boliche e a sua influência no interior da entidade (MEZZADRI, 2000, p. 28).

Esse trecho permite compreender que o boliche chegou aqui como “apenas” uma atividade esportiva praticada por um grupo específico. Porém, com o passar dos anos, relações foram desenvolvendo-se ao redor dele, como os hábitos de comer e beber, fatores intimamente ligados à sociabilidade entre os praticantes, manifestação essa presente na sociedade moderna em confraternizações entre amigos e familiares. Além disso, possivelmente, ao consumir chás e doces próprios da tradição alemã, fazia com que os praticantes ocupassem aquele espaço por mais tempo do que se fossem apenas jogar boliche, e ainda possibilitava a perpetuação dos costumes como uma forma de culto à cultura alemã.

Retomando os clubes operários observados por Mezzadri, o futebol era a principal prática esportiva, que aos olhos do autor se justifica pela fácil adaptação do espaço para sua execução, pela facilidade da aquisição do material necessário e pelo comportamento dos seus praticantes, que não eram requintados (MEZZADRI, 2000). O autor sugere que “talvez esses sejam os fatores que contribuíram para a popularização do esporte” (p. 33). Além disso, o aumento no número de clubes e associações que praticavam o esporte permitiu que regras e organizações construíssem entidades de futebol nos moldes que conhecemos atualmente.

Cabe salientar que o autor identificou que as ações dos representantes desses clubes operários estavam divididas em dois eixos: “de um lado, os objetivos calcados no auxílio aos sócios (na busca de trabalho e na da saúde); de outro lado, praticava-se o futebol, um esporte até certo ponto popular para o momento” (MEZZADRI, 2000, p. 30).

Outras formas de sociabilidade são propostas por Camargo e Silva (2008), como os jogos de xadrez, encontros de literatura e de dança, ou mesmo os Centros de Tradição Gaúcha (CTG). Corroborando tal entendimento, os autores sugerem que “o motivo da existência dos mesmos na atualidade é o desenvolvimento de práticas recreativas para o público que a mantém, ou seja, seus associados” (p. 69). Apontam também que essas entidades, via de regra, se destinam a práticas no campo do lazer, por meio de atividades esportivas e artísticas ou por outras manifestações culturais, como procedimentos estéticos, terapêuticos, relaxamento ou divertimento. Atividades essas elaboradas e realizadas com o intuito de suprir expectativas e

anseios do público que dedica investimentos e tempo para desfrutar dessas práticas, os associados (CAMARGO; SILVA, 2008).

Retomando o que foi visto até aqui sobre a formação dos clubes no país com a chegada dos imigrantes europeus – com destaque ao final do século XIX até metade do século XX – essas instituições tiveram e ainda têm grande representatividade na sociedade, mesmo frente às incontáveis mudanças nesse extenso período de tempo. Se para os alemães os eventos festivos e as competições eram as oportunidades de contato social e recreação, para os operários o futebol e o boliche igualmente promoveram sociabilidade e lazer para seus praticantes.

Após o aporte teórico até aqui apresentado, fica evidente que os clubes sociais esportivos são importantes espaços de lazer, uma vez que seus membros fazem uso dele em seu tempo disponível, e que sua origem é o associativismo decorrente dos interesses no lazer dos associados. Assim, partilhando da necessidade de sociabilidade, de ajuda e de divertimento, pessoas reuniam-se/reúnem-se, idealizando associações espalhadas pelo país, com o intuito de estabelecer as diferentes formas de associativismo.

Cabe agora direcionarmos o olhar para a ASTTI, entidade essa que será meu espaço de pesquisa. Para debater sobre os questionamentos que trago na introdução, a seguir proponho as reflexões metodológicas nas quais irei me apoiar para deliberar e problematizar minhas dúvidas e inquietações.

3. A VIVÊNCIA ETNOGRÁFICA

[...] a etnografia produz interpretações culturais através de intensas experiências de pesquisa [...] deve-se ter em mente o fato de que a etnografia está, do começo ao fim, imersa na escrita. Esta escrita inclui, no mínimo, uma tradução da experiência para a forma textual (CLIFFORD, 2008, p. 21).

Guiada pelas interpretações de James Clifford sobre a autoridade etnográfica presente na “A experiência etnográfica” (2008) e partindo dos apontamentos do autor, optei por assumir essa ideia de experiência, já que ela pauta o processo da pesquisa etnográfica. Clifford aponta a observação participante como a base da etnografia, apoiada nas vivências físicas e intelectuais do pesquisador, para que, a partir dos desarranjos decorrentes das constantes oportunidades, resulte no texto. Para tanto, a descrição cultural feita pelo pesquisador é resultado da tradução das suas experiências para a escrita final.

Seguindo na linha de experiências etnográficas, Mariza Peirano (2014) provoca a reflexão dos leitores trazendo como título do artigo “Etnografia não é método”. A autora se vê renovando o título de eleitora e a partir dessa situação percebeu seu instinto etnográfico despertado, pautada por alguns acontecimentos, já que em suas palavras pesquisa de campo não tem momento definido de início e fim. O contato com esses conceitos me provocaram reflexões sobre como percebia a proposta, quando compreendia a etnografia como um método único de apropriação.

Porém, conforme me aproximava de leituras variadas e levando em consideração as colocações de Peirano (2014) quando ela sublinha que o fazer etnográfico se sustenta na análise da empiria, fui entendendo que não basta olhar os dados, sendo preciso também desenvolver questionamentos e reflexões para analisar os achados. Assim, fui percebendo que cada estudo direciona o pesquisador a uma elaboração do método, como segue no trecho:

[...] reconfigurar as questões originais e colocar outras, de forma criativa e ousada. Era o momento da exploração (no duplo sentido). Mas aprendemos, daquele momento em diante, que o ‘método etnográfico’ implica a recusa a uma orientação definida previamente (PEIRANO, 2014, p. 4).

Ao declinar dos apontamento prévios, a teoria acaba se aprimorando com o confronto dos dados, dessa forma, a cada nova etnografia constitui-se de um novo método, como interpreta Peirano:

[...] sempre tivemos/temos que conceber novas maneiras de pesquisar – o que alguns gostam de nominar ‘novos métodos etnográficos’. Métodos (etnográficos) podem e

serão sempre novos, mas sua natureza, derivada de quem e do que se deseja examinar, é antiga. Somos todos inventores, inovadores (2014, p. 5).

As atribuições feitas por Clifford e Peirano sobre a etnografia permitem compreender que a cada nova experiência etnográfica o pesquisador, através de suas interpretações e vivências, construa seu método etnográfico. A etnografia se presta a expor o novo, assim cada pesquisador imprimirá seu olhar sobre o estudo, usando das ferramentas etnográficas para compor seu método.

Em outras palavras, uma etnografia carrega os entendimentos de seu pesquisador:

No momento da observação participante e em todo o processo do fazer etnográfico, as informações obtidas dependem do conhecimento e também da história de vida que o pesquisador possui (SILVEIRA, 2008, p. 42).

Operam com conceitos próximos aos apontados as autoras Ana Rocha e Cornélia Eckert (2013), ao propor a ideia de que uma etnografia é construída a partir de diferentes conhecimentos e que suas técnicas e procedimentos de pesquisa estão associados ao trabalho de campo, que pode envolver uma maior ou menor convivência com o grupo social estudado. Essa convivência é mantida pela relação entre o pesquisador e seus sujeitos, podendo se dar através de observações, conversas, entrevistas e outras ferramentas (ROCHA; ECKERT, 2013; VELHO, 1978). O “exercício de olhar (ver) e do escutar (ouvir)” (ROCHA; ECKERT, 2013, p. 54) auxiliam na construção desse conhecimento, que não parte de hipóteses, mas que emergem com a elaboração do trabalho.

Partindo desses pressupostos de experiência e das ferramentas que compõem o método, um estudo etnográfico acaba conferindo a esse saber uma ideia de construção artesanal, não havendo uma receita pronta (ROCHA; ECKERT, 2013). Nesse sentido, conforme o pesquisador se aproxima dos seus sujeitos, as inquietações surgem, bem como essa proximidade direciona o caminho a ser seguido pelo pesquisador e quais ferramentas serão necessárias para construir a pesquisa.

Contudo, o processo de busca deve estar apoiado em um certo distanciamento, como desenvolveu Gilberto Velho (1978), ao colocar que as pesquisas de cunho social necessitam de uma distância considerada por ele mínima. O capítulo “Observando o familiar” trata dessa premissa da ciência social, que por meio do afastamento objetiva a garantia de que o envolvimento do pesquisador não interfira em seus entendimentos e conclusões acerca do objeto estudado.

Por esse viés, José Magnani (2002) acrescenta a ideia sinalizando ser preciso “um olhar *distanciado*, indispensável para ampliar os horizontes da análise e complementar a perspectiva *de perto e de dentro*” (p. 11). Esse olhar “de perto e dentro” sugere a necessidade da descrição, bem como de reflexão sobre o objeto estudado, já que quando o olhar é direcionado “de longe e de fora” (MAGNANI, 2002, p. 18) é dada pouca relevância para aqueles que constituem a pesquisa, os sujeitos.

Feita uma apresentação acerca de como é entendida a vivência etnográfica por alguns autores, trago a seguir as técnicas da pesquisa que optei por utilizar para compor este estudo e buscar as possíveis respostas aos questionamentos levantados. Complementarmente seguem como e quando elas foram se inserindo no desenho da pesquisa.

3.1. AS TÉCNICAS DA PESQUISA

“As informações obtidas em campo dependem basicamente da relação do pesquisador com os informantes” (SILVEIRA, 2008, p. 42). A relação entre o pesquisador e os sujeitos estudados se constrói através da convivência entre eles, que pode se estabelecer em maior ou menor grau ao longo dos trabalhos de campo. No meu caso, essa relação já existia previamente à entrada em campo, o que possibilitou algumas facilidades – como o acesso livre –, mas alguns obstáculos fizeram parte da pesquisa – como a minha familiaridade com os comportamentos.

Dentre os procedimentos de coleta de dados apontados pelos autores etnográficos estão: as observações, as entrevistas, as conversas, o contato com o universo e a construção de diários de campo. Aparato esse que permite ao pesquisador desenvolver sua interpretação sobre o grupo estudado e assim desenvolvendo uma espécie de reconstrução do universos estudado e um sistema de representação de informantes.

Essa ideia de sistema de representação presente em uma etnografia é descrita com maior detalhamento na tese de Marco Stigger (2000) quando ele atenta para os saberes e práticas e para os contrastes culturais e sociais dos sujeitos pesquisados:

O trabalho etnográfico é assim o resultado da interpretação de padrões culturais de um contexto específico, desenvolvida pelo investigador a partir das representações que determinados indivíduos e grupos sociais fazem das suas práticas. Estas representações – imagens mentais da realidade, carregadas de valores – estão incorporadas nos discursos e nas ações destes indivíduos e grupos, assim como objetivadas noutros elementos da sua cultura (documentos; monumentos; trabalhos

artísticos; etc.); todos estes elementos estão acessíveis ao investigador pela sua própria vivência, devendo este analisá-los e interpretá-los (p. 58).

A etnografia é interpretada por Magnani (2002) como a forma de pensar o outro, no caso aqueles que estão sendo o objeto de pesquisa, e esse processo exige mudança do pesquisador, para que este possa aprender os significados da cultura estudada, bem como interpretá-los e posteriormente descrevê-los. Sendo assim:

A observação participante obriga seus praticantes a experimentar, tanto em termos físicos quanto intelectuais, as vicissitudes da tradução. Ela requer um árduo aprendizado linguístico, algum grau de envolvimento direto e conversação, e freqüentemente um 'desarranjo' das expectativas pessoais e culturais. [...] mas como meio de produzir conhecimento a partir de um intenso envolvimento intersubjetivo (CLIFFORD, 2008, p. 20).

Para Clifford (2008) a observação participante possui destaque na pesquisa, o que deve somar-se a análise dos acontecimentos cotidianos, buscando compreender as dinâmicas do contexto estudado e dessa forma, construir novas interpretações. A técnica da “observação direta” (ROCHA; ECKERT, 2013, p. 55) possibilita investigar os saberes e as práticas, tomando conhecimento das ações e das representações, além dos contrastes existentes no contexto estudado. Essas observações buscam conhecer o outro e assim perceber aquilo que não é dado em um primeiro momento, mas que precisa ser experimentado e logo após refletido, de acordo com Rocha e Eckert (2013).

Entendida a observação e sua importância, iniciei minhas idas a campo em maio de 2019, no jogo que ocorreu em comemoração ao Dia das Mães sendo por elas disputado, e a cada evento ou acontecimento que se dava de forma pontual ao longo do ano participei conforme era possível. Contudo, eles ocorriam em situações isoladas, como confraternizações ou torneios, já que ao longo da temporada de inverno, como é chamada na ASTTI, a circulação de pessoas é pequena e se resume a momentos específicos. Até que em dezembro de 2019 foi aberta a temporada de verão e assim as observações puderam ganhar intensidade e frequência, período que se estendeu até março de 2020. Como o clube apresenta maior movimentação de pessoas no período da tarde, minhas observações ocorreram nesse turno com duração de duas a três horas, numa média de duas a três vezes na semana.

Essas observações precisaram ser interrompidas, embora já estivessem próximas do fim, pois se abateu sobre o mundo a pandemia da Covid-19. Em Porto Alegre, seguindo o decreto estadual, os clubes e outros serviços foram paralisados em 18 de março de 2020. O que impossibilitava a minha ida a campo, além, é claro, do uso do clube pelos associados, algo que

permaneceu assim por mais de cinco meses, quando a ASTTI retomou parcialmente as atividades no início de setembro do mesmo ano.

Os “diários de campo” (ROCHA; ECKERT, 2013, p. 71) estão vinculados à técnica da escrita, em que o pesquisador, após cada observação, retoma o cotidiano e faz um registro escrito daquilo que foi captado. Essa técnica está relacionada aos sentimentos resultantes das observações. Porém não é possível no momento da observação fazer uma escrita reflexiva, então existe o chamado “caderno de notas” (ROCHA; ECKERT, 2013, p. 71), o qual é constituído de pequenas anotações acerca daquilo que chamou a atenção do pesquisador e que posteriormente será retomado para a construção do diário de campo. Este contém as informações referentes às observações, mas também as reflexões sobre as idas a campo, representando ainda a percepção do pesquisador sobre si ao longo da trajetória de pesquisa (ROCHA; ECKERT, 2013).

Outra técnica da qual lancei mão foram as entrevistas, que, somadas às observações, compõem o conhecimento e levam o pesquisador a interpretar o sistema que orienta o universo estudado (ROCHA; ECKERT, 2013). Tendo ciência de que complicações ocasionais podem ocorrer em pesquisas, as autoras sugerem que entrevistas de cunho “livre, aberto, semi-guiado” (p. 70) possibilitam a troca de conhecimento mútuo e cabem de forma positiva em uma etnografia.

Pretendendo fazer as entrevistas ao longo do mês de abril foi preciso adaptar, devido ao distanciamento social imposto pelo coronavírus. Entrei em contato com os sujeitos que seriam entrevistados através das redes sociais para convidá-los a participar da pesquisa e propus duas opções: ligação telefônica ou mensagens via WhatsApp. Então após o aceite enviei o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para leitura e solicitei que todos enviassem um áudio informando seu nome e afirmando aceitar participar da pesquisa, como propõe a autora:

No caso de entrevistas abertas, via redes sociais, também encontrei na literatura, que a pesquisa pode ser explicada ao voluntário pelo pesquisador e que sua aceitação em participar, registrada em áudio ou por escrito, vale como consentimento esclarecido, de maneira semelhante a como a pesquisa etnológica se dá entre povos de tradição oral (BANDEIRA, 2016, p. 107).

Dessa forma, uma solução foi realizar chamadas telefônicas, que foram combinadas previamente com aqueles que optaram por esse meio de contato. Para tanto, gravei as ligações e as transcrevi posteriormente. Entre os que optaram pelo uso da rede social – outro recurso usado – alguns responderam por mensagens escritas e outros por mensagens de áudio, nesse

caso também fiz a transcrição. Os sujeitos participantes são dois vice-presidentes, dois associados titulares e um dependente, dois funcionários e um prestador de serviço.

Outro importante meio para obtenção de dados são três documentos: Estatuto Social, Regulamento Interno e o livro lançado em 2020 para comemorar os 40 anos da ASTTI. Os dois primeiros foram fundamentais para a compreensão do funcionamento administrativo, de questões relacionadas as categorias de sócios e de regras. Já o livro me auxiliou a compreender um pouco mais da trajetória do clube ao longo desses anos.

Essas ferramentas foram a base da pesquisa, contudo, frente à pandemia e à interrupção dos processos tradicionais de busca já apontadas, optei por incluir as publicações feitas na mídias sociais da ASTTI como mais uma fonte de material empírico, na ideia de reforçar aquilo que já estava posto. Inseridos na sociedade, é de fácil compreensão, a existência do amplo acesso à internet e do uso das redes sociais como via de comunicação, trago as ideias propostas pela autora para reforçar:

Acredito, como Kendall (1999), Hine (2000) e Wesch (2008), que a internet não é apenas uma paisagem ou plataforma, mas tampouco é um outro mundo, alheio aos pertencimentos global, regional, local, comunitário, familiar, clubístico e etc. de seus usuários ou adeptos. Concebo a internet como um meio social, ou mais uma dimensão da vida humana. Esta é uma análise que se viabiliza pela internet e não uma análise da internet, por isso, seu recorte não será apenas um site ou um tipo de página ou dispositivo online, mas sim as conexões entre os diversos meios engendrados na discussão do tema (BANDEIRA, 2016, p. 90).

Os caminhos e as estratégias escolhidos para percorrer ao longo do desenvolvimento desta pesquisa estiveram pautados pelos saberes etnográficos, tendo o entendimento de que sua construção sinaliza a elaboração de novas perspectivas. Tendo em vista a construção das relações com os sujeitos e das ferramentas por mim utilizadas para obter as impressões, logo trago os processos de estranhamentos da pesquisa.

3.2. OS ESTRANHAMENTOS

Esse tópico se dispõe a aproximar-se das discussões sobre os movimentos de estranhar presentes nesse método que se serve de inúmeras técnicas (MAGNANI, 2002), conforme entende ser necessário o pesquisador.

Os precursores do fazer etnográfico, dentre eles Malinowski, que permaneceu em uma tribo por um longo período buscando compreendê-los, baseavam suas pesquisas na compreensão de sociedades que não as suas. Contudo, com o passar dos anos, os estudos

voltaram-se para a sociedade na qual o etnógrafo estava inserido (DAMATTA, 1978), pois, compartilhar a mesma cultura não significa que as relações dos nativos e do pesquisador com ela sejam iguais. As mudanças no método etnográfico e na postura dos pesquisadores, desde os precursores até as reflexões contemporâneas, sinalizam alterações na forma com a etnografia é percebida e interpretada.

Partindo da premissa de que o objeto desta pesquisa faz parte da minha cultura enquanto pesquisadora e sujeito social, não sou estranha ou desconhecida em relação aos indivíduos estudados. Embora exista uma relação de proximidade com meu campo de pesquisa, não me entendo como uma nativa, principalmente por não ter vínculo com o quadro associativo, minha relação com a associação era de prestação de serviço na posição de uma funcionária terceirizada.

Não obstante, estando essa relação inserida na minha cultura, entendo como “familiares”(DAMATTA, 1978, p. 4) os ambientes físicos da Associação, alguns associados e parte do quadro de funcionários e de diretores, mesmo que sem o olhar de pesquisadora. Porém, ao atentar para o comportamento dos indivíduos, enquanto na perspectiva de pesquisadora, pude perceber detalhes antes imperceptíveis, ou mesmo ao observar espaços sendo apropriados de formas distintas, fui percebendo configurações desconhecidas, em se tratando de alguém familiarizada àquele contexto, aos olhos de Roberto DaMatta os percebi como “exóticos” (1978, p. 4).

Pressupondo, conforme coloca Velho (1978), que a familiaridade é o conhecido e o exótico representa o desconhecido, proponho a reflexão: nas cenas em que entendia como familiares encontrei exotismo, será que naquelas exóticas ao primeiro olhar não havia algo conhecido? Afinal aquele espaço estava inserido na minha cultura. O que para mim representa a interpretação que faço daqueles que observo a partir da minha cultura, do meu entendimento e das minhas vivências naquele espaço.

Por conseguinte, o processo de compreensão dos elementos culturais acrescidos das oportunidades que emergem da instituição constitui as vivências etnográficas. É preciso estabelecer um diálogo que provoque experiências de estranhamento (DAMATTA, 1978; VELHO, 1978), operando a partir do movimento de transformar o “exótico em familiar e o familiar em exótico” (DAMATTA, 1978, p. 4).

Nessa linha, Stigger (2000) sugere que a tradição antropológica se pauta pela:

[...] vontade de transformar o *estranho em familiar*, no decurso do seu desenvolvimento e ao tentar também decifrar os hábitos e costumes da própria sociedade em que estão inseridos, os antropólogos passaram a seguir um caminho inverso: começaram a tentar transformar o *familiar em estranho*. Assim, a

investigação de caráter antropológico volta-se hoje para a sua própria sociedade, preocupando-se em descobrir como se constroem e se desenvolvem, práticas culturais que – à primeira vista e por estarem tão fortemente inseridas nas nossas vidas – costumamos considerar quase que parte da nossa natureza (p. 55).

Seguindo o panorama, Peirano reflete que esses movimentos de estranhar são fundamentais no processo de construção da etnografia, quando hoje analisamos nossa cultura.

[...] a pesquisa de campo não tem momento certo para começar e acabar. Esses momentos são arbitrários por definição e dependem, hoje que abandonamos as grandes travessias para ilhas isoladas e exóticas, da potencialidade de estranhamento, do insólito da experiência, da necessidade de examinar porque alguns eventos, vividos ou observados, nos surpreendem. E é assim que nos tornamos agentes na etnografia, não apenas como investigadores, mas nativos/etnógrafos (2014, p. 4).

Esse movimento é indispensável à construção do conhecimento, no tocante que familiaridade não deve ser entendida como sinônimo de conhecimento científico, mas como uma forma de apreender a realidade. Tornar o objeto estranho ao estudar o familiar possibilita ao pesquisador rever e enriquecer seus resultados, e assim construir a sua versão interpretativa, que será uma das versões possíveis, o que deve se somar à relativização dos dados (VELHO, 1978, 1980). Para o autor uma etnografia se constitui de um:

[...] trabalho é de natureza *interpretativa*. Não é uma interpretação de dados brutos, ‘objetivos’ e ‘naturais’, mas uma interpretação de interpretações. [...] objetivo de reflexões a maneira como as culturas, sociedades e grupos sociais *representam, organizam e classificam* suas experiências (VELHO, 1980, p. 3).

Por fim, quando Rocha e Eckert (2013) colocam a necessidade de olhar e escutar, estão explanando a necessidade de distanciar-se da própria cultura para que seja possível se colocar dentro do contexto que está sendo estudado. Por essa perspectiva após as apreensões o autor irá refletir e interpretar seus achados a fim de compreender os grupos estudados.

Em suma, o entendimento da metodologia de forma mais ampla, depois a forma como cada ferramenta auxiliou na construção da pesquisa e por último quais são os movimentos necessários para criar uma interpretação da cultura vivida compunham o capítulo metodológico. Esses apontamentos e considerações guiaram a construção da pesquisa na tentativa de compreender as questões culturais e de associativismo presentes na ASTTI, que nas próximas páginas será a personagem principal.

4. ASSOCIAÇÃO DOS PROFISSIONAIS EM TELECOMUNICAÇÕES E TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO (ASTTI)

“Cada clube tem sua história particular referente à sua criação e sua trajetória” (CARVALHO, 2009, p. 77). Embora essa afirmativa carregue um peso assertivo relevante, facilmente entendemos que ela se faz genuína, já que essas entidades possuem sua história assim como qualquer empresa, bem como os relacionamentos ou ainda quando pensamos em nós enquanto indivíduos que têm sua trajetória construída de forma única. Não seria a ASTTI a fugir dessa lógica.

O apanhado teórico construído ao longo das páginas que antecedem permitiu uma melhor compreensão daquilo que cerca os clubes no país, evidenciando a complexidade do associativismo, tão fundamental em sua base. Cabe então inserir a entidade, foco do meu estudo, apresentando alguns vestígios do que aconteceu em seu passado (PESAVENTO, 2008) que ajudarão a pensar sobre a entidade, além de características físicas e das oportunidades de lazer proporcionadas pela Associação, baseada em minhas idas a campo e entrevistas. Exposição essa que se faz necessária para que adiante eu possa apresentar e estruturar os diálogos acerca daquilo que apreendi na construção desta pesquisa.

4.1. DE FUNCIONÁRIOS A ASSOCIADOS PATRIMONIAIS

Partindo das motivações que Mezzadri (2000) sugeriu em sua tese de doutorado, sobre o que leva os sujeitos a idealizar uma associação, é possível afirmar que a ASTTI, inicialmente, se vinculou às lógicas operárias. No território nacional temos outras tantas associações que emergiram da união dos trabalhadores, como é o caso da Associação Atlética Banco do Brasil (AABB), espalhada por todo o país, ofertando possibilidades de vivências de lazer aos seus associados (REIDE; BRAMENTE, 2003). Enquanto essa foi formada por funcionários do Banco do Brasil, aquela foi construída pelos funcionários da Companhia Riograndense de Telecomunicações (CRT), empresa responsável pela telefonia fixa e móvel do estado do Rio Grande do Sul que atendeu os gaúchos de 1962 até o ano 1998, quando foi privatizada.

Outro clube fundado pelo ramo da telefonia é a Associação Recreativa e Desportiva TELECAMP, em Campinas/SP, fundada em agosto de 1981 para atender aos funcionários da antiga Telecomunicações Brasileiras S.A. (Telebrás) e que antes da sua criação não tinham a sua disposição opções de lazer e recreação. Atualmente a sede do clube fica ao lado da empresa,

oferecendo aos associados atividades esportivas e espaços para o lazer, recebendo também funcionários de empresas conveniadas (CARVALHO, 2009).

Por aqui os empregados da CRT, impulsionados pelo associativismo, fundaram a Associação dos Empregados da Cia Riograndense de Telecomunicações (AECRT), que teve o início de suas atividades oficialmente no dia 9 de janeiro de 1980. Curiosamente esse dia não marca o início do associativismo na empresa. Visto que, embora a associação não fosse vinculada à Companhia, mas aos seus funcionários, essa configuração já existia por lá, conforme o Vice-presidente A me relatou em sua entrevista:

Foi a ideia de fazer uma associação única, porque cada departamento tinha uma associação, como nós tínhamos n departamentos, nós tínhamos n associações dentro da própria CRT. Então tivemos a ideia de fazer uma associação dos funcionários, onde ficaríamos todos em uma só e o interior também estava vinculado à associação. [...] Então criamos uma associação para atender aos interesses de todos os funcionários (Entrevista realizada no dia 20/4/2020).

Interesses esses que facilmente podemos interpretar que não apontavam apenas em uma direção, visto o elevado número de funcionários que a CRT possuía na época de sua privatização, contando com mais de quatro mil² pessoas em todo o estado. Dimensão essa comentada pelo Vice-presidente B,

[...] era um empresa bastante grande no sentido de ter muitos funcionários e praticamente todos eram sócios e todo mundo pagava, já que era descontado em folha, então era bem tranquilo (Entrevista realizada no dia 18/4/2020).

Dentre os possíveis interesses apontados pelos interlocutores, estava o desejo que os funcionários tinham de poder usufruir de um espaço para esportes e lazer, além de compartilhar momentos juntos. O Vice-presidente A comentou que antes dessa unificação cada departamento realizava suas festas, mas a partir de então as festas passaram a reunir o pessoal de todas as áreas, assim eles podiam estar juntos.

Foi junto ao *site* oficial da entidade que encontrei os primeiros passos dados pelos associados agora nesse formato unificado, passos esses que ocorreram em uma sala que ficava no prédio da própria CRT e que ficou conhecida como o antigo “Garajão”, onde permaneceu por algum tempo. Em seguida a entidade transferiu-se para o prédio cedido pela Fundação dos Empregados da Companhia Riograndense de Telecomunicações (FCRT). Ainda na década de 1980 conseguiram adquirir a Sede Campestre da AECRT, situada no Beco Souza Costa 750,

² Número referente a ano de 1998 conforme colocado no *site* <http://www.telefonica.net.br/sp/atelefonica/companhia/crt/index2.htm>, acessado em 15/5/2020.

sendo que a sede administrativa foi adquirida apenas em 1991 e que atualmente serve como sede para a AECRT³.

As coisas estavam andando bem – partindo das falas expostas e devido aos bens adquiridos –, até que o processo de privatização da empresa teve seu início no ano de 1996 e transcorreu até meados de 1998, quando foi totalmente privatizada. As implicações dessa mudança não se restringiram apenas às demissões de funcionários, mas geraram reflexos na associação, como contou o interlocutor,

[...] nós tínhamos vários sócios e estava tudo indo muito bem, até que veio a privatização e com a privatização eles cortaram as verbas e não é que só cortaram as verbas, muita gente foi demitida. E se eu fui demitido o que eu vou fazer? Eu não vou continuar sendo sócio, não sou mais funcionário, não tenho mais vínculo e até porque não tenho grana (Entrevista realizada no dia 20/4/2020 com o Vice-presidente A).

Não bastasse a perda de alguns associados dada a quebra desse laço com a empresa, muitas dívidas ficaram pendentes para que fossem resolvidas por aqueles que lá permaneceram, como comenta o mesmo Vice-presidente:

Não tinha mais grana e teve muita gente que deixou muitas despesas, porque nós tínhamos convênios, n convênios e de repente eu ia lá comprava na farmácia tal, no lugar tal e quem pagava era a associação, aí eu ia embora e aquela conta ficava, porque alguém tem que pagar (Entrevista realizada no dia 20/4/2020).

A queda no número de associados refletiu diretamente no montante arrecadado, o que, somado à existência de despesas que deveriam ser pagas, fez com que os associados restantes descontentes com essa situação reorganizassem algumas características. Eles buscavam recuperar a associação, que em dado momento chegou a ter apenas 400 sócios. Alegando a necessidade de dinheiro, o Vice-presidente B afirmou que precisavam fazer com que as coisas acontecessem de alguma forma e para isso:

[...] nós sentimos a necessidade de ter, haveria a necessidade de colocar mais sócios, mas como colocar mais sócios se os sócios só poderiam ser funcionários da CRT? Então se mudou o Estatuto e se mudou o nome para ASTTI. Que passa a ser vinculada à área de telecomunicações e também de TI, então foi uma maneira de abrir para que outras pessoas pudessem entrar naquele momento. E foi assim que começou a aparecer mais gente, já como ASTTI (Entrevista realizada no dia 18/4/2020).

Contratempos são enfrentados em todos os prismas da vida, cada um com suas particularidades, não seriam os clubes a escapar de problemas e mudanças em seus estatutos. O

³ Informação retirada do *site* da ASTTI.

que levou não apenas a ASTTI a realizar modificações em suas regras, como também o clube referido por Tanno em sua pesquisa:

Sabe-se, por meio de algumas atas que foram publicadas nos semanários locais, que o Recreativo sofreu várias reformas não só na sua estrutura física, como também nos seus estatutos. O material encontrado a respeito dessa agremiação demonstra claramente que, ao longo dos anos, ela teve períodos de grande prestígio e outros, de pouco sucesso, sendo comum na posse de uma nova diretoria (2011, p. 334).

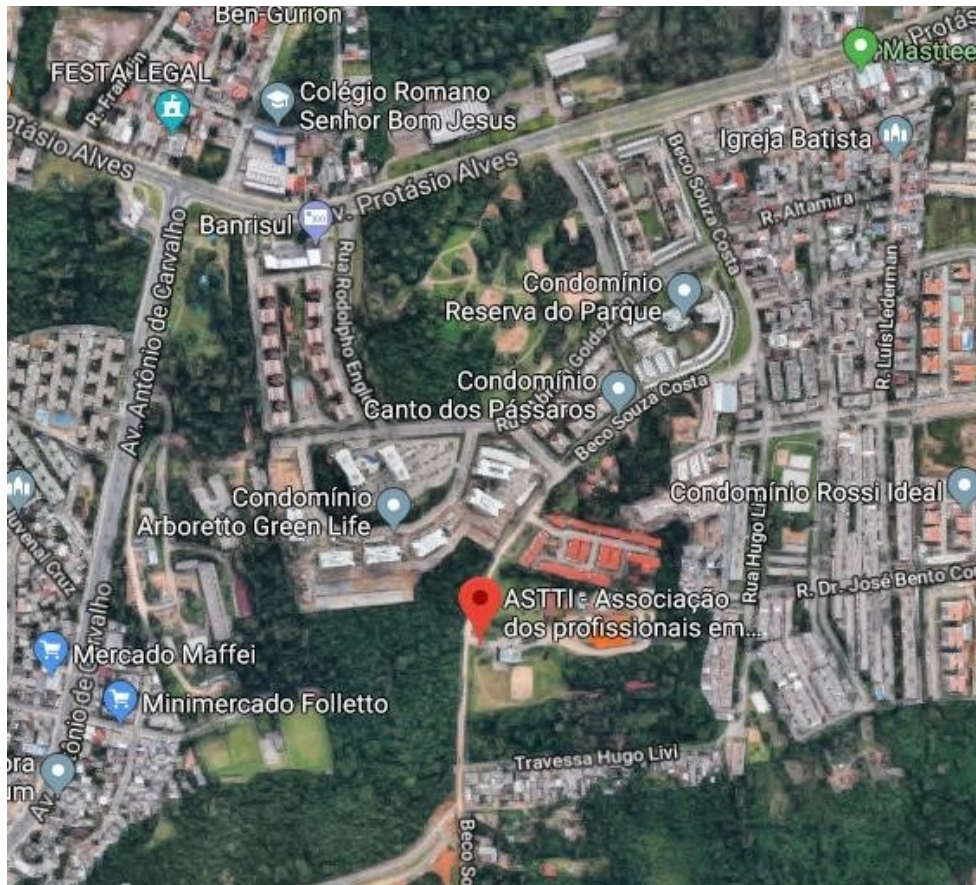
Com o passar dos anos e atravessando problemas financeiros para que a entidade pudesse se manter, foi decidido em Assembleia Geral realizada no dia 20 de agosto de 2002 a constituição da Associação dos Profissionais em Telecomunicações e Tecnologia da Informação (ASTTI, 2014). Passando então a não ser mais uma associação da classe operária e vinculada exclusivamente aos ex-funcionários da CRT, representando a partir de então uma entidade que abriu suas portas à sociedade, atendendo aqueles que gostariam de se associar. Assim, ela passa a ter características de uma associação sem fins lucrativos com sede e foro na cidade de Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul, no Beco Souza Costa, número 750, bairro Jardim Ypu (ASTTI, 2014).

Retornando à sede campestre que foi adquirida na década de 1980, anterior a todos esses percalços, naquela época o terreno adquirido localizava-se em um pequeno bairro, podendo até mesmo ser dito que essa região da cidade era isolada do centro da capital. O local e o seu entorno contavam com bastante mata verde nativa, algo conservado, em parte, pela Associação. O interlocutor ainda complementa:

Não era como é hoje, a área que hoje é a ASTTI naquela época era uma colônia de férias, ali é retirado também, naquela época lá era no meio do mato, então ela era a sede campestre (Entrevista realizada no dia 20/4/2020 com o Vice-presidente A).

Contudo, a expansão da cidade também levou ao crescimento dessa região e hoje a sede está localiza entre duas grandes avenidas de Porto Alegre e próxima a outras de grande movimentação de quem transita pelo bairro, tendo acesso direto à Avenida Protásio Alves e à Avenida Antônio de Carvalho, como é possível perceber na figura abaixo.

Figura 1 – Localização da ASTTI.



Fonte: Google Maps (acesso em 12/06/2019).

Mesmo não sendo um bairro tradicional da capital gaúcha ou localizado na região central da cidade, já não se trata mais de uma área isolada e tem fácil acesso para quem transita pela cidade de carro ou de ônibus. Frente às transformações ocorridas com o passar do tempo, no bairro e no clube, e ao me deparar com uma obra de Velho, percebi a importância que apresentar a região ao leitor representaria na compreensão da entidade.

Segui então alguns passos do autor na quinta edição do seu livro “A utopia urbana: um estudo de antropologia social” (1989), que aborda os caminhos, a proximidade e as descobertas feitas por Gilberto Velho ao se debruçar sobre o lugar em que residiu por 24 anos, o bairro de Copacabana no Rio de Janeiro. Ao direcionar suas buscas em torno das problematizações, conhecimentos e entendimentos do bairro e de seus moradores – mesmo que eu não vá, efetivamente, empenhar meu olhar sobre o bairro –, me senti estimulada a propor algum detalhamento sobre onde se localiza a ASTTI, o que ocorreu quando me deparei com algumas das características elencadas pelo autor.

Não tendo a pretensão de me debruçar profundamente sobre o bairro, tendo apenas a intenção de apresentá-lo ao leitor, iniciei realizando algumas buscas na internet por memórias daquele lugar, e achei alguns dados curiosos sobre o bairro Jardim Ypu, que trago a seguir.

Localizado geograficamente entre os bairros Alto Petrópolis, Jardim Carvalho e Protásio Alves, seu surgimento é datado da década de 1950, quando era conhecido por Jardim Itália e suas ruas eram identificadas por letras e não com nomes, como é atualmente. Alguns desses foram dados como forma de homenagem aos antigos moradores, como uma das principais ruas, que se denomina “Mãe Apolinária”, uma mulher religiosa que residiu na região. Apenas em 1980, com a explosão demográfica do bairro, linhas de ônibus foram refeitas para melhor atender aos moradores, que passaram a residir não apenas em casas residenciais, mas também em sobrados e condomínios verticais, dos quais o maior deles chamava-se Jardim Ypu, Isso culminou na criação de uma linha de ônibus especialmente destinada a transitar nesse bairro⁴.

Transitando por suas ruas é possível perceber seu desenvolvimento quando comparado com a descrição do bairro de anos atrás, sendo possível visualizar inúmeros condomínios verticais ou de casas, nos quais reside uma classe média, o que pode ser depreendido pelos valores desses imóveis⁵. Embora possua condomínios populosos, o bairro conta com poucos comércios, em sua maioria de pequenos mercados ou padarias, tendo apenas um mercado de porte médio, além de duas farmácias que se localizam na Avenida Protásio Alves e alguns estabelecimentos alimentícios como bares e comércios de lanches. Conforme pude perceber nos dias em que ia a campo, quando me deslocava até o clube e através de uma caminhada pelo bairro, na tentativa de caracterizá-lo de forma mais ampla.

Também faz parte da composição do bairro o Parque Marcos Rubin, de uso público, mas que por questões de segurança há alguns anos foi cercado com telas. Porém, essas não inviabilizam a circulação das pessoas nos trechos com calçamento, restringindo apenas o acesso às áreas verdes. Pude perceber em meus deslocamentos até o clube, bem como no dia em que me dispus a conhecer um pouco mais da região, que a população faz uso das calçadas do Parque para realizar o trajeto até suas residências – devido aos trajes formais e bolsas que indicava estarem vindo do trabalho, ou mesmo pelos uniformes e mochilas escolares usadas pelos mais novos –, ou ainda para a prática de atividades físicas. O Parque tem um de seus lados limitados pela Avenida Protásio Alves. Em frente ao Parque, do lado oposto dessa grande avenida

4 <http://locais.ouni.com.br/2016/04/jardim-ypu.html>.

5 Os imóveis da área variam de R\$ 200.000 em uma área mais antiga do bairro e chegam a R\$ 470.000 no Condomínio Canto dos Pássaros que se encontram a menos de 300 metros da ASTTI e faz parte das construções mais recentes do bairro (Fonte: <https://www.foxterciaimobiliaria.com.br/empreendimento/36/canto-dos-pssaros-residencial-porto-alegre-condominio-vertical-zona-leste>).

encontra-se a área que era ocupada pela antiga revendedora de carros e motos Gaúcha Cross, e que atualmente pertence ao grupo Zaffari.

Contudo, ao adentrar no bairro seguindo pelo Beco Souza Costa, nos deparamos com uma outra realidade. Evidentemente mais afastada da avenida de grande movimentação e percorrendo uma parte não pavimentada da rua, localiza-se a “Vila das Laranjeiras”. Curiosamente, para chegar nesse trecho da rua é preciso cruzar em frente à ASTTI – como será possível identificar na figura abaixo. Se de um lado a entidade é delimitada por casas de um condomínio residencial, em sua parte frontal ela é delimitada pela rua e do outro lado (parte inferior da foto) por residências simples que se estendem até o pé do “Morro da Pedreira”, como chamam os moradores.

Figura 2 – Uma visão aproximada.



Fonte: Google Maps (acessada e editada em 16/04/2020).

Além da região, onde o clube se localiza, a ASTTI também cresceu, o que possibilitou que a entidade dispusesse de uma ampla infraestrutura de eventos e lazer nas instalações situadas no bairro Jardim Ypu. Como o espaço atendia às necessidades da parte administrativa, mas também dos associados, a sede deixou de ser campestre, tornando-se a sede social até o presente momento. O clube conta com inúmeras estruturas físicas que podem ser identificadas na figura acima, como se trata de uma imagem área é possível compreender as dimensões da

associação que se espalham por 38 mil metros quadrados distribuídos em edificações e áreas verdes.

As informações apresentadas nesse subtítulo, somadas às imagens, tinham o intuito de apresentar um pouco da caminhada da ASTTI e de posicionar o leitor quanto à sua localização no território da cidade, tirando do imaginário como ela se apresenta fisicamente. No que se segue, outros dados serão adicionados, como a exposição de algumas regras que regem o clube e que ajudarão na interpretação dele, bem como peculiaridades da sua organização administrativa e o detalhamento da estrutura física.

4.2. A EXPANSÃO DO ASSOCIATIVISMO

Ao possibilitar que outras pessoas – além daquelas vinculadas à CRT e fundadoras da associação – pudessem se tornar associados, um aumento no número de membros para o clube era esperado por aqueles que votaram favoravelmente em Assembleia. Frente a essa ampliação e adesão de pessoas advindas de outras origens, pode-se imaginar que algumas regras ou configurações podem ter sofrido modificações ou mesmo terem sido criadas, na tentativa de proteger a associação e de garantir prerrogativas aos fundadores.

Algo similar foi percebido por Fernando Araújo (2015) quando em seu estudo tratou do Grêmio da Paulista, que em sua criação era um clube da Companhia Paulista de Estradas de Ferro (CPEF). Em 1970, enfrentando problemas administrativos que vieram a culminar em implicações na relação entre a empresa e o Grêmio, fizeram com que este passasse a ser independente da Companhia. Sendo necessário, então, que os membros assumissem as responsabilidades pela arrecadação e manutenção do clube, esses e outros motivos os levaram a buscar por um aumento no quadro dos seus associados. Para que houvesse esse crescimento precisaram permitir a entrada de pessoas que não faziam parte daquele grupo de ferroviários, implicando uma nova categoria de associados, de forma similar ao ocorrido na ASTTI.

Dentre as alterações realizadas nos documentos oficiais da ASTTI, a criação de uma nova categoria de associados, bem como fez o Grêmio da Paulista, está entre elas. Para tanto elencarei algumas normas e regras a serem seguidas e que orientam a vida no clube, além de algumas questões organizacionais, que seguem nas páginas.

Como em uma sociedade civil uma entidade com esse caráter possui suas regras, que evidentemente dialogam com aquelas apresentadas aos cidadãos, não obstante adiciona outras de acordo com suas necessidades e interesses. Corroborando a literatura que utilizei, os

associados da ASTTI devem seguir as normas e diretrizes estabelecidas pela Associação, as quais estão em pleno funcionamento desde sua aprovação em Assembleia Geral Extraordinária realizada em 27/06/2014 e que constam no Estatuto Social.

Nesse documento constam as diretrizes, a visão, a organização administrativa, além dos direitos e deveres de todos os associados, logo no início são colocados os objetivos da entidade e incentivo aos associados para:

- a) Promover e/ou participar de reuniões, cívicas, culturais, sociais, recreativas, lazer e desportivas;
- b) Promover e/ou participar de competições recreativas e desportivas de caráter amador;
- c) Promover e/ou participar de campanhas comunitárias e/ou programas de ação social, saúde, educacional e de voluntariado;
- d) Promover e incentivar o espírito associativo (ASTTI, 2014, p. 1).

Corroborando o que consta no Estatuto Social (ASTTI, 2014), o Regulamento Interno “é uma norma complementar ao Estatuto Social tendo por meta disciplinar e garantir a todo o quadro social os mesmos direitos e deveres para o uso das dependências da Associação” (ASTTI, 2015, p. 1), aponta no trecho que se refere aos direitos e deveres dos associados: “b) Frequentar a Sede Social da ASTTI de forma coletiva e associativa” (p. 4).

O Estatuto aborda ainda informações burocráticas, como, por exemplo, que sua duração é por tempo indeterminado, que a entidade é regida pelo Código Civil Brasileiro e pelas demais normas do país, não cabendo aos seus associados responsabilidades, uma vez seus patrimônios são distintos dos seus sócios. Seguindo as leis da nação, buscando o equilíbrio e a boa convivência entre seus associados, é vedada de forma explícita a promoção nas dependências da ASTTI de atividades político-partidárias, ideológicas, religiosas ou raciais, bem como de jogos proibidos por lei. Em relação às suas fontes de receita, a entidade elenca: as contribuições sociais, incluindo a adesão da joia; intermediação de convênio com empresas; aluguéis de quadras esportivas e salões de festas; eventos e demais receitas.

É no Estatuto Social que constam as obrigações, deveres e direitos dos associados, bem como as características que os diferem. Em se tratando de quatro categorias, algumas regras se apresentam de forma igualitária a todos os associados e outras apresentam diferenças, assim optei por elaborar um quadro que combinasse tais informações a fim de facilitar a compreensão. Coloco em destaque que esse quadro é baseado nas informações adquiridas junto aos documentos oficiais, mas que não levam em consideração toda a realidade observada no cotidiano do clube, que trarei nas informações empíricas mais adiante.

Quadro 1 – Categorias de associados.

	Características	Direitos	Deveres
Associado Patrimonial	Ex associado da AECERT até 20/08/2002.	<ul style="list-style-type: none"> * Participar das Assembleias Gerais; * Frequentar as dependências de forma associativa; * Participar das atividades promovidas e realizadas pela ASTTI; * Reservar os salões de festa e a quadra poliesportiva mediante pagamento de taxas; * Adquirir convites para que seus convidados possam ingressar na Sede Social; * Associado Contribuinte Sênior: possui direito de voz e de voto; * Associado Patrimonial: possui o direito de votar e ser votado nas eleições. 	<ul style="list-style-type: none"> * Cumprir as regras e normas presentes no Estatuto Social e no Regulamento Interno; * Acatar as resoluções dos Conselho e aquelas definidas em Assembleia Geral; * Manter o decoro, a educação e o respeito com todos nas dependências da ASTTI ou em espaços externos; * Zelar pelo patrimônio da ASTTI; * Estar presentes e acompanhar seus convidados quando nas dependências na ASTTI ou em espaços externos.
Associado Contribuinte	Preferencialmente das Telecomunicações ou da Tecnologia da Informação e indicado por um Associado Patrimonial.		
Associado Contribuinte Sênior	<ul style="list-style-type: none"> * Pagamento em dia por 10 anos seguidos; * Não ter penalidades; * Colaboração efetiva como coordenador; * Aprovação do Conselho Executivo e Deliberativo. 		
Associado Conveniado	Empresas, associações, instituições, sindicatos e condomínios residenciais, constituídos juridicamente e com convênios firmados com a ASTTI.		

Fonte: Elaboração da autora.

Apresentadas e descritas as categorias de associados, é importante apontar que, para tornar-se associado, embora ainda conste no documento, não é mais necessário ser vinculado à área das Telecomunicações ou da Tecnologia da Informação. É preciso preencher um formulário no *site* da entidade que passará por avaliações e após aprovação as instalações lhe serão apresentadas, para que então se possa tratar das questões legais e financeiras.

Acrescentei igualmente algumas das peculiaridades de cada categoria, além de seus direitos e deveres expostos no quadro acima. Surgiu, então, a necessidade de saber por quantos associados cada categoria é composta. O que me levou a buscar junto ao *site* e nos documentos oficiais da entidade alguma estimativa referente a esse número, porém não encontrei. Possuindo uma relação próxima com as funcionárias da secretaria, as quais sabem da realização desta pesquisa, solicitei tais informações e com essas em mãos elaborei o quadro que segue, no qual consta o número total de associados da ASTTI, bem como a distinção desses de acordo com sua categoria e seus respectivos dependentes.

Quadro 2 – Números de associados.

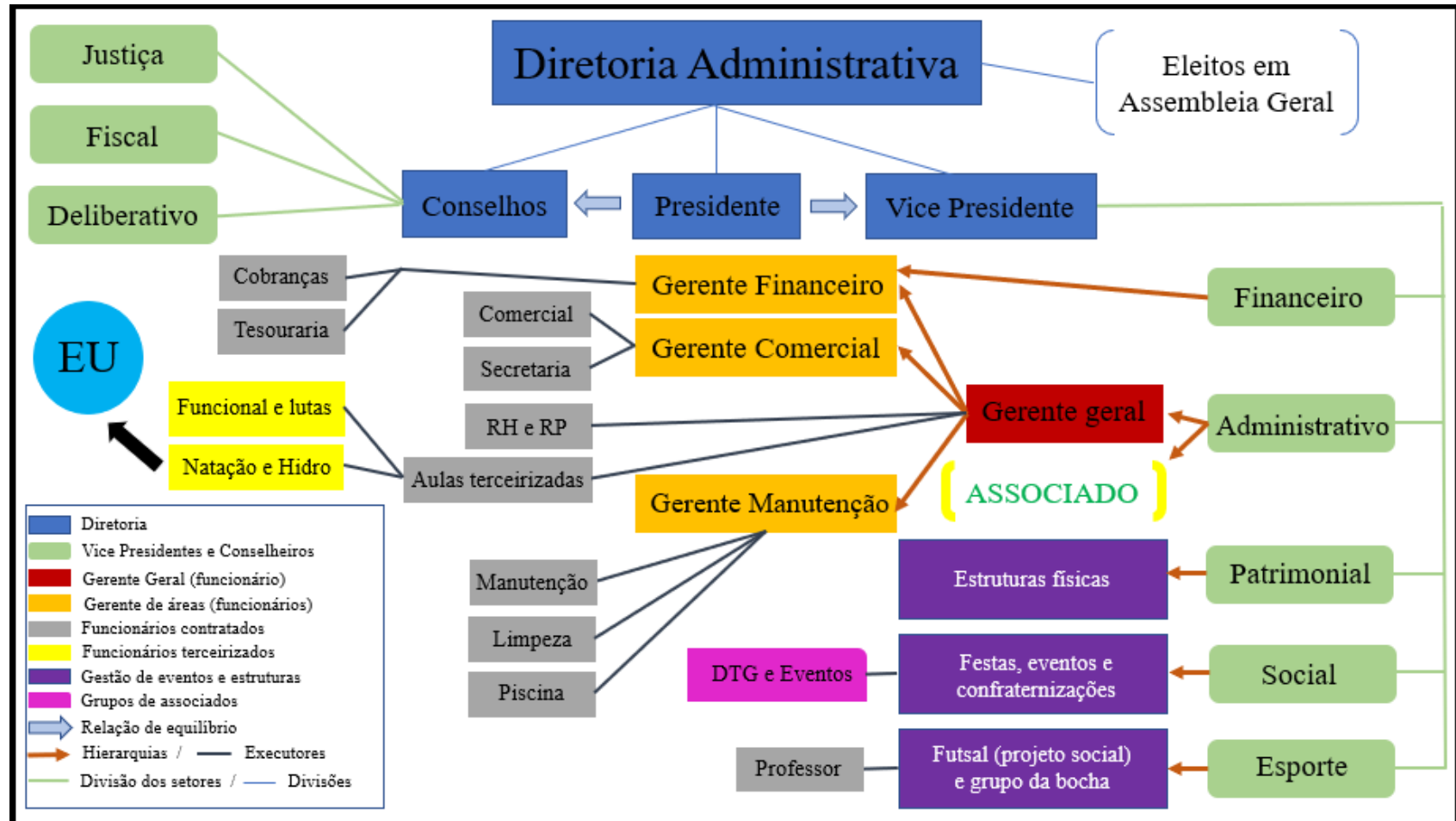
Associados Titulares	Números	Associados dependentes	Total de associados
Patrimonial	802	1.416	2.218
Contribuinte	1.602	2.426	4.028
C. Sênior	1	2	3
Conveniado	74	88	162
			6.411

Fonte: elaboração da autora.

Os dados apresentados em ambos os quadros carregam informações em linhas administrativas, contudo, importantes para a compreensão do clube, a ilustrar a dimensão do corpo de membros. Além de se prestarem a evidenciar um pequeno pedaço da trajetória da entidade desde que teve sua ampliação estabelecida, não apenas os direitos e deveres sofreram alterações, mas também os papéis de cada membro dentro da ASTTI.

Baseada nas informações presentes no Estatuto Social quanto às funções e hierarquias, acrescida da ajuda e esquematização de um dos vice-presidentes em exercício no ano de 2019, elaborei um quadro que exemplifica a estrutura administrativa estabelecida na entidade, como: de organização e de poder.

Quadro 3 – Diagrama das redes.



Fonte: elaboração da autora.

No diagrama proposto acima abordei de forma esquemática como se dão algumas dessas relações entre os membros que compõem o clube – associados, diretores, funcionários e prestadores de serviço –, afinal como já colocado esse é um contexto complexo. Na tentativa de facilitar o entendimento desse universo, lanço mão do conceito de Certeau (1998, p. 202) de que “espaço é um lugar praticado”. Para esclarecer o conceito o autor faz a metáfora da rua, que é definida geometricamente pelo urbanismo e transforma-se em espaço quando ocupada pelos pedestres. O que me leva a interpretar que a ASTTI deixa de ser apenas um lugar físico e passa a ser um espaço quando ocupada e vivida por seus associados e funcionários.

Dando seguimento às relações que foram esquematizadas acima e para converter esse lugar em espaço, inicio a compreensão dessa complexa rede social que é um clube. Parto do lugar que é mais familiar na ASTTI, a piscina – e apenas por esse motivo, tanto que poderia iniciar por outro. Familiar para mim, mas também um importante espaço de sociabilidade reconhecido pelos sócios, a piscina conta com uma funcionária para executar tarefas, como conferir se eles estão em dia com suas mensalidades quando dão entrada na área das piscinas com suas carteirinhas e reforçar a necessidade de tomar uma ducha antes de entrar na água. Essa funcionária contratada estabelece relações diretas com os associados, assim como os professores presentes nesse espaço diariamente. Outro setor que entra em contato com os sócios é a parte comercial da instituição, já que essas funcionárias são responsáveis por tarefas como a contratação de aulas, locação de salões ou do ginásio, compras de ingressos ou de produtos da associação, dentre os quais bonés, camisetas e roupas.

Ainda na parte administrativa encontram-se aqueles que não entram em contato diretamente com os associados, dentre eles os Gerente Geral, que é responsável pelos Gerentes dos setores Financeiro, Comercial e da Manutenção, os quais têm respectivamente sob sua responsabilidade a tesouraria, o comercial, a manutenção e a limpeza. Os funcionários dos Recursos Humanos, das Representações Públicas e o contato com os profissionais das aulas terceirizadas também ficam a cargo do Gerente Geral. Há ainda mais um setor responsável pelo funcionamento e pelas tomadas decisão, que é a Diretoria, composta por associados patrimoniais eleitos em Assembleia Geral.

Finalizando, encontramos aqueles responsáveis pela manutenção dos espaços físicos da Associação, que executam tarefas como o corte da grama, pequenas obras e reformas, além da resolução de situações ocasionais, como pequenos reparos nas diversas instalações e equipamentos. Nesse mesmo prisma, estão as pessoas responsáveis pela limpeza, que mantêm os espaços limpos de acordo com a necessidade ou através de chamadas emergenciais. Quem

gerencia ambos os grupos é o Gerente da Manutenção ou do Pátio, como é chamado, e assim determina quem deve cumprir as tarefas.

Esse quadro, bem como a descrição acima, não tem a pretensão de totalizar e/ou resumir a ASTTI. O que fiz para apresentar ao leitor foi um esboço amplo de como as coisas se organizam, e também para que mais à frente tenhamos um maior entendimento sobre as questões administrativas da entidade a fim de criar uma discussão mais proveitosa. Apresentadas as relações existentes no clube, nas próximas páginas abordarei um viés mais ligado às estruturas físicas e a utilização delas.

4.3. ESTRUTURA FÍSICA E SEU USO: INVERNO X VERÃO

Evidentemente não se constrói algo do dia para noite, nem uma trajetória de quase 40 anos como a da ASTTI, menos ainda uma estrutura física. Então para que o leitor se sinta mais próximo desse espaço trago no que segue as edificações do clube, das quais algumas tenho maiores informações e de outras nem tanto. Junto com a apresentação da parte física proponho observar como elas são ocupadas pelos associados ao longo do ano. Sugiro, para o leitor, a partir de agora um passeio virtual pelas estruturas físicas da ASTTI.

Saindo do asfalto e entrando no chão batido já é possível visualizar a cerca que separa o território da ASTTI com a rua, sendo que a aproximadamente 100 metros de distância à direita está o portão de entrada da associação. Recentemente reformado – acompanhei o processo, mesmo que a pesquisa ainda não tivesse iniciado –, conta com portões e muros de vidro que permitem uma vista ampla do espaço interno. Passados os trilhos por onde correm os portões há uma guarita, na qual se deve apresentar a carteira social – confeccionada na secretaria com foto e identificações como nome completo, se é associado titular ou dependente e por fim o número da matrícula –, que o guarda, após passar no leitor, permitirá ou não a entrada – irá vetar caso tenha algum aviso com débitos ou infrações.

Alguns metros à frente, chamando a atenção de quem adentra pelo seu tamanho e centralidade geográfica, dando a sensação de que as outras estruturas foram construídas ao seu redor, está o ginásio poliesportivo, que é o primeiro prédio erguido na sede do clube, ainda na década de 1980.

Um número considerável de associados patrimoniais foi/é ligado à prática do futsal, percebi tal afirmação devido à existência de uma sala repleta de troféus dessa modalidade. Outro ponto que reforça essa ideia é o fato de que o ginásio foi por onde tudo começou passados

seis anos da compra da sede campestre, ou seja, em 1986, quando foi iniciada a obra do ginásio poliesportivo. Mas nem só de momentos gloriosos a Associação foi se construindo e crescendo, já que erguer tal prédio não parece ter sido tão fácil quanto aparenta ao primeiro olhar, como apontou o Vice-presidente A:

Só que anterior a isso [*antes da privatização*], o que aconteceu quando a crise pegou mesmo e nós estávamos construindo o ginásio, aquele ginásio que tu conhece ali, ele estava em fase de construção ainda e tal. Tinha que pagar e tirar dinheiro de onde para pagar esse ginásio se o número de sócios caiu, tirar verba de onde para pagar isso daí? Aí começaram a vender os bens que tinha, vende aqui, vende lá, vende acolá e tal. [...] E foi vendido o que hoje é a sede da Associação dos Aposentados da CRT, não sei se tu chegou a conhecer ali, lá era nosso. Aí no clube começou a acontecer esse tipo coisa e já tinha dívida, e dívida e dívida, então o nosso primeiro presidente começou a vender as coisas para poder pagar, aí ele teve a ideia de vender aquela área lá para a Associação dos Aposentados e assim conseguiu ter a grana para poder pagar a obra do ginásio, desse ginásio aí, foi assim que se teve a verba para acabar o ginásio (Entrevista realizada no dia 20/4/42020; grifo meu).

Concluída a obra desse prédio, ele dispõe de vestiários femininos e masculinos no mesmo nível da quadra, além de uma sala para depósito de materiais utilizados em aulas e jogos, bem como o lugar onde ficam exibidos os troféus conquistados ao longos desses anos. No nível inferior à quadra, localizando-se embaixo das arquibancadas do lado esquerdo – com acesso pelo lado interno e externo do ginásio –, encontram-se quatro salas. Dentre elas, duas à direita, onde fica a sala destinada às atividades do Clube Funcional⁶ e também a sala onde fica o Gerente do Pátio, ambas equipadas com banheiro exclusivo e climatização.

Já do lado oposto ficam outras duas salas com dimensões muito semelhantes, na menor delas encontra-se o espaço destinado às massagens relaxantes que são ofertadas a todos os funcionários contratados (gerentes, administrativo, manutenção e limpeza) e membros dos Conselhos e Diretoria nas quartas e sextas, também equipada com banheiro exclusivo e climatização. Por último há a outra sala com posição igual à do Clube Funcional. Contudo, essa assume inúmeras funções e recentemente passou por algumas melhorias, como pintura e colocação de cortinas (contando com banheiro exclusivo e climatização). Sala essa que há alguns anos, anterior à construção do prédio administrativo, servia com escritório para o funcionamento do quadro de funcionários.

Um das instalações principais desse local é a quadra. Descobri que desde sua construção o ginásio ainda não havia passado por reformas, e ao longo de aproximadamente 30

⁶ Espaço cedido pela ASTTI – após algumas reformas e adequações, já que antes era uma cozinha utilizada na preparação das refeições referentes às festas realizadas no ginásio –, para alguns associados responsáveis por um local específico de treinamento funcional, além de algumas modalidades de lutas, pilates e yoga em um bairro vizinho. Oportunizando que eles disponibilizassem essas mesmas modalidades para seus associados no conforto do clube, mas também é permitida a frequência de não sócios.

anos de uso, inegavelmente, os materiais se deterioraram. Isso levou à aprovação da diretoria para o projeto de substituição do antigo piso que revestia a quadra por um material novo, além da pintura das arquibancadas, bem como pintura das goleiras e substituição das redes.

Em relação ao seu uso, ele acontece semanalmente de março a dezembro nas segundas, terças, quintas, sextas e sábados em diferentes horários pela escolinha de futsal que é também o projeto social da entidade; eventualmente ocorrem competições dessa equipe aos sábados e domingos. Há também um grupo de associados que se reúne junto com alguns não sócios nas quartas-feiras por duas horas para jogos informais de vôlei, reunindo um grupo numeroso de pessoas e que inclusive já realizaram campeonatos internos, já que em alguns dias chegam a ter quatro times completos. Nas quintas-feiras – no último horário disponível – um grupo de amigos (a maioria de sócios) se reúne para jogar futsal, frequentemente suas companheiras e filhos também comparecem ao local – no verão raramente ocorrem esses jogos, pelo baixo número de membros que está disponível.

Já nas sextas, também ao longo do ano, tendo o verão como exceção⁷, há um grupo de associados patrimoniais que joga por dois horários, além de realizar torneios internos, passeios e várias confraternizações após os jogos. Nesses dias, não raras vezes contam com a presença de suas companheiras para realizar jantãs e cantorias ao vivo. Observei esses acontecimentos com alguma frequência, quando saio do trabalho, por volta de 22h, eles estão reunidos comendo, bebendo, cantando e dançando samba.

Além desses já referidos, há ainda um grupo que faz uso da quadra nas tardes de sábados (durante todo o ano, evidentemente no verão há menos jogadores), mas os jogos acontecem com times completos e após os encontros esportivos costumam fazer churrasco, com ou sem suas companheiras.

⁷ Visto que nos meses de verão é comum que as pessoas usufruam do seu período de férias e pelo hábito de se realizar viagens nesse período do ano.

Figura 3 – Lado externo do ginásio, visto de frente.



Fonte: acervo da autora.

No ano de 1986, conforme consta no *site* da entidade, também se iniciou a construção do quiosque coletivo que se localiza a poucos metros de distância do ginásio e pode ser utilizado por todos os sócios livremente, não tendo suas portas chaveadas. O lugar conta com quatro churrasqueiras coletivas, 12 mesas de cimento, 26 bancos do mesmo material, duas pias, ambas com torneira e bancada, que serve de apoio às churrasqueiras, e um aquecedor de água para o chimarrão que fica à disposição de todos durante o ano inteiro. Por ser praticamente todo envidraçado, esse espaço ganhou o apelido de “Aquário” tanto pelos associados quanto pelos funcionários.

Figura 4 - Quiosque coletivo (Aquário).



Fonte: acervo da autora.

Esse lugar representa um importante espaço de sociabilidade no clube, visto que não é difícil ver alguém fazendo uso dele, como os grupos que citei acima, mas também sediou algumas das minhas inserções em campo. Abordo em específico o do dia 15/06/2019, por dois motivos: primeiramente por ser um encontro temático, já que estávamos em período de Festa Junina e uma das turmas de hidroginástica – destaco o fato de ser a mais engajada e unida – organizou-se para realizar essa confraternização. Secundariamente pelo fato de outros três grupos também estarem fazendo uso daquele espaço, no qual um desses assim como nós tinha comidas típicas e algumas pessoas com adereços característicos.

Incluo uma das imagens desse divertido encontro que iniciou às 18h e se estendeu ao longo da noite até próximo das 22h, contando com pinhão, quentão, cachorro-quente, amendoim, rapadura e algumas brincadeiras como pescaria, elaboradas pela filha de um dos casais da turma. Ao longo do tempo que durou o encontro as pessoas compartilharam histórias e experiências entre aqueles que são mais próximos, e com os mais distantes, já que por vezes a conversa se tornava coletiva. Como o grupo já está junto há bastante tempo, brincadeiras de aula foram lembradas e contadas para aqueles que não fazem parte da turma, mas que estavam na festa, como a mãe, a filha e a neta de uma das alunas. Outra família trouxe consigo o filho do meio, a filha mais nova (que fez as brincadeiras) e o filho mais velho com a namorada. Isso nos permite compreender a importância que esse grupo e sua sociabilidade desperta nessas pessoas, e como ele é importante em suas vidas, visto que trazem seus familiares para dividir momentos com seus amigos.

Figura 5 - Festa Junina de uma turma de hidroginástica.



Fonte: acervo da autora.

O grupo de pessoas que compõem essa turma, em sua maioria, está junto há aproximadamente três anos, alguns integrantes são mais novos. Porém, todos são bem recebidos nas aulas e conforme vão se integrando à turma são convidados para os encontros. Desde que foi feita a primeira confraternização – não me recordo quando, já perdi a conta de quantas já foram realizadas, mas fui a todas. Dentre elas já ocorreram duas Festas Juninas, dois encontros de final de ano – com amigo secreto e troca de presentes – e outras sem datas comemorativas específicas, mas pelo desejo de estar com os amigos em um lugar comum a todos. Teve um período em que em um aplicativo de conversas havia calendário com as datas – por volta de um encontro por mês – e os respectivos cardápios. Mais adiante quando essa turma voltará a ser foco de interpretações.

Na lateral direita do Aquário há uma edificação que dispõe de dois banheiros femininos e dois masculinos, para aqueles que estão usando o Aquário ou qualquer outro espaço da ASTTI, e do lado esquerdo encontra-se o Salão da Figueira. Já na área localizada atrás do Aquário, tendo meia parede de tijolos e a outra metade com janelas de vidro formando uma divisão dos espaços, encontra-se a Sala de Jogos, equipada com uma mesa de sinuca, uma de fla-flu e uma outra de pingue-pongue. Diferentemente do Aquário, para fazer uso desses materiais os associados devem solicitar a abertura da sala, que fica fechada quando não há uso.

Figura 6 - Sala de jogos.



Fonte: site da ASTTI.

Outra área que os associados têm ao seu dispor para uso livre são as churrasqueiras dispostas ao longo da área verde, contabilizando mais de vinte espalhadas no território do clube. Essas estruturas são utilizadas de forma coletiva e sem custos adicionais, contando com uma churrasqueira feita de tijolos, além de uma mesa com dois bancos e uma pia, ou seja, proporcionam o necessário para que seja feita uma refeição.

Figura 7 - Churrasqueira ao ar livre.



Fonte: acervo da autora.

Enquanto circulava pelas áreas do clube numa das idas a campo pude perceber a utilização dessas churrasqueiras, conforme consta no trecho abaixo:

[...] nas churrasqueiras ao ar livre que se encontram em frente ao ginásio havia dois homens e duas mulheres iniciando algo que parecia ser uma espécie de churrasco [...] Ao retornar àquele local às 15h eles ainda por ali estavam, porém evidentemente alcoolizados, pelo alto tom de voz e risadas [...] e lá permaneceram além do final da minha observação, pois quando fui me organizar para dar aula às 17h10 eles ainda estavam ali (Diário de Campo do dia 15/01/2020).

Feita no mês de janeiro essa observação dialoga com o fato de elas serem ao ar livre, o que reflete que seu uso tenha maior frequência nos dias mais quentes, como comenta a Associada dependente D: “[...] e eventualmente no verão a gente vai para fazer churrasco ao ar livre ou para o lazer dos quiosques” (Entrevista realizada no dia 21/04/2020).

Durantes os finais de semana na temporada de verão é preciso chegar cedo para pegar uma mesa próxima aos banheiros ou em um lugar de preferência, ocorrendo, eventualmente, de todas estarem ocupadas. Além dessas possibilidades apontadas acima, a entidade ainda conta com mais quatro outras opções, que também dispõem de churrasqueira, pia com torneira e mesa com bancos, porém são telhadas e possuem iluminação. O que permite que sejam feitas refeições no período noturno respeitando o horário permitido pela ASTTI e o uso coletivo para todos os associados (Figura 8). Não é raro em dias de verão, quando se encerra meu horário de labuta por volta das 22 horas, grupos estarem ocupando esse espaço, via de regra fazendo um churrasco.

Figura 8 - Churrasqueiras cobertas.



Fonte: site da ASTTI.

Há também os espaços ao ar livre destinados ao contato com os animais, como o pequeno lago. Nele há peixes e tartarugas, mas por ter um deque coberto também é usado em eventos, como em cerimônias de casamentos. É também um lugar onde após o almoço os funcionários costumam ficar em dias de sol. Além de ser nessa mesma área que se encontra a pracinha composta de balanços, gangorras, gira-gira e casinha na árvore, sendo mais recorrente ver crianças ocupando esse espaço nos finais de semana, até mesmo pelo fluxo maior de associados nesses dias.

Embora o verão seja o período em que se pressupõe que o uso seja mais frequente, como o clube dispõe de piscinas, não raramente nenhuma criança é vista brincando naquele lugar, e em dias de chuva ali torna-se quase inutilizável, pois a água fica alojada na grama por vários dias. O que acaba reduzindo bastante o uso do lugar, fica então a impressão de que esse lugar raramente é um espaço ocupado pelas crianças. A pracinha fica próxima ao portão de entrada e do prédio administrativo, bem como ao lado do Salão da Figueira e da frondosa árvore que compõe a paisagem.

Figura 9 - Ponte do lago e playground.



Fonte: site da ASTTI.

Seguimos então para os salões de festas ofertados pela ASTTI para locação junto aos seus associados, são eles: o Salão da Figueira, o Salão da Bocha e o Salão Recanto Gaudério. Para realizar suas festas ou eventos os associados devem entrar em contato com a secretaria, havendo datas disponíveis e após pagamento, o uso pelos associados e de seus convidados é liberado dentro dos horários e valores especificados.

Iniciaremos pelo maior dos três espaços, que comporta até 350 pessoas e leva o nome de Salão da Figueira, por ter a poucos metros dele uma enorme árvore da espécie figueira que representa um ponto importante por estar na entrada do clube, por ser uma bela árvore e pelo fato de já ter sido pano de fundo de muitos ensaios fotográficos, além de festas e casamentos. Frondosa e imponente, a entrada na ASTTI é marcada pela sua figueira:

Figura 10 - Árvore figueira.



Fonte: site da ASTTI.

A centenária conta com iluminação especial durante a noite e o salão que antes – ainda quando adentrei na ASTTI como funcionária – era um salão mais rústico, chamado de Galpão Crioulo, que foi totalmente reformado há cerca de três anos, contando com uma infraestrutura completa de climatização e sonorização. Além dos investimentos nos elementos técnicos, houve também uma adequação nos elementos visuais, deixando de ser rústico para ser elegante.

Quando criança tive a oportunidade de conhecer a ASTTI num encontro de família, este era realizado anualmente e naquela oportunidade a confraternização foi feita no Galpão Crioulo. Me recorde de poucas coisas daquele lugar, mas o ginásio e o lago ficaram na minha memória, porém, só me dei conta de que era o mesmo lugar algum tempo depois que lá já atuava em uma conversa com alunos de hidroginástica. Por se tratar de um salão de festas – lugar que não dialoga com minha atuação profissional na instituição –, não tinha tido a oportunidade de conhecer o interior do reformado salão até o dia 07/12/2019 na Festa de Final de Ano para a

qual fui convidada, essa foi realizada após a inauguração da nova piscina térmica, que terá destaque mais adiante.

Figura 11 - Salão da Figueira.



Fonte: site da ASTTI.

Ao longo dessa noite que se iniciou às 21h e prolongou-se até as 7h da manhã, conforme relatos, já que eu tinha ido embora às 5h da manhã, pude perceber algumas peculiaridades. Logo na entrada do salão as pessoas se deparavam com uma mesa onde seria feita a troca do convite por uma pulseira colorida que determina a ordem do jantar e não pelo número da mesa, como é comum em festas – ou seja, quando o *buffet* é aberto aqueles que chegaram primeiro servem-se primeiro, já que os chamados são feitos de acordo com a cor das pulseiras –, a minha era azul, fazia parte do segundo grupo.

Avançando alguns passos havia um dos integrantes do Grupo de Eventos da Associação que auxiliava na condução dos convidados até suas mesas, as quais foram escolhidas no momento em que adquiriram o convite da festa. Um comentário bem comum nas minhas aulas em dias que antecedem a festa é sobre essa escolha, quando os sócios combinam em qual mesa irão sentar-se para partilhar juntos da festa.

Amiga, comprei meus ingresso e do meu marido na mesa 10, ainda tem lugar, vão sentar conosco minha irmã e marido, aí tu compra os teus para ficarmos juntos (Diário de Campo do dia 20/11/2019).

Fica entendido, a partir disso e presumindo que não apenas meus alunos combinem sobre qual mesa escolher, que isso extrapole para outros sócios e convidados. O evento oportuniza a todos os presentes a possibilidade de contato e de compartilhar o momento entre aqueles que possuem vínculos.

Já disposta na mesa destinada aos convidados, pude observar enquanto as pessoas aos poucos chegavam – algumas conhecidas, mas em sua maioria desconhecidas para mim, o que em um momento posterior ao da festa descobri que podia estar relacionado à presença de muitos sócios da AECRT, mas não vinculados à ASTTI.

Entre rostos conhecidos e desconhecidos, fui apresentada a algumas pessoas e achei bastante curioso quando avistei um senhor alto de terno preto com um faixa escrita ‘REI 2019’, atraindo olhares, e sorrindo constantemente cumprimentava um número considerável de pessoas (Diário de Campo do dia 07/12/2019).

Descobri ao longo da festa que a “RAINHA 2019” não pôde ir ao evento e que os aposentados que compõem o quadro de membros da AECRT ao final de cada ano se candidatam voluntariamente, realizam assim uma votação e elegem um homem e uma mulher para os postos. Por bastante tempo poucos estavam ocupando as mesas, embora já houvesse um número considerável de pessoas dentro do salão. Os convidados, no entanto, estavam circulando pelo salão cumprimentando e conversando com aqueles que lhes eram conhecidos. Tal comportamento estendeu-se por mais de uma hora, quanto mais pessoas chegavam, maiores ficavam os grupos de conversa, estando embalados por músicas antigas e lentas cantadas pela banda.

Não muito tempo depois que o número de pessoas que adentrava o salão aumentou foi iniciado o serviço nas mesas, os garçons traziam bebidas e alguns salgados. Aos poucos o fluxo de entrada foi diminuindo e a maioria das pessoas já estavam acomodadas em seus respectivos lugares, até que quando os lugares já estavam em quase totalidade ocupados, o Vice-presidente de Eventos deu boas-vindas a todos e agradeceu a presença. Após algumas palavras, em seguida abriu o *buffet* e aos poucos as pulseiras iam sendo chamadas até que todos já haviam se servido, quando aparentemente a maioria já havia finalizado a refeição a sobremesa foi ofertada aos convidados em sua mesa.

Como era uma Festa de Final de Ano, na sequência as mesas foram presenteadas com uma garrafa de espumante, para a realização de um brinde coletivo ao ano que se findava e àquele que estava chegando, comemorando igualmente a inauguração da nova piscina. Conduziram esse momento o Presidente e o Vice-presidente Social, que proferiram algumas mensagens comuns desse período do ano, em despedida do que passou e das expectativas acerca

do próximo ano e suas oportunidades, agradecendo a presença de todos e convidando os presentes a um brinde. Erguidas as taças e ingeridos seus líquidos, o Presidente solicitou mais alguns instantes da atenção, pois o próximo momento exigia tal zelo, já que o primeiro associado contribuinte havia se tornado sênior. Foi uma cerimônia formal que contou com a entrega de um placa em homenagem e algumas palavras dos amigos mais próximos ao casal que compõe o Grupo de Eventos e o Departamento de Tradições Gaúchas (DTG).

Aproximando-se da uma hora da madrugada a pista de dança foi aberta. Inicialmente alguns poucos se arriscavam (como é comum em muitas festas), porém, logo a pista já estava repleta de dançarinos tímidos e daqueles que fazem da dança uma arte. Com músicas variadas a pista se alternava entre embalos mais animados e românticos, e de forma similar ao que se deu no início da festa, as pessoas agrupavam-se para dançar com aquelas que lhes são mais próximas, formando inúmeros grupos espalhados pela pista.

Por volta das três horas houve uma pausa para que um caldo de frango fosse servido, na tentativa de amenizar os efeitos do álcool já presentes em alguns dos convidados. Aproveitando que a situação estava menos animada, com as pessoas sentadas, foi realizado o sorteio de alguns itens como: torradeira, bonés, televisão e até mesmo uma viagem. Assim que a pista foi reaberta já era possível perceber que muitos dos convidados haviam ido embora, e aos poucos o salão foi ficando cada vez mais vazio...

O passeio virtual agora se desloca para o lado oposto do terreno ocupado pela Associação. Caminhando alguns metros e descendo uma rampa pavimentada que fica afastada alguns passos da parte lateral do ginásio, nos deparamos com o Salão Recanto Gaudério, ou, como é conhecido, “Gauderinho”. Para caracterizar o espaço ele foi construído de forma rústica com itens e peças que lembram o tradicionalismo gaúcho e tem capacidade de até 40 pessoas.

Figura 12 - Salão Recanto Gaudério (Gauderinho).



Fonte: site da ASTTI.

Ao lado desse espaço (à direita da foto) há também uma espécie de depósito onde ficam guardados os equipamentos levados para o Acampamento Farroupilha, evento do qual a ASTTI participa anualmente. Há um segundo depósito, junto desse, que é destinado aos materiais de construção e reforma.

Foi aqui uma das minhas primeiras observações, que se deu no dia 18/05/2019, após o jogo de futsal que foi realizado em comemoração ao Dia das Mães – que havia sido no domingo anterior. As mães foram convidadas pelos professores de futsal da ASTTI para essa disputa como forma de aproximar e compartilhar momentos delas com os filhos que praticam a modalidade, já que na ocasião elas eram as jogadoras e os filhos, juízes e torcedores. Acompanhei cerca de metade dos jogos, que tiveram seu tempo de partida reduzido e o número considerável de mães proporcionou a formação de três equipes, que se revezavam em quadra. No tempo que ali estive pude perceber grande empolgação por parte de todos os presentes, desde as mães que se dedicava dentro de quadra, dos filhos que torciam energeticamente com gritos de incentivo e comemorações, mas também dos companheiros presentes que pareciam estar se divertindo.

Findado o momento do jogo, para que as famílias pudessem desfrutar de mais um período juntas foi organizado um galeto; minutos após a chegada de todos ao Salão e instalação das famílias o almoço foi servido. Dado o número de quase 50 pessoas algumas precisaram organizar-se do lado de fora do Salão, independentemente de qual lado estivesse – dentro ou

fora – era possível visualizar a organização das pessoas por proximidade. Pude notar que aqueles que estavam sentados lado a lado na arquibancada durante o jogo estavam igualmente próximos no almoço e assim permaneceram até o momento da despedida.

Realço uma cena que sobressaiu aos meus olhos, quando algumas pessoas já haviam ido embora, uma das mães ofereceu aos presentes bolo e docinhos feitos em sua casa. Esse ato merece atenção, no meu entendimento, pelo fato de ter sido um evento em que cada um pagou sua parte na refeição, apenas ela contribuiu com algo além do combinado. Proponho aqui refletir sobre a relevância que aquelas pessoas possuem na vida dessa mãe e na de sua família, já que ela dispôs seu tempo para produzir os confeitados que foram compartilhados. O que se soma ao fato de ter sido um evento com divisão de valores, ou seja, uma pessoa comprou os itens necessários e o valor final foi dividido entre os presentes, já essa mãe dedicou-se a fazer algo especial para aquele momento.

A confraternização durou aproximadamente duas horas e me trouxe algumas impressões até então desconhecidas:

Algo que impactou em minhas percepções foi não ser protagonista, estando acostumada a ir a eventos como esse, porém, com meus alunos acabo sempre tendo alguma evidência nas conversas e diálogos. Contudo, nesse espaço não tenho nenhuma centralidade e isso me causou grande estranhamento, pois apenas algumas pessoas me conheciam, era como se eu estivesse em um lugar desconhecido, como se tivesse adentrando em um universo que não é meu, em um campo desconhecido de pesquisa, como se aquilo ou aquelas pessoas fossem exóticas (Diário de Campo do dia 18/05/2019).

Aproveito para me aproximar das noções de estranhamento que DaMatta e Velho propuseram no viés da familiaridade e do exotismo. Mesmo não sendo uma estrangeira nesse contexto, pude identificar características com as quais até então não havia tido contato, como a citada acima. Ao mesmo passo que não posso ser considerada uma nativa (conhecia muitas das pessoas ali presentes e o local), isso não me garantiu identificação ou ainda a sensação de pertencimento nesse contexto específico. Recordo-me de em alguns momentos desse dia pensar que todos ali sabiam que eu estava observando-os pelo comportamento mais distante e afastado das pessoas. Contudo, interpreto que isso se justifica pelo fato de eu não integrar aquele círculo de relacionamentos, mesmo sendo um rosto “familiar” para a maioria dos presentes.

Seguindo a visita, alguns passos (à esquerda da foto) à frente nos deparamos com outra importante área de festas e eventos, o Salão da Bocha – por estar anexo à cancha de bocha – e que por alguns anos foi espaço de grandes festas por ter uma apresentação mais formal que o antigo Galpão Crioulo, com capacidade de comportar até 120 pessoas. Trago a seguir as figuras do Salão e da cancha de bocha, importantes espaços de sociabilização da entidade. Esse prédio

abriga ambas as estruturas e também um conjunto de banheiros: feminino, masculino e para deficientes físicos – para uso de quem está no Salão, na quadra de bocha ou mesmo fazendo um churrasco próximo dali.

Figura 13 - Salão da Bocha.



Fonte: site da ASTTI.

Ao refletir sobre o uso das dependências do clube em um primeiro momento e de acordo com as diretrizes apresentadas fica a ideia de que isso ocorre no cotidiano dos associados de forma igualitária. Mas pelo fato de já circular por lá há alguns anos pude perceber que essa regra não se aplica a um lugar em específico: a quadra de bocha. Não somente minhas impressões prévias à entrada no campo, mas também as observações e as entrevistas me conduziram a interpretar que o uso da cancha de bocha é limitado.

Atentando para as normativas presentes no Regulamento Interno (ASTTI, 2015), a utilização da quadra de bocha é de uso de todo associado que desejar, desde que ele obtenha a liberação junto ao Vice-presidente de Esportes e Lazer ou do Coordenador do Departamento de Bocha. Após o pagamento da taxa para usar individualmente, em dupla ou trio, a chave é entregue ao associado, sendo obrigatório o uso de tênis ou calçados apropriados no interior da cancha.

Contudo, não corroborando os conceitos que foram apresentados anteriormente acerca da base do associativismo como o interesse em comum, a união das pessoas e a convivência social, está a lógica de utilização da quadra inaugurada em 1998 (ASTTI, 2020). Algo

evidenciado por uma interlocutora que, quando provocada a levantar alguma questão que não tinha sido abordada em sua entrevista, prontamente alertou para a possibilidade de:

Associada A: Podia ter uma pista de bocha só para lazer. Me disseram que aquela é só para equipe e tal.

Eu: De acordo com o Estatuto da ASTTI ela é livre para qualquer associado desde que cumpra as regras, porém não é bem assim?

Associada A: Pois então, eu perguntei e a menina da secretaria respondeu que era só para equipe (ou algo assim). Achei meio nada a ver isso.

Eu: Achou nada a ver o fato de ser exclusiva e não liberada a todos?

Associada A: Isso, nem que fosse por reserva e tudo, mas ter a pista e reservar para poucos não parece bom.

Eu: Tu entende que não é adequado por todos serem sócios?

Associada A: Isso ou, ao menos, poderia ter uma ‘não profissional’ para a diversão dos demais sócios (Entrevista realizada no dia 22/4/2020).

Corroborando as colocações da Associada A, o Prestador de Serviços B completa:

Não tem uso desta quadra. Essa quadra é usada pela equipe de bocha e apenas pela equipe de bocha da Associação. A equipe de bocha é formada por alguns senhores que já estão lá. Como participar dela eu não sei, como que faz eu também não sei, não tenho ideia, mas esse salão [*espaço da quadra de bocha*] ele não é alugado, não é aberto para os associados. Na verdade, ele é até meio que escondido, nós temos o Salão da Bocha, mas a quadra fica atrás desse salão de festas, quase sendo um salão, sendo usado por alguns diretores para o seu lazer de jogar carta, porque em cima tem o mezanino e toda quarta tem os jogos da equipe de bocha que disputam o Aberto de Porto Alegre (para treino ou jogos com outras equipes). Então nesses dias a quadra está aberta e funcionando. Tirando esses momentos não tem como alugar e como utilizar essa quadra, apenas alguns diretores têm a chave do cadeado e do material lá de dentro. O Salão de Bocha [*espaço de festas*] tu aluga, agora a quadra não está para alugar (Entrevista realizada no dia 22/4/2020, grifo meu).

A partir desses relatos cabe atribuir que a cancha é utilizada por esse grupo de associados que treinam e competem, conquanto em desalinho com o arcabouço teórico utilizado que aponta os clubes como importantes espaços de lazer e de sociabilidade. Marco Stigger e Raquel da Silveira (2004), ao investigarem a Sociedade Esportiva Recanto da Alegria (SOERAL), localizada no Parque da Redenção em Porto Alegre/RS, a identificaram como um coletivo de homens, em sua maioria com idade elevada, que frequentam aquele lugar para diferentes interações, como os jogos de cartas, de dominó, de damas, de xadrez, além do jogo da bocha.

Por lá identificaram a presença de dois momentos no jogo da bocha que por vezes envolvia a competição e em outra oportunidade a ludicidade. Quando no prisma da disputa – nos treinos ou nos jogos de campeonatos –, a melhor quadra, as melhores bolas e os melhores

jogadores eram utilizados, o que não ocorria nos momentos do jogo “não sério” (STIGGER; SILVEIRA, 2004, p. 45). O clima de descontração, percebido pelos autores, compunha o cotidiano dos frequentadores daquele espaço, ao passo que todos os praticantes tinham acesso ao jogo – desde que colocassem seu nome na lista de espera, que ficava ao lado da quadra na tentativa de respeitar a ordem de chegada. Estando os seis jogadores da partida definidos, consensualmente eles dividiam as equipes a fim de trazer equilíbrio ao jogo, proporcionado uma tensão agradável à partida, na interpretação de Stigger e Silveira (2004), além de permitir algumas “facilidades” àqueles que tinham limitações, como chegar mais perto do alvo.

Os achados desses autores evidenciam a utilização das quadras de bocha no prisma competitivo e no lúdico, sem prejuízo da ocupação dos sócios daquele espaço. Apesar disso, antes da minha entrada em campo conversei com um associado que relatou ter tentado inúmeras vezes fazer parte desse grupo fechado, optou por ir aos jogos e treinos da equipe para se fazer ser visto e lembrado pelos membros, contudo não obteve abertura, desistindo de compor a equipe ou mesmo de praticar a modalidade na ASTTI.

Ainda que eu não tenha conseguido acessar os interlocutores e o espaço com maior profundidade, processo sustentado pela própria organização do grupo, na tentativa de buscar informações que me auxiliassem a construir um panorama mais completo sobre as restrições, buscando compreender a razão que motiva a limitação do uso da quadra de bocha aos associados que são competidores, ou ainda porque a entrada de novos membros na equipe é dificultada, foi possível depreender que o acesso a esse espaço é limitado. Pude identificar que alguns associados nem sequer sabem da existência dessa quadra, entendo que isso se deve em parte por ela não ser mostrada na visita que é feita pelas estruturas físicas do clube com aqueles que desejam tornar-se associados. A utilização dessa quadra vai na contramão do que foi apresentado no referencial teórico, partindo da ideia que está por trás do associativismo ou mesmo dos outros espaços da ASTTI.

Figura 14 - Cancha de bocha e a Equipe ASTTI.



Fonte: site da entidade (os rostos estão cobertos para não identificação dos sujeitos).

Aproximando-nos do final do passeio chegamos a uma das áreas mais relevantes do clube, as piscinas. Elas podem ser divididas em dois ambientes: as piscinas externas e a piscina térmica interna, já que após a inauguração, em dezembro de 2019, do novo prédio da piscina térmica a entidade conta com esses dois espaços aquáticos. Como comentei no início do trabalho, atuei lá por quatro anos e acompanhei todo o processo de construção do empreendimento. Anteriormente a sua construção durante a temporada de inverno a piscina mais acima na foto era coberta por uma estrutura inflável, que a grande maioria chamava de “bolha”.

As piscinas externas foram construídas em separado, primeiramente foi a maior (mais no alto da foto) e quando a entidade estava em processo de expansão foi realizada uma reforma para melhor utilização do espaço há alguns anos. Sendo construída também a piscina de hidromassagem (localizada no meio da foto) e a infantil (mais abaixo na foto) que conta com rampa molhada e tobogã.

Figura 15 - Área das piscinas externas.



Fonte: Site da ASTTI.

Quando sabemos – porque aqui vivemos – do calor da capital dos gaúchos nos meses de dezembro, janeiro e fevereiro – e por vezes por mais tempo que esses meses contemplam –, é bastante fácil imaginar que as piscinas sejam o ponto alto do clube na temporada de verão. Embora seu uso seja incontestável – pelo elevado número de pessoas que faz uso, tendo atingido a marca de 500 acessos em um único dia – supus que aqui conseguiria um material empírico importante.

Contudo, assim como é comum em outras etnografias, a situação não foi bem como a esperada. Fui entendendo, conforme as idas a campo ocorriam, que aquele espaço se apresentaria de forma bastante difícil, no prisma de apreender elementos substanciais à pesquisa. O principal motivo que pautou essa compressão foi a grande circulação de pessoas, que repetidamente percebi em minhas observações e em alguma instância foi me incomodando, pois mesmo tendo familiaridade com aquele lugar e com as pessoas que o frequentam poucas vezes me deparei com a presença de associados conhecidos.

Pude ver alguns associados conhecidos e outros, a maioria que eu não conhecia, nem de passagem (Diário de Campo do dia 15/01/2020).

Percebo no decorrer do tempo eu fico ali sentada observando que minha maior dificuldade aqui é encontrar espaço, seja para sentar entre eles, seja para conversar, pois como as pessoas são diferentes todos os dias eu não consigo construir um laço, nem que seja de reconhecimento, com elas. Dessa forma, não consigo perceber nada além do imaginável, diferentemente de outros trabalhos e etnografias que conheço onde o público não é tão mutável e um laço é construído com os interlocutores (Diário de Campo 06/02/2020).

Destaco que por estar inserida na rotina do clube algo que me chama atenção, novamente e de forma constante, é o de não conhecer ninguém que ali estava, nem mesmo ‘de vista’ (Diário de Campo do dia 10/03/2020).

Somada ao meu estranhamento de não identificar rostos conhecidos em grande parte das idas a campo está a presença minoritária dos homens naquele espaço, mesmo que seja período de férias para muitos do que estão ali. Em mais de uma oportunidade pude perceber um

[...] elevando número de mulheres fazendo uso daquele espaço quando comparado ao baixo número de pessoas do sexo masculino, em relação aos adultos, pois as crianças estão em equilíbrios de ocupação (Diário de Campo do dia 15/01/2020).

Novamente em sua grande maioria havia mulheres e crianças, dessas algumas estavam acompanhadas de seus filhos pelo contato que havia entre eles, e de forma repetida poucos homens. Inegavelmente quem domina esse espaço são as crianças, maiores ou menores (Diário de Campo do dia 06/02/2020).

Além disso, em sua maioria quando os homens estavam ali, quase que por unanimidade estavam dentro da piscina: por vezes sozinhos, com crianças ou mesmo com pessoas conhecidas. E para minha surpresa:

[...] havia poucas pessoas fazendo uso de seus celulares ou outros eletrônicos, a maioria estando acompanhada de alguém conversando ou mexia de forma breve no celular e o guardava novamente (Diário de Campo do dia 15/01/2020).

Inseridos em uma sociedade bastante dependente da tecnologia e fazendo uso dela para o trabalho, para a comunicação, mas também para uso de redes sociais e dos jogos eletrônicos, a situação identificada escapa em partes da nossa realidade. O sociólogo Zygmunt Bauman reflete sobre os comportamentos da modernidade e lança a ideia de relações líquidas, propondo que vivemos em uma sociedade mutável e imprevisível. Dentre os conceitos discutidos por ele em seu livro “Amor Líquido” (2004) o autor sugere que a atual organização da sociedade torna nossa capacidade de amar algo frágil. O que reflete em relações mais flexíveis e consequentemente tecidas e desmanchadas com facilidade, levando as relações a não se manterem em longo prazo. Assim acabamos trocando os relacionamentos por conexões, ou seja, as relações tornaram-se virtuais ocorrendo através das redes, e nesse ambiente elas surgem e desaparecem com velocidades inigualáveis, já que sempre há a possibilidade de deletar.

Com a evolução das tecnologias e com o advento de celular, para Bauman (2004) é como se sempre estivéssemos dentro, não existindo o longe e o perto, o que acaba resultando de acordo com seus entendimentos no afastamento de quem está ali. O que fica mais claro quando ele dá para tanto, o exemplo de uma família, como se cada membro estivesse em um cômodo da casa, mas conversando entre si através do telefone. Não é necessário um grande

esforço para imaginar ou mesmo lembrar uma situação similar à descrita por ele que tenhamos vivenciado.

Entendo o exemplo usado pelo sociólogo como uma cena que compõe parte da nossa realidade. Entretanto, em minhas observações pude identificar um comportamento que se afasta dessa noção de relações frágeis e instáveis. Percebi em minhas idas a campo as pessoas unidas, próximas e mantendo diálogos, o que transmite a impressão de que ali existe uma quebra desse distanciamento e as pessoas usam o clube como um ponto de encontro, embora não por todo o tempo que lá permanecem, já que desligar do universo virtual é algo raro na atualidade. Ou mesmo se estende a todos os associados e convidados, visto que em uma das observações havia um homem com seu *notebook* no espaço da piscina, e com ele permaneceu por um longo período.

Entendo que naquele espaço as pessoas se organizam para estarem agrupadas com seus pares, ficando próximas de algum conhecido, amigo, convidado, já que é possível levar não sócios nas terças, quartas e quintas durante a temporada de verão para usar a piscina, pelo qual o associado titular será responsável caso algum incidente ocorra.

A confraternização, o diálogo, as altas risadas e a dedicação com as pessoas que estão juntas é algo que chama minha atenção, já que está tão comum ver as pessoas sempre conectadas e fazendo uso constante de seus smartphones (Diário de Campo do dia 18/01/2020).

Esse comportamento destoante – com as devidas ressalvas e exceções – das relações líquidas propostas por Bauman pode estar pautado pela ideia de que a ASTTI representa aos seus associados um lugar onde ocorre a fuga da rotina e das obrigações, representando nessa perspectiva o momento de lazer daqueles que ali se encontram. O que acaba por refletir em uma conduta divergente daquela adotada nas situações cotidianas e que exigem a conectividade da modernidade líquida, como apontado pelo autor.

Pude observar nas idas a campo que enquanto a movimentação dos adultos é menor – permanecem mais tempo no mesmo espaço seja na água, seja na cadeira –, as crianças transitam mais, permanecendo pouco tempo estáticas, trocam inúmeras vezes de piscina, caminham até os responsáveis, retornam à água sem descanso.

Desde que adentrei na ASTTI, boatos sobre uma piscina térmica já existiam, e eram advindos de todos: associados, diretores, funcionários e dos prestadores de serviço. E motivos não faltavam para essa construção: a estrutura inflável tinha data de validade, muitos associados apontavam não usar a piscina porque sentiam-se sufocados e pelo uso compartilhado da piscina

durante o verão entre alunos de natação e hidroginástica com os associados em seu momento livre.

Até que em março de 2018, após o final da temporada de verão, iniciou-se a construção da piscina térmica, que foi concluída em dezembro de 2019. A partir de então a ASTTI passou a dispor aos associados uma estrutura que engloba uma piscina térmica de 25 metros disposta em seis raias, contando com sauna seca e novos vestiários.

Figura 16 - Piscina térmica.



Fonte: acervo da autora.

Além de acompanhar a obra ao longo de suas fases – muito em virtude de que esse seria meu novo ambiente de trabalho –, participei da sua inauguração, que ocorreu no dia 07/12/2019, o mesmo da Festa de Final de Ano descrita anteriormente. A inauguração foi marcada para as 20h, antecedendo o início da festa, e teve cerca de oitenta convidados, em sua maioria membros da diretoria, mas também associados patrimoniais e alguns funcionários ou prestadores de serviço – assim como eu e meu chefe.

Logo o Presidente, que realizou a construção do prédio integralmente em seu segundo mandato, tomou a palavra e iniciou agradecendo a presença de todos e celebrando mais uma alegria para a ASTTI, além do final do ano. Revelando estar nervoso, após algumas breves palavras que se basearam em sua alegria de ver mais uma opção de lazer aos associados concluída, passou à tarefa de conduzir e cerimônia a um homem que serve como um consultor

da diretoria, alguém que sugere caminhos e possibilidades frente a alguns problemas enfrentados por seus membros.

Trago um trecho do diário que escrevi no dia após o evento:

A fala dele versou no sentido de enaltecer a entidade, o trabalho do Presidente e de seus colaboradores, mas também de exaltar como a Associação se destina a fazer amigos, a encontrar as pessoas queridas e como ali é um lugar familiar e aconchegante. Além de descrever um pouco de todo o empenho dos envolvidos no planejamento e na construção dessa nova piscina que ele pode acompanhar. Optando repetidamente por um tom de enaltecimento como se ali fosse o melhor lugar para encontrar os amigos, familiares e como se tudo fosse perfeito (Diário de Campo do dia 07/12/2019).

A palavra é devolvida ao Presidente, que pede desculpas aos presentes quando diz que lerá o que escreveu, porque estava nervoso demais com tal inauguração, algo muito esperado e sonhado por ele e por tantos outros. Nesse texto ele agradeceu a todos os presentes, mas também a todos os envolvidos ao longo do projeto, apontando sua fala para o fortalecimento da instituição que teria agregado valor financeiro, mas também estrutural ao clube. Discorre ainda sobre a possibilidade, agora existente, de a ASTTI de sediar competições de natação em sua nova piscina, que teve o projeto idealizado para propiciar tal oportunidade. Finalizou seu discurso com a frase: “Inaugurada a nova piscina semiolímpica com sauna” (Diário de Campo do dia 07/12/2019).

Retirado o pano que cobria a placa inaugural e findada a eufórica salva de palmas, o consultor retomou a palavra e como uma forma de agradecimento aos envolvidos leu o nome de todos que nela constavam. Feitas algumas imagens (pelos fotógrafos contratados) desse momento, logo os garçons entregaram taças com espumante aos presentes para que fosse feito um brinde e posteriormente as portas foram abertas e as luzes da piscina foram acesas para que todos ali pudessem conhecer a nova piscina. Passado algum tempo os garçons encheram as taças de quem desejasse, enquanto as pessoas permaneciam circulando no espaço, conversando com seus pares, tirando fotos, até que todos se direcionaram ao Salão da Figueira, onde seria feita a Festa de Final de Ano.

Figura 17 - Placa de inauguração.



Fonte: acervo da autora (a foto está distorcida para não identificação dos nomes).

Até a construção da nova piscina findar, o espaço externo, ainda no verão passado (temporada de 2019), atendia à totalidade dos associados e também representava o lugar onde os alunos de natação e hidroginástica tinham suas aulas ao lado do ano. Partilha essa que gerava alguns incômodos entre alunos e associados, enquanto estes alegavam ficar com pouca área dentro da piscina – já que as aulas ocupam quase a metade da dimensão total desta –, aqueles justificavam estar pagando pelo lugar e usar o ano inteiro e não apenas no verão. Após a inauguração da nova piscina térmica o uso da área externa é exclusivo daqueles que estão em seu tempo livre e as aulas são na área interna desde então.

Destaco que, embora os alunos não correspondam à totalidade dos associados que usam a piscina, eles a ocupam de forma regular ao longo do ano, enquanto aqueles que vêm no verão – mesmo que tenham uma frequência maior – limitam-se àquele período do ano. Justifico essa presença na temporada de verão pelo fato de que no inverno raríssimas são as oportunidades em que sócios que não são alunos fazem uso da piscina.

Em relação ao horário de uso das piscinas, destaco que há diferenças entre as ocupações das piscinas ao ar livre e da piscina térmica. A área externa recebe os associados

majoritariamente no período da tarde – em dias úteis ou nos finais de semana –, no período da manhã a movimentação de pessoas é menor. Já a piscina térmica é ocupada nas primeiras horas da manhã pelos associados que fazem aulas de natação ou hidroginástica, horário no qual só o acesso dos alunos é liberado. Após as aulas há uma redução significativa de associados ao longo do dia com baixa frequência, que acaba por aumentar no final de tarde – por volta das 17h –, horário em que iniciam as aulas. Nesse período o fluxo de pessoas também se eleva pela presença daqueles sócios que usam a raia destinada ao uso livre para nadar – na perspectiva de realizar uma prática esportiva, embora não sejam alunos. Com o transcorrer do horário o número de associados vai diminuindo até findar às 22h com o final das aulas e o fechamento da piscina.

Araújo, em sua etnografia sobre as práticas de lazer em um clube de Uberlândia/MG, percebeu algo bastante similar – embora a ASTTI não conte com piscina olímpica, a interpretação deve ser feita levando em consideração a piscina térmica.

Na piscina olímpica observa-se adultos e idosos, sendo que a frequência durante o dia é pequena, mas intensa durante o final da tarde e durante a noite. Durante a semana é comum a piscina ser frequentada entre 17 horas e 20h30, enquanto nos fins de semana é utilizada o dia todo (ARAÚJO, 2015, p. 110).

Além dessas edificações apresentadas até aqui, existem outras espalhadas pelo espaço físico da entidade, contudo optei por apresentar e descrever de forma mais atenta as áreas acima pela sua importância no cotidiano da associação. Dentre aquelas que entendo não possuírem um peso expressivo para o desenvolvimento desta pesquisa e que não descrevi com maior detalhamento encontram-se a Sede dos Escoteiros da ASTTI; o prédio destinado aos funcionários da manutenção e limpeza – onde eles fazem suas refeições e também é local do almoxarifado –; a edificação onde se concentra a parte administrativa – comercial, financeiro, diretores e reuniões –; espaço junto ao ginásio e à piscina onde fica localizado o bar e restaurante da entidade. Como não trouxe imagens específicas de cada um deles apresento um mapa geral do território do clube como suas instalações identificadas.

Figura 18 – Identificação das estruturas físicas.



Fonte: Google Maps, modificada pela autora.

As explicações feitas me encaminham a perceber que existe um uso distintos dos espaços do clube ao longo do ano. Enquanto a piscina externa se enche com o subir das temperaturas, bem como as áreas ao ar livre, somada com uma movimentação constante de pessoas circulando ao longo do dia nos espaços do clube, em oposição o ginásio se esvazia. Em contrapartida, as aulas de natação e hidroginástica têm seu público aumentado na temporada de inverno, comportamento esse também percebido no ginásio não apenas na escolinha de futsal, mas também por grupos autônomos de adeptos de práticas esportivas. Enquanto isso, devido ao frio do sul do Brasil, deixa em total ócio as piscinas das áreas externas e quase sem uso as churrasqueiras, e não raramente com circulação restrita aos funcionários, diretores e prestadores de serviço até que as aulas aconteçam no final da tarde.

Esse capítulo partiu da apresentação de como a associação se estruturou e se construiu frente aos seus percalços e peculiaridades próprias. Para criar uma aproximação com o clube que é localizado em um pequeno bairro, trouxe alguns elementos que facilitassem a compreensão acerca dos fatores que levaram o que inicialmente deveria representar a sede campestre da entidade a ser hoje a sede social. Logo em seguida nesse subcapítulo a expansão do clube junto com suas modificações foi nos levando ao que culminou no passeio virtual pelas

instalações da então ASTTI fazendo uso de imagens, mas também de descrições referentes a informações sobre essas e sobre seus usos.

Para além desses elementos, outros precisam ser colocados, como os eventos sociais que são realizados ao longo dos meses do ano, alguns já característicos da ASTTI. Nas páginas que seguem darei atenção a esse importante momento de sociabilidade.

4.4. FESTAS E EVENTOS

Almoço do Dia das Mães e dos Pais, Festa do Peixe, Pré-carnaval e Carnaval, Festa de Final de Ano, Acampamento Farroupilha, Festa Junina e Dia das Crianças são alguns dos eventos com maior destaque. Mas alguns outros de menor prestígio, como os organizados há pouco tempo pelo DTG, como a costela 12 horas ou arroz carreteiro em um domingo de cada mês também compõem o calendário da entidade.

Tanno (2011), ao observar um clube no interior de SP, propõe que eventos como esses compõem o calendário dos clubes há muito tempo:

[...] várias datas do nosso calendário eram motivos para a realização de festas como a de São João, de Sábado de Aleluia e Réveillon. Os bailes, às vezes, possuíam nomes bem característicos, como baile das bolas, da chita, do xadrez, nos quais as roupas teriam que seguir essas respectivas estampas. Um determinado mês ou o início de uma estação do ano também nomeava outros divertimentos promovidos pelo Clube, como por exemplo, o baile de Maio e da Primavera (p. 333).

Embora muitas sejam as possibilidades de abordagem e discussão acerca de um clube, algumas questões sobre o lazer devem ser colocadas, como a oportunidade de atividades propostas:

[...] há uma predominância evidente de atividades físico-esportivas, sociais e artísticas, visto que no decorrer do ano esses espaços realizam um número considerável dessas atividades, tais como: bailes temáticos (carnaval, Havaí, 'halloween', mães, etc.) [...] festas comemorativas (páscoa, festa junina, dia das crianças, chegada de Papai Noel); atividades físicas (sala de atividade física, ginástica, atividades aquática) e esportivas (escolinhas de esporte, campeonatos internos, rachões em diversas modalidades) as quais fazem parte da programação diária dos clubes (CAPI, 2009, p. 18) .

Evidencio nesse caso particular que os eventos realizados ao longo do ano costumam reunir um grande número de associados e proporcionam relações de sociabilidade entre eles. Os eventos realizados ocupam um importante espaço na Associação, visto que merecendo seu devido destaque a ASTTI conta com um Grupo de Eventos criado há cerca de dez anos, logo

após a execução da sua primeira festa que marcou a comemoração dos 30 anos da entidade e reuniu cerca de 600 pessoas. Após a festa esse grupo reuniu-se como conta o interlocutor:

Tínhamos então uma reunião só do pessoal do evento para ver nossas metas, ver como tinha sido o trabalho. Nós tínhamos umas 50 pessoas participando do grupo, aí eu falei ‘Batemos nossa meta e tal, e é isso aí’ e o pessoal disse que queria continuar, mas como assim continuar? ‘Nós queremos continuar!’ Então vamos continuar, só que o seguinte, para que possamos continuar nós vamos trabalhar, mas vamos seguir comprando os ingressos dos eventos, aí quem queria ficar ficou, quem não queria saiu. Então com os que restaram falei ‘Vamos trabalhar nós, vamos continuar nosso grupo e vamos ter um grupo de eventos’. Falei com o pessoal para fazermos um almoço, fazíamos o cardápio [...] ia para a CEASA fazer as compras [...] ia para cozinha fazer as comidas, se tinha que decorar o salão eu também ia. [...] Então, tudo aquilo ali tem muito carinho, as coisas foram acontecendo o tempo foi passando e estamos até hoje, também já tivemos aulas de culinária, mas hoje o pessoal faz tudo e já anda sozinho, mas olha, não foi fácil, deu muito trabalho. Mas daí que eu te digo a recompensa não foi fácil, mas aconteceu, os resultados estão aí, os frutos foram colhidos. São resultados colhidos e hoje todos estão felizes, hoje mesmo com essa história toda aí o pessoal está com saudades, quer se encontrar, nós temos um vínculo muito forte no grupo (Entrevista realizada no dia 20/04/2020 com o Vice-presidente A).

Conforme os anos passavam, eles aperfeiçoaram suas técnicas na elaboração e preparação do cardápio, da criação e montagem da decoração e do processo organizacional de um evento. Concomitantemente, o grupo foi se fortalecendo, o que os levou a hoje serem os responsáveis pela organização, decoração e preparação dos alimentos no almoço do Dia das Mães e no dos Pais, na Festa do Peixe e na Festa de Final de Ano de forma voluntária. Algo que de acordo com o mesmo Vice-presidente é o que permite realizar os eventos sem que os custos sejam tão elevados:

[...] para tu fazer um comida boa por uma valor acessível tu tens que ter um grupo de pessoas que trabalhe de graça, nós temos o grupo de eventos, vão fazer a comida, vão decorar e tal, mas se eu tiver que contratar eu não consigo fazer uma refeição com esses valores (Entrevista realizada no dia 20/04/2020).

O que permite interpretar que as festas e eventos possivelmente não possuem o intuito de obter lucros, lembrando que esse não é uma das finalidades de uma associação, conforme apontado pelos autores. Entretanto, nem todos os eventos são de responsabilidade única desse grupo e levando em consideração os trechos de Capi e Tanno não raramente entidades com esse caráter possuem festividades tradicionais em seu calendário.

Na ASTTI dois eventos reúnem um grande número de associados e seus acontecimentos são esperado seja pela tradição, seja pela relevância: a Festa Junina e o Dia das Crianças. As festividades disponibilizam aos seus sócios um “combo” referente à alimentação: na primeira estão inseridas comidas características como pipoca, pinhão, milho e quentão, já na segunda o cardápio é direcionado às crianças e conta com refrigerante, pipoca e algodão-doce. Eventos

esses que tem um certo apelo infantil e contam com brinquedos infláveis de uso livre e animadores infantis para observar o uso seguro desses brinquedos, mas também para fazer atividades, como o casamento da roça que teve na festa caipira.

Outra característica em comum desses eventos é que eles são abertos ao público, ou seja, aqueles que não são associados podem adentrar as instalações da ASTTI mediante a compra de um convite, que permitirá sua entrada e o direito ao “combo” descrito anteriormente. Mesmo já trabalhando lá há alguns anos, apenas tinha escutado falar da grandeza da Festa Junina, porém até aquele dia não tinha tido a oportunidade de participar. Para minha surpresa, às 16h, quando cheguei à ASTTI já não havia mais lugar no estacionamento que fica no nível do ginásio, apenas no nível da quadra de areia, e que raramente é utilizado.

Embora tenha acompanhado o processo de montagem das barracas e colocação das bandeirinhas na semana anterior ao evento, não esperava encontrar o ginásio com tantas pessoas dando vida àquela confraternização. Em se tratando de uma festa temática muitas pessoas estavam caracterizadas, seja da cabeças aos pés, seja com uma camisa xadrez ou chapéu de palha, desde crianças até os adultos. Trago uma das imagens que fiz da Festa Junina realizada no ano passado (2019).

Figura 19 - Festa Junina (22 / 06 / 2019).



Fonte: acervo da autora.

Ao longo do tempo em que lá estive pude perceber muitas pessoas conhecidas – meus alunos, as crianças que frequentam a Colônia de Férias do clube e aqueles que transitam com frequência nas dependências da entidade –, embora houvesse um elevado número de pessoas, sem falar naqueles que não são associados. Similar ao comportamento que percebi na Festa de Final de Ano, aqui também foi possível ver as pessoas conversando e compartilhando daquele momento com outros associados e com seus conhecidos (sócios ou não) pelo agrupamento

visível aos olhos, seja nas mesas espalhadas pelo ginásio, seja pelas rodinhas de pessoas conversando.

Pude perceber dentre esses conhecidos que alguns tinham consigo potes, fiquei me perguntando por um tempo qual seria o motivo, até que pude entender:

[...] as pessoas levam potes e sacolas para poder levar embora aquilo que não consumiram no local, ou seja, se eu comi apenas uma das minhas pipocas eu posso levar o outro saquinho embora. Porém, havia pessoas levando batata-doce, bolo e tudo mais (Diário de Campo do dia 22/06/2020).

Surpresa com tal comportamento fui conversar com uma funcionária do clube sobre e ela me disse que isso acontece anualmente e acrescentou que: “Alguns inclusive pegam os combos de conhecidos ou parentes para poder levar para casa” (Diário de Campo do dia 22/06/2020).

Simbolizando o final do evento, já que a maioria foi embora após o acontecido, o Grupo de Escoteiros organiza ao longa da semana antecedente a famosa fogueira de São João. Quando chega a hora de atear fogo, todos são convidados a sair do ginásio e aproximar-se da quadra de areia onde é montada a estrutura e acompanhar a simbólica queima.

Esse tópico se dispôs a apresentar alguns elementos sobre as festividades organizadas pela Associação. Sem dúvida ela caracteriza-se com uma entidade vinculada ao universo do lazer enquanto um espaço importante para as pessoas e que se insere em suas vidas, através de suas oportunidades e experiências de lazer vivenciadas ali. Feita a contextualização até aqui como a trajetória do bairro, os caminhos trilhados pela Associação ao longo dos anos e a apresentação dos espaços me conduzem a olhar a partir de então para as relações sociais existentes na ASTTI.

5. UM OÁSIS NA CAPITAL

Possivelmente quando nos deparamos com a palavra “oásis” o que nos vem à cabeça prontamente é o oposto do árido, é a abundância. Evidentemente, não estamos no deserto para encarar a situação com esses olhos, porém podemos criar uma metáfora: os altos prédios e o asfalto quente são o deserto, enquanto a natureza da ASTTI é o oásis. Uma outra possibilidade, que se aproxima com a proposta desta pesquisa é a de interpretar que a ASTTI representa um oásis na vida dos seus associados quando atentamos para a rotina atarefada, conectada com a realidade virtual e estressada na qual a maioria de nós está inserido. Assim, ela passa a ser uma opção de lazer em que as pessoas deixam de lado o comportamento esperado fora daquele espaço.

Retomando a metáfora dos altos prédios e asfalto, conforme nos afastamos de ambos e percorremos os primeiros metros do chão batido ao longo da pequena lomba que leva até a ASTTI, de um lado da rua há a presença de mata nativa e do outro os primeiros metros da Associação que se estendem até a portaria. Chegando na entrada reformada da instituição, reconfiguração que substituiu grades de ferro por portões de vidro, além de embelezar a portaria com flores e árvores, proporcionando àqueles que adentram a sensação de que não se está a pouco menos de cinco minutos das grandes avenidas e movimentações.

Logo nas primeiras vezes que lá chegava para trabalhar, percebi que havia uma atmosfera diferente, numa primeira aproximação promovida pela presença de muito verde, do silêncio que é quebrado pelo canto dos passarinhos e também pelo chão de terra (sem asfalto). Contudo, meu entendimento sobre esse espaço peculiar dentro do contexto urbano demorou a aparecer, já que permanecia pouco tempo por lá, mas o diálogo com um associado – antes mesmo de iniciar esta pesquisa – evidenciou essa característica quando o interlocutor me disse que aquele espaço é para ele e sua família um oásis dentro da metrópole.

Seguindo com a metáfora de que a ASTTI é um oásis no prisma de seu espaço físico, ela conta com 38 mil metros quadrados de área, com mata nativa conservada (em partes) e ao pé do morro, por ali os ares são geralmente mais frescos e o pôr do sol no verão é um presente para quem está no nível da piscina. Além de o clima ser diferente daquele encontrado a poucos metros da Associação nas grandes avenidas que ressaltam a urbanização, a impressão é que o comportamento também é, finalizando a metáfora do oásis enquanto um espaço de quebra das rotinas.

Parto do olhar de Fernando Mascarenhas, quando estabelece uma relação entre as lógicas do lazer com os clubes e sublinha que esses possibilitam: “Alargando a esfera de

sociabilidade, ampliando as redes de convivência e definindo critérios de pertencimento, além de forjar novos modos de vida entre a população” (2005, p 167). Sob o viés de sociabilidade, de convivência e por fim de pertencimento é que as próximas linhas estarão pautadas, buscando compreender como são construídas na ASTTI.

5.1. UM LUGAR DA FAMÍLIA E DOS AMIGOS

Como enunciado anteriormente, a ASTTI foi fundada por colegas de trabalho que buscavam compartilhar momentos juntos uns dos outros, bem como acompanhados de suas famílias há cerca de 40 anos. Entre idas e vindas, muitos desses fundadores seguem sendo sócios e participando ativamente da vida do clube, como frequentadores ou como membros da diretoria.

Levando em conta essa longa trajetória é possível interpretar que cerca de um terço dos associados – aproximadamente 2.218 sócios (verificar o Quadro 2 na página 49) – se identificam como amigos e compartilham(ram) experiências. Memórias que podem ter sido criadas no ambiente de trabalho, de conversas ao longo dos anos, ou mesmo de momentos vivenciados no clube junto de suas famílias, que até 2002 foi um espaço exclusivo dos ex-funcionários da CRT.

Araújo identificou em sua pesquisa algo bastante similar:

O Praia Clube Uberlândia foi fundado em julho de 1935 com o objetivo de [...] oferecer uma completa infraestrutura para atender as necessidades de lazer e entretenimento de seus associados, obedecendo a princípios e valores éticos, além de contribuir para o aperfeiçoamento das relações interpessoais. Hoje, a comunidade praiana pode ser considerada um verdadeiro núcleo familiar (PRAIA CLUBE, 2014 *apud* ARAÚJO, 2015, p. 12).

Refletindo sobre as relações de algumas dessas pessoas, que já duram mais de 40 anos e que foram sendo forjadas conforme suas famílias cresciam, fica o entendimento de que, para alguns, a ASTTI ocupa um papel bastante relevante em suas vidas. Isso pode ser identificado nas palavras dos interlocutores:

Aquilo ali [*a ASTTI*] é praticamente a tua casa. [...] A gente vê o horizonte e tu nunca sabe o que ele te prepara, muitas vezes tu não te interessa por aquilo ali ‘tu diz que aquilo lá não é meu’, mas coisas que nós como diretoria nos preocupamos se aquilo está certo ou errado, não pode faltar coisa aqui ou ali (Entrevista realizada em 20/04/2020 com o Vice-presidente A, grifo meu).

Então é com dedicação, eu me dediquei. Eu acho que é extensão daquilo que tu faz na família, eu acho que tu pega aquilo que tu prega, aquilo que tu é e leva a tua família, porque é uma extensão da tua família, tu tem prazer com a associação e tu sente falta quando não faz. [...] É como se aquilo ali fosse nosso, mas é da gente, faz parte da família (Entrevista realizada em 18/04/2020 com o Vice-presidente A).

Suas falas estão carregadas de sentimentos e da importância que a ASTTI tem em suas vidas, esse significado fica evidente quando comparam com as noções de família e de lar. Optei por partir dessas colocações para iniciar o capítulo por entender que são essas as noções que motivaram a união dos sócios-fundadores, bem como aquilo que os manteve ao longo dos anos e por ainda permanecer sendo uma das propostas apresentadas pelo clube.

Seguirei nessa perspectiva retomando o título, onde consta o enunciado “Um lugar para fazer amigos” e que após tantas páginas ainda não teve um esclarecimento. Essa expressão, porém, é o *slogan* da ASTTI desde 2014, quando a chapa eleita nas duas últimas eleições ocupou a direção da instituição. Por de trás de um *slogan* se espera que existam ações que busquem pôr em prática aquilo que está sugerido na expressão.

É preciso mais do que campanhas, panfletos e *posts* em redes sociais para criar nos associados essa sensação e o comportamento desejado. Percebo que essa noção de amigos e família é usada pela diretoria como um estímulo para que seus associados desenvolvam tal pensamento que reflita em suas ações, buscando atingir também aqueles que porventura podem tornar-se sócios. Para tanto, o Vice-presidente B me contou:

[...] aquilo que eu transmito para eles, aquilo que eu vendo para eles, que eu peço que eles continuem transmitindo que é um ambiente de família, que nós somos uma família e isso vai inculcando na cabeça deles e eles vão passando e vão inculcando, e vai uma família e vão os amigos e todo mundo segue esse mesmo bordão. [...] e as pessoas estão comprando e estão repassando (Entrevista realizada em 18/04/2020).

A passagem está repleta de trechos que merecem considerações, dentre eles a afirmação de que ali se encontra uma família e que representa um lugar familiar. Mas afinal o que é uma família? E ainda o que vem a ser um ambiente familiar?

Aviso de antemão que não tenho a pretensão de discutir o conceito de família, contudo, entendo que sem apresentar um parecer sobre o assunto dificultaria o avanço da discussão. Aproveito para expor que, ao refletir sobre os conceitos do termo família, devemos fazê-lo com parcimônia, afinal é algo bastante relevante na sociedade pelo lugar que ocupa na vida dos seres humanos.

Início partindo da historiadora Flávia Biroli, que sublinha:

A família se define em um conjunto de normas, práticas e valores que têm seu lugar, seu tempo e uma história. É uma construção social, que vivenciamos. As normas e

ações que se definem no âmbito do Estado, as relações de produção e as formas de remuneração e controle do trabalho, o âmbito da sexualidade e afetos, as representações dos papéis sociais de mulheres e homens, da infância e das relações entre adultos e crianças, assim como a delimitação do que é pessoal e privado por práticas cotidianas, discursos e normas jurídicas, incidem sobre as relações na vida doméstica e dão forma ao que reconhecemos como família (BIROLI, 2014, p. 7).

Da mesma forma que outros conceitos, como gênero⁸, a família pode ser interpretada como uma construção social, nos entendimentos da autora. Ainda que a família ocupe a esfera privada de nossas vidas, o Estado possui certos domínios sobre suas conformações, definindo, por exemplo, os tipos de família: matrimonial (pelo casamento), informal (através da união estável), monoparental (com a presença de apenas um dos pais), anaparental (sem a presença dos pais, só os irmãos) e outras tantas expressões familiares (OLIVEIRA, 2017).

Anteriormente à Constituição de 1988, a família era tida como algo biológico e entre parceiros de sexos diferentes, apenas com sua legitimação a família passou a ser um grupo social e situado na cultura (MADEIRA, 2015). Não sendo mais o casamento o elemento formador de uma família, mas o sentimento que une seus membros e a vontade de unir-se ao outro. Augusto (2014) sugere que a constituição da família é algo subjetivo ao indivíduo e fundado no afeto.

Partindo dos entendimentos apresentados acima, de que família são pessoas unidas pelo desejo de estarem juntas e não apenas por laços sanguíneos, assumo a partir daqui que a expressão família será usada no sentido de evidenciar a vontade de seus membros de estarem unidos e da manutenção de suas relações. Nesse sentido, a expressão “ambiente familiar” deve ser interpretada da mesma forma, ou seja, um ambiente que proporcione às pessoas uma convivência agradável, possibilitando a sensação de pertencimento junto daqueles que lhes são caros.

Tendo esclarecido a utilização dos termos, é possível um segundo olhar sobre a passagem referida anteriormente, relacionando-a com os apontamentos de Bauman sobre as relações líquidas. O sociólogo propõe que estamos em um processo de desconexão das pessoas, usando com maior frequência a internet e suas múltiplas possibilidades de acesso ao invés de estabelecer contatos presenciais. Retomo o exemplo de Bauman (2004), sobre os membros de

⁸ Donna Haraway (2004) defende que o conceito de gênero foi se construindo a fim de contestar alguns ideais, pautado pela ideia central de transformar os sistemas históricos de diferença, entre homens e mulheres, que foram socialmente construídos e organizados sob a hierarquia e o antagonismo. Joan Scott (1995) acrescenta que as feministas pautadas pela distinção social entre os sexos passam a utilizar o termo gênero, como forma de rejeitar o determinismo biológico, bem como refletir sobre as definições normativas de feminilidade. Scott sugere que o uso da expressão rejeita as lógicas biológicas, indicando assim as “construções culturais” (p. 75) que remetem aos papéis adequados aos homens e as mulheres, como um maneira de referir as origens sociais das identidades no sentido de conferir uma categoria social sobre o corpo sexuado.

uma família em diferentes cômodos da casa conversando entre si pelo celular, para uma reflexão no viés da opção.

Ou seja, os associados que saem de suas casas e deslocam-se até a ASTTI o fazem por escolha, querem estar lá e não como uma obrigação – como seria o exemplo da casa, afinal de contas lá residimos e precisamos retornar diariamente. Esse olhar de escolha sugere uma quebra das rotinas e das obrigações, uma possibilidade de mudança no comportamento esperado pela sociedade conectada em que vivemos. O que eu quero dizer é que quando estão lá optam por estabelecer vínculos, criar memórias, compor o sentimento de pertencimento e vivenciar situações diferentes das cotidianas, desconectando-se do meio virtual, muitas vezes, para junto da família e dos amigos que lá construíram desfrutarem do seu momento de lazer.

Observando a discussão feita até esse ponto, fica a impressão de que está sendo propagado algo sólido, não líquido como nossas vidas contemporâneas. Está sendo ofertada a possibilidade de uma criação de laços e vínculos com pessoas desconhecidas em um primeiro momento, mas que possivelmente buscam naquele espaço oportunidade semelhantes, como a quebra das rotinas.

Ainda sobre esse viés, o Vice-presidente B segue afirmando que:

Então, o que acontece que a gente sempre tenta imprimir é que lá é um lugar para tu encontrar teus amigos, lá é um lugar para tu fazer outros amigos e muitas vezes tu mora sozinho e não tem ninguém para conversar e lá tu tens a sociabilidade, tem outras pessoas para tu aumentar o teu leque de amizades. Mas para que tudo isso aconteça tu tens que te sentir em lugar agradável, um lugar gostoso, um lugar bom, onde tu encontre pessoas amigas (Entrevista do dia 18/04/2020).

Além de reiterar a perspectiva de que lá é um lugar de encontro e de criação de laços, nesse trecho o entrevistado sublinha ser necessário um ambiente favorável, que proporcione conforto. Aqui cabe a inserção do termo ambiente familiar, já que é entre aqueles que amamos e identificamos como nossa família e amigos que nos sentimos à vontade e acolhidos. Característica também evidenciada por Araújo em sua pesquisa no trecho: “num ambiente familiar, com aqueles que se escolheu para partilhar, para vir à festa, conhecidos, amigos e familiares” (2015, p. 117).

Araújo identificou no trabalho de Maldonado (2010) que observou clubes da Cidade do México, que lá também há essa visão do clube como um ambiente de família, através de expressões como: “o clube é um lugar onde você encontra amigos”, “onde você é acolhido” (ARAÚJO, 2015, p. 119). Em sua pesquisa sobre um clube mineiro identificou como “Família Praiana”: o clube, os associados, os diretores e os funcionários. O trecho que segue retrata claramente isso.

[...] essas pessoas conservam a tradição do Praia de formar verdadeiras famílias dentro do clube, unidas por objetivos em comum. [...] reconhece a importância de ver pais e filhos convivendo em harmonia dentro do clube, em um costume que atravessa e segue firme em direção ao futuro. (PRAIA CLUBE, 2014 *apud* ARAÚJO, 2015, p. 119).

Assim como no clube de Uberlândia/MG, a comunicação com os associados da ASTTI possui esse viés de enaltecimento da família e dos amigos. Perante a pandemia e seus reflexos no distanciamento social, acrescido do aumento do uso das redes sociais para comunicação, optei por fazer uso desse recurso como uma ferramenta para agregar o conteúdo já existente. Dentre as mídias sociais disponíveis a Associação usa de forma substancial o Facebook, do qual extraí a próxima figura na qual consta um comunicado do Presidente.

Figura 20 – Comunicado do Presidente

The image shows a screenshot of a Facebook post from the ASTTI page. The post is titled "Comunicado" and is dated "8 de abril às 14:03". The text of the post discusses the impact of the COVID-19 pandemic on the association, mentioning the suspension of activities and the importance of maintaining membership dues for the month of April. The post is signed by the President of ASTTI.

Fonte: página da ASTTI no Facebook.

Esse *post* foi publicado logo no início da pandemia, quando as dúvidas e as incertezas estavam imperando, bem como a necessidade de palavras reconfortantes. Para tanto, as

primeiras palavras do Presidente giram em torno de “lar”, “valores fraternos” e de que ASTTI é com uma “segunda casa” para ele, bem como para os associados. O comunicado tem um tom de que a ASTTI é uma família, um lugar de encontrar as pessoas queridas e de sentir-se bem.

Trago, por fim, na perspectiva da diretoria, nessa noção de família, uma passagem de Araújo (2015) sobre o clube por ele estudado que se encaixa em grande parte com a ASTTI.

[...] a imagem da ‘família praiana’, o clube como um lugar próprio para os associados, um lugar que oferece lazer para a família, que tem a família como base, um lugar onde todos os associados fazem parte do mesmo empreendimento de ‘bem-estar e lazer’, evitando conflitos, justificando os investimentos do clube como investimentos para ‘todos os associados’ (p. 123).

As noções de família colocadas até aqui se aproximam da ideia de amizade, quando os sócios escolhem estar na ASTTI junto de pessoas queridas. Até aqui os trechos utilizados estavam mais direcionados aos diretores, aproveito o trecho acima para deslocar as observações aos associados. Trago uma fala marcante para adentrar na esfera da amizade e dos sócios: “Eu vim aqui para fazer amigos” (Diário de Campo do dia 30/07/2019).

Essa frase foi proferida pela Associada B, que era minha aluna e ocorreu em meio a uma aula de ritmo bastante elevado enquanto estávamos fazendo um intervalo. Interpretei suas palavras como se ela quisesse dizer que estava ali para criar vínculos, fugir das tensões cotidianas e interagir com seus colegas de turma, construindo com eles laços de amizade e que o ritmo impresso não estava permitindo esse contato, já que faltava tempo e fôlego para conversar. Mesmo sendo a turma dela uma das mais dedicadas e concentradas na aula, todos caíram na risada, inclusive eu. Ela faz parte da turma que foi descrita anteriormente e ela estava presente na Festa Junina.

Antes de dar continuidade no que se refere a amizade é preciso fazer uma aproximação com o assunto e esclarecer o uso do termo, apontando qual interpretação assumo em relação ao tema. Luciana Souza e Mônica Duarte relacionaram as relações de amizade com o bem-estar de pessoas adultas, elas apontam através de Argyle (2001) que os relacionamentos que impactam na felicidade são a família, os romances e as amizades (SOUZA; DUARTE, 2013). As autoras sugerem que

A amizade é um relacionamento percebido como significativo e que envolve aspectos como companheirismo, ajuda (instrumental, emocional e social), confiança, autorrevelação, proximidade relacional, autovalidação, respeito, lealdade e disponibilidade. Do amigo se espera e a ele se oferece perdão, compaixão, paciência, empatia, altruísmo, gratidão e honestidade (p. 430).

Estando as relações de amizade inseridas em nossas vivências ao longo da vida, Raquel da Silveira fez uma reflexão pertinente:

O tema da amizade, muitas vezes, é tratado de maneira *familiar* por estar presente no cotidiano das pessoas. Quem não sabe o que é amizade? Quem nunca teve um amigo? Quem nunca foi um amigo? No entanto, definir o que significa amizade, o que deve significar, ou o que já significou e o que pode significar é tarefa complexa (2008, p.122).

Tomando como referência esses conceitos e o discurso dos nativos, assumo a partir daqui que esse vínculo deve ser entendido partindo das relações sociais que ocorrem entre pessoas diariamente, construídas a partir do grupo social em que nos inserimos. Tendo apontado a noção de amizade, aproveito para aprofundar a descrição da turma citada na fala acima da Associada C, por ela ter características bastante peculiares e mesmo que sem muita proximidade é possível perceber que ali existem vínculos e uma amizade consolidada.

Atuei em seis turmas de hidroginástica ao longo desses anos, o que possibilitou a identificação de algumas diferenças entre elas, como, por exemplo, o tempo em que os alunos permanecem na piscina nos momentos que antecedem ou após a aula. Enquanto as outras turmas formam pequenos grupos com três ou quatro pessoas, não abrangendo a turma como um todo e permanecendo poucos minutos por ali antes de irem para os vestiários, essa turma desfrutava desses momentos com praticamente todos os colegas. Conforme pude observar, poucos deles iam embora logo após o final da aula e, coletivamente, disponibilizavam um tempo para estarem juntos. Após o horário da aula, por vezes ficavam mais de trinta minutos em meio a conversas e risadas, que eu escutava de longe enquanto ministrava aula para outra turma.

Percebi outras duas características nesse grupo de amigos, são elas: convivem coletivamente e construíram um círculo de confiança ao longo dos quase três anos em que os acompanhei enquanto professora e pesquisadora. Ao observar as outras turmas percebi que existem pequenos grupos dentro da turma. Embora as pessoas se conheçam e mantenham diálogos básicos, não há grandes interações. Em contrapartida, na referida turma há uma coletividade na qual todos interagem com todos em um clima bastante tranquilo, com tom brincadeira e descontração. Quando um novo aluno entrava nessa turma logo eles inseriam a pessoa na turma e os vínculos iam se fortalecendo.

No prisma da confiança me refiro aos encontros realizados em dias marcados para alguma comemoração específica – algo que também ocorria em outras duas turmas –, da qual eu participava. Nesses outros grupos era acordado, entre todos que compareceriam, qual seria o cardápio e cada um levava um prato. Já nessa turma em especial ocorria a escolha do cardápio,

quando alguém ficava responsável por comprar os itens necessários e no dia do evento era feita a divisão dos valores. Percebo essa diferença na organização das confraternizações como um ponto de confiança que existe nesse grupo, forma de relacionamento bastante presente em grupos que adquirem intimidade e sentimento de pertencimento.

Araújo deparou-se com algo bastante próximo na “Roda de Samba” (2015, p. 81) que ocorria às sextas-feiras no clube que estudou, interpretou aqueles que iam à confraternização como pertencentes aquele espaço,

[...] a festa constitui um momento de reprodução de relações sociais, pois neste espaço o fundamental parece ser ‘estar com os seus’, ‘num ambiente familiar’, com aqueles que se escolheu para partilhar, para vir à festa, conhecidos, amigos e familiares (p. 81).

Ademais, Silveira percebeu no grupo de mulheres que observou que elas tinham momentos bastante pontuais para reafirmar o sentimento de pertencer àquele grupo, que a autora definiu como: “o *ritual* de bater palmas, as relações de sociabilidade e o ambiente de descontração” (2008, p. 88). Por fim, sublinha que “o sentimento de pertencimento, vinculado a outros fatores, também é significativo e revela certo *status* entre as participantes” (p. 88). Esses trechos reforçam a ideia de amizade, bem como de pertencimento, contudo, não seria difícil pautar pelas experiências que vivemos, afinal ter amigos é algo que compõe a experiência humana.

A partir do comentário da Associada B, somado às provocações feitas pela banca de qualificação, as relações de sociabilidade, amizade e família passaram ter uma maior importância no meu olhar sobre a ASTTI. O que fica bastante explícito na fala do Associado C no dia da Festa Junina feita pela mesma turma da Associada B, que vem sendo abordada:

Dentre as inúmeras frases proferidas pelo Associado C ao longo da conversa de tom animado, uma vem chamando minha atenção há algum tempo, não sendo essa a primeira vez que ele fala algo nessa perspectiva, e cada vez mais enfática quando diz: ‘o que importa é isso’ (Diário de Campo do dia 15/06/2019).

Quando observamos a fala dos Associados B e C que compõem a turma referida é possível identificar que ser sócio da ASTTI, bem como frequentar as aulas e construir com seus colegas de turma um vínculo é algo bastante importante em suas vidas. É possível relacionar, em certa medida, com os apontamentos de Larissa Galatti (2010), que em sua tese analisou o esporte em um clube socioesportivo espanhol e identificou que essa configuração de clubes “visa atender aos interesses de seus associados através da oferta do esporte em seus diferentes significados” (p. 100).

A autora segue sugerindo que, mesmo tendo a estrutura física para as práticas corporais, os clubes não estão restritos a essas atividades, e desenvolvem ações culturais e sociais. “Assim, é comum que um mesmo clube apresente atividades esportivas, mas também atividades de lazer não relacionadas ao esporte. No Brasil, essa é uma constante, sendo comum os clubes multi-esportivos e, ainda, de lazer” (GALATTI, 2010, p. 100).

Bem como a ASTTI é bastante comum o clube não ser exclusivamente esportivo, agregando festas, bailes e outros encontros na interpretação da autora, tendo como possível objetivo a:

[...] satisfação de necessidades sociais de seus atores: associados e vinculados que tendem à coesão, uma vez que são indivíduos que se organizam para ações em comum, tendo como referência o fenômeno esporte, em seus múltiplos significados (GALATTI, 2010, p. 100-1).

Por outro lado, as práticas corporais, como a aula de hidroginástica, extrapolam os limites da prática pela prática e aquele espaço ganha outras dimensões, corroborando o observado por Tanno (2011): “o Clube funcionava como espaço propício para a sociabilidade” (p. 336). Os 45 minutos que duram as aulas de natação e de hidroginástica na ASTTI são explorados pelos alunos para construir os laços, mas que não findam quando acaba o tempo determinado. Muitos ficam conversando após o final da aula dentro da água, ou no vestiário, sem falar das confraternizações, como as já descritas.

Deparei com dados que dialogam com o que Tanno encontrou, ao sugerir que o clube funciona como um espaço de sociabilidade. O trecho que segue é da entrevista feita com uma interlocutora que estabeleceu o vínculo com o clube no intuito de frequentar as aulas de hidroginástica buscando condicionamento físico, mas acabou criando vínculos mais profundos:

Associada A: Vejo o clube de forma muito semelhante a um condomínio. Tem toda uma estrutura que acabo não utilizando, mas gostaria. E se o fizesse seria um lugar legal para fazer novas amizades... O que a hidro já me trouxe também.

Eu: As amizades que comentou foram consequência da prática, não buscava isso?

Associada A: Não foi o objetivo, mas foi uma grata surpresa (Entrevista realizada no dia 22/4/2020).

Entretanto, o clube proporciona a criação desses vínculos não apenas nos espaços de práticas corporais, embora o processo seja facilitado pelo contato frequente. Como contou essa sócia que se vinculou à ASTTI há mais de dez anos:

Associada D: Sim, sempre a gente encontra um amigo que fizemos no clube. Desde as festas de final de ano que a gente encontra as pessoas, sentamos nas mesas juntos

e depois acabamos fazendo amizade e se encontra. E as colegas de hidro e as pessoas que encontramos nos vestiários, as pessoas que encontramos no domingo como as mães com as crianças (que fazem aula durante a semana) e acaba fazendo amizade. As amigadas que já foram infelizmente, mas que ficam no coração da gente.

Eu: Então tu acha que o clube também é um espaço para encontrar pessoas conhecidas, amigos?

Associada D: Sim, ali é o lugar ideal para fazer amigos, as pessoas que estão ali geralmente estão com a mesma finalidade do lazer (Entrevista realizada no dia 23/04/2020).

Enquanto alguns fizeram amigos após a inserção no clube, outros associaram-se por terem amigos por lá. Como é o caso dos Associados F e G, que são um casal e sócios desde que a ASTTI permitiu o acesso daqueles que não eram vinculados à CRT, em 2002. Esse casal entrou em uma das turmas de hidroginástica no início de 2019, esse grupo até então era bastante distante, seus membros conversavam, mas sem relações desenvolvidas. Contudo, eles podem ser descritos com agregadores, afinal após sua entrada a turma começou a unir-se e no final do ano fizemos confraternização com direito a amigo secreto.

Ao longo do ano que convivi com esse casal fui entendendo conforme contavam histórias juntos dos Associados H e I, que passaram a fazer parte dessa mesma turma de hidroginástica devido à presença dos Associados F e G, que são amigos há mais de trinta anos. Sendo os Associados H e I patrimoniais, foram eles que incentivaram o vínculo com a ASTTI dos Associados F e G, conforme o trecho:

Em relação aos Associados F e G eles foram direcionados a estabelecerem o vínculo junto ao clube por suas relações íntimas com associados patrimoniais H e I, que são associados patrimoniais muito participantes na vida da ASTTI (Diário de Campo do dia 17/05/2019).

A observação que gerou esse diário de campo foi realizada no primeiro encontro dessa turma, em um galeto feito no Aquário em uma sexta-feira, que se iniciou após a aula dessa turma e findou por volta das 23 horas. Curiosamente essa turma tem muitos casais, cada turma pode ter até quinze alunos, nesse caso os casais ocupam metade das vagas disponíveis e nesse dia eles estavam todos presentes. Como o vínculo ainda era bastante incipiente e as pessoas ainda estavam se conhecendo, o tom das conversas foi bastante descontraído e uma delas foi em torno do que os levou a serem sócios.

Ademais, a ASTTI não proporciona apenas a possibilidade do estabelecimento de vínculos, mas também oferta o ambiente para que isso ocorra. Ponto que pode ser depreendido no trecho

Eu: Tu comentou que esporadicamente frequenta as churrasqueiras, isso ocorre em quais ocasiões?

Associada A: Quando combino com outros amigos que também são sócios.

Eu: Uma espécie de confraternização?

Associada A: Sim, mas sem motivos específicos (Entrevista realizada no dia 22/04/2020).

Corroborando a fala acima trago outra interlocutora, essa que comenta sobre como o clube se apresenta para ela:

Associada D: [...] O ambiente oferecido pela ASTTI faz com que a gente se sinta bem, à vontade. Fazendo a gente se mexer, dá vontade de ficar num ambiente onde tu tem pessoas legais e amigos, em um lugar onde a gente possa se sentir à vontade e motivados [...] (Entrevista realizada no dia 21/04/2020).

Partindo de sua fala retomo o aspecto do pertencimento, afinal a sensação de estar à vontade em um espaço está relacionada com sentir-se parte de algo, pertencer. O que se soma a outro ponto sublinhado por ela de que lá encontra seus amigos, o que reforça a sensação de fazer parte daquele espaço.

Porém, não cabem generalizações, afinal existem aqueles sócios que fazem a aula sem grandes contatos com outros colegas e em seguida ao final da aula vão embora, ou ainda aqueles que frequentam o clube sem construir laços ou compartilhar de momentos e vivências por opção. Nessa perspectiva o Prestador de Serviço B destaca:

Então tu tem alguns que tão ali pela convivência, pela parceria de estar junto e de poder num dia de jogo vim tomar um chimarrão. Até ano passado nós tínhamos o treino das categorias maiores de manhã, então, os pais vinham tomar um chimarrão, conversavam e ficavam juntos na arquibancada (Entrevista realizada no dia 22/4/2020).

Nós temos aquele sócio que está na associação para conviver, para ter uma empatia com outros grupos e esses mesmos já fazem parte de outras atividades do clube, os que têm esse perfil, eles não ficam só no futsal com as crianças. Eles já convivem e vivenciam de forma mais ativa. Tem também os sócios que estão ali para adquirir os serviços, primeiramente comercial, então eles exigem esse comportamento e estão ali só pelos benefícios que o clube tem para dar, não para conviver e ter uma convivência, vêm, fazem o que tem que fazer, fazem sua aula e vão embora (Entrevista realizada no dia 22/4/2020).

Entendo que colocar como uma única forma acaba estabelecendo que isso ou aquilo não é viável, como se não houvesse particularidades ou pessoas que saem fora do comportamento esperado. Alguns sócios desenvolvem relações mais profundas e outros usam o clube apenas com um instrumento de uso para determinados fins, o que nos encaminha ao próximo tópico.

5.2. PEDAÇO PARA QUEM?

Partindo do entendimento de que a ASTTI proporciona aos seus sócios um ambiente propício à criação de laços, mas que isso não garante que todos seus associados os desenvolvam, o conceito de pertencimento precisa ser desenvolvido. Aos olhos da interpretação de Magnani, através do não estabelecimento de vínculos é como se esses sócios passassem a não “pertencer ao pedaço” (1984, p. 122).

Para estabelecer relações com os apontamentos do autor é preciso entender os conceitos que ele propõe. “São dois os elementos básicos constitutivos do ‘pedaço’: um componente de ordem espacial, a que corresponde uma determinada rede de relações sociais” (MAGNANI, 1984, p. 137).

Trazendo os conceitos para a realidade observada, a ordem espacial ou física configura-se pelo território demarcado pelas cercas e muros da ASTTI, enquanto a rede de relações sociais se estende sobre esse território (MAGNANI, 2002). O autor acrescenta:

Não basta, contudo, morar perto ou frequentar com certa assiduidade esses lugares [*bar, padaria ou o ponto de ônibus*]: para ser do ‘pedaço’ é preciso estar situado numa particular rede de relações que combina laços de parentesco, vizinhança, procedência. Algumas categorias definem o grau de inserção nesta rede: diz-se que alguém é ‘chegado’ de fulano quando é apenas conhecido e os vínculos são superficiais. Ser ‘colega’ supõe uma relação mais concreta. (p. 137).

Embora tenha optado por não usar os termos “chegado” ou “colega” para interpretar as relações existentes na ASTTI, é possível através da descrição do Magnani compreender que fazer parte do pedaço plenamente não se trata apenas de ser sócio, mas é preciso ter relações e laços construídos com os outros integrantes do pedaço. Usando essa linha de pensamento aqueles sócios que usam o clube de forma bastante específica, como fazer sua aula e ir embora, não estão inseridos no que Magnani entende como pedaço.

“A Festa no Pedaço” (1984), livro escrito pelo autor, se dispõe a compreender como se dão as vivências de lazer em um bairro periférico de São Paulo e a partir dessa pesquisa o autor elabora as categorias de análise. Ele interpreta que “o núcleo do ‘pedaço’ apresenta um contorno contínuo, suas bordas são fluidas e não possuem uma delimitação territorial precisa” (p. 138). Pois o termo designa o espaço que existe entre o privado – que ele aponta ser a casa – e o público, e define que esse é o espaço: “onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade” (MAGNANI, 1984, p. 138).

Entendo, partindo das considerações do autor, que nem todos os associados desenvolvem as relações que compõem o pedaço, embora a ASTTI esteja localizada entre o privado e o público e proporcione aos seus sócios o desenvolvimento de relações de sociabilidade. Ao passo que cada um definirá qual o grau de vínculos que será estabelecido com a entidade e com outros sócios.

O autor expande as definições de pedaço, sublinhando que “A noção de *pedaço*, por exemplo, supõe uma referência espacial, a presença regular de seus membros e um código de reconhecimento e comunicação entre eles” (MAGNANI, 2002, p. 20). Cabe aqui fazer uma reflexão em relação ao código de reconhecimento e de comunicação que Magnani entende como algo que compõe o pedaço. Entendo que identificar ou desenvolver um diálogo com uma pessoa que reside no mesmo condomínio ou trabalha na mesma empresa não pode ser pressuposto de que ali exista um pedaço.

Explico, ao transitar no condomínio, na empresa ou pela ASTTI, é comum cruzar com alguém e não raramente estabelecer algum diálogo, mesmo que básico por saber que aquela pessoa faz parte daquele espaço e compartilha as oportunidades de experiências. Algo que muito pouco ocorre quando pensamos na chance de estabelecer alguma troca de palavras com alguém que cruzou por nós na rua ou no *shopping*, por exemplo. Não conhecemos as pessoas do condomínio, os colegas de trabalho, os outros associados e nem mesmo as pessoas com quem cruzamos nos espaços públicos. Contudo, aqueles com quem nos deparamos em espaços específicos podem porventura vir a desenvolver conosco a ocorrência de relações que Magnani denominou de “pedaço”.

É nesse ponto que reside o espaço entre a casa e os espaços públicos sugeridos pelo autor, afinal o comportamento das pessoas se modifica partindo dessa diferença. O autor ainda acrescenta:

O termo na realidade designa aquele espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade (Magnani, 1998, p. 116 *apud* MAGNANI, 2002, p. 21).

Estabelecer um diálogo com as relações líquidas apontadas por Bauman e os densos laços desenvolvidos percebidos por Magnani torna possíveis alguns vieses de pensamento: todas as relações presentes na sociedade são distantes? Todos os associados constituem o pedaço? Os sócios desenvolveram laços e relações com outros? As relações humanas são classificáveis? Podemos definir que é frágil ou estável?

São perguntas com respostas bastante complexas, mas entendo que a visão de um interlocutor ajuda no entendimento:

Eu noto que tem alguns associados que gostam de interagir e vivenciar uma associação com pessoas, convivência e tá envolvido, vou dar um exemplo, os pais do Aluno A, que são os associados que participam do DTG, que participam de várias outras coisas. A Associada J e o K, que participam de outras coisas, eles tão envolvidos na associação. Eles gostam do lugar, eles estão no lugar para convivência, esse é o intuito deles. E tem alguns que não, tem alguns que vivenciam ela como uma prestação de serviço somente, não uma associação onde tá todo mundo junto, todo mundo é sócio, tudo é de todo mundo e nós vamos conviver aqui dentro em harmonia todo mundo junto. Não, tem gente que assume a posição de eu estou pagando para usar isso, eu vou usar isso e vou embora, ou tem a churrasqueira vou ficar na minha ali deu, não quero o envolvimento e essa comunhão com os outros (Entrevista realizada no dia 22/4/2020 com o Prestador de Serviço B).

Sua fala permite compreender que nem todos os associados desenvolvem a mesma relação com a ASTTI. Para tanto, partindo da noção de que nem todos os associados se conhecem ou possuem vínculos, não podemos identificar a ASTTI como um pedaço. No entanto, podemos sugerir que ela proporciona a criação de vários pedaços entre grupos específicos que desenvolvem códigos de comunicação, relações densas e estáveis entre si.

Como, por exemplo, a Associada D, que buscou a ASTTI devido à oferta do plano de saúde, mas acabou desenvolvendo vínculos, como apontado anteriormente:

Na verdade, a gente foi, na época que a gente se associou na ASTTI, foi através de uma colega de trabalho do meu marido que nos indicou porque nós precisávamos de um plano de saúde, na verdade. [...] A gente procurou um plano de saúde para fazer particular e uma das colegas indicou que a Associação tinha planos de saúde e foi através do plano de saúde que a gente chegou na ASTTI. Na verdade, buscou um plano de saúde e ganhamos um clube junto, juntamos duas coisas. A gente aproveitou e se associou, mas na verdade entramos pelo plano de saúde (Entrevista realizada no dia 23/04/2020).

Trago a seguir o exemplo de um associado que buscou a ASTTI para fins específicos e que após quase três anos de vínculo não se afastou muito do objetivo:

Associado E: A proximidade da minha casa e a oferta de natação em horários que me atendiam, além da possibilidade de usar a infraestrutura do clube quando necessário (salões, por exemplo).

Eu: Já fez uso de algum dos espaços, como os salões?

Associado E: Por enquanto ainda não (Entrevista realizada no dia 24/04/2020).

Esses dois associados buscaram associar-se pelo que Galatti definiu como uma oferta de serviço e pelo viés das relações não se inseriram no pedaço,

[...] pela oferta de serviços a relação com o clube se dá na esfera do consumo, em uma relação instrumental na qual o associado busca o serviço que atenda a sua aspiração individual sem estabelecer relações de pertencimento com o clube, em uma perspectiva de utilização para satisfação pessoal de uma estrutura ou assistência a uma determinada atividade, sem necessariamente compartilhar a experiência com outros (GALATTI, 2010, p. 148).

O interlocutor interpreta o fato de não ter se inserido em nenhum pedaço ou desenvolvido alguma relação de forma mais próxima da seguinte forma:

Eu: Antes tu falou que os clubes oferecem a aproximação entre as pessoas. Tu percebe que isso aconteceu contigo?

Associado E: Pelo fato de fazer aula à noite, em um horário onde o número de alunos é reduzido e até mesmo pela própria característica da modalidade, onde não exige muita interação com outras pessoas além do instrutor, vejo que isso pouco se aplica no meu caso. Já para as atividades ao ar livre, gincanas, escoteiros, etc., ou mesmo para quem usufrui das piscinas como lazer, essa aproximação fica mais evidente (Entrevista realizada no dia 24/04/2020).

Em contrapartida, ele entende que o clube é um espaço propício para o estabelecimento dessas relações:

Acho que oferecer atividades de lazer aos usuários e aproximar as pessoas. Atualmente estamos tão inseridos em meios digitais e interações virtuais, que a interação humana acaba ficando um pouco de lado. Espaços como este oferecem este tipo de aproximação (Entrevista realizada no dia 24/04/2020).

O clube proporciona aos seus associados uma aproximação com relações mais estáveis e consolidadas, um afastamento das interações virtuais e a manutenção dos pedaços criados em cada grupo ou relação. Galatti (2010) não relacionou o pedaço com esses vínculos, contudo, sublinhou:

Entretanto, por mais intensas que sejam as relações dos clubes com seu entorno externo, seus membros continuam sendo sua base, mantendo papel relevante na sustentação financeira e, sobretudo, construindo no dia-a-dia das relações sociais a filosofia e cultura do clube. Evidenciamos, assim, mais uma vez o clube sócio-esportivo não apenas como uma organização, mas também como um grupo social (p. 109).

A autora fez uma outra reflexão bastante pertinente sobre as relações, quando colocou que pertencer a algum grupo, compor algum pedaço, fortalece a relação com o clube e a sensação de pertencimento:

A confiança alimenta também o sentimento de pertencimento, maior solidariedade entre os membros, não necessariamente por atributos pessoais, mas pelo fato de cada um ser parte do 'nosso' grupo, nosso time, nosso clube. Agrega-se a este prestígio interno o prestígio e confiança que os membros do clube têm em outros contextos na

sociedade mais ampla, como na profissão de cada um ou ao desempenhar cargos públicos, contribuindo também na construção de imagem de confiança do clube (GALATTI, 2010, p. 114).

As noções de pedaço propostas por Magnani auxiliam a pensar a ASTTI, apresenta-se com uma categoria de pensamento para compreender como ocorrem as relações por lá. A partir dessa noção, entendo que nem todos os associados desenvolveram relações que podemos interpretar como pedaço, como o exemplo do Associado E. Esse interlocutor, após mais de três anos sendo sócio, não desenvolveu relações próximas, conforme comentou, e seguiu fazendo uso das instalações do clube pelo mesmo motivo que o fez se associar: as aulas de natação.

Em contrapartida, frente aos inúmeros exemplos supracitados, outros sócios desenvolveram relações, criaram vínculos e fizeram amigos. Independentemente da intensidade dessas relações, esses sócios – quando usamos as noções sugeridas por Magnani – construíram seus pedaços. Alguns desses pedaços são próximos, alguns sócios estão inseridos em mais de um pedaço e, nesse sentido, a ASTTI proporciona aos seus sócios a ocorrência de relações que se assemelham àquelas que Magnani compreende como pedaço.

Quero finalizar esse tópico falando da festa surpresa realizado no meu aniversário de 2019 pela turma dos Associados F, G, H e I – que se formou no início do mesmo ano. Embora não possa ser considerada uma nativa, posso afirmar que ao longo de quase quatro anos por lá fiz amigos, construí vínculos e com alguns sigo mantendo contato. Trouxe o exemplo da festa surpresa no sentido de fazer parte de alguns pedaços, entretanto, não me entendo como membro desses pedaços, mas neles estava inserida.

Mais uma vez a turma das 19h me surpreendeu e com a ajuda do meu chefe e do responsável pela portaria conseguiram organizar um bolo, com salgadinhos, parabéns e presentinho para mim, tudo de forma surpresa. Não desconfiei de nada e me senti extremamente querida, já que pela primeira vez tive uma festa como essa, feita e organizada pelos meus alunos (Diário de Campo do dia 11/11/2019).

Tendo relações ou não, fazendo parte de pedaços ou frequentando o clube por motivos específicos, há diferenças entre homens e mulheres, quando vislumbramos a ocupação dos lugares, dos cargos dentro da associação e ainda na frequência com que elas são as titulares. O que leva ao próximo tópico, que abordará como isso se dá na ASTTI.

5.3. UMA PERSPECTIVA DE GÊNERO

Fazendo um recorte nos apontamentos que Donna Haraway propôs há mais de uma década e meia sugerindo que “as mulheres não aparecem onde deveriam” (2004, p. 203) e observando a sociedade atual, é possível perceber que essa realidade ainda está presente em mais de um plano da vida, como nos postos de trabalho e nas opções de lazer. Conforme fui amadurecendo pessoal e academicamente, passei a me identificar com as discussões sobre gênero, desigualdades e movimentos feministas, mas ao iniciar essa investigação não tinha a intenção nem tampouco imaginava que o campo iria me aproximar dessas discussões.

Não obstante, conforme a pesquisa se desenrolava me deparei com essa problemática e tudo que ela envolve em duas situações pontuais que se abriram para outras: ocupação dos espaços físicos – enquanto mulheres enchem a área da piscina ao longo da temporada de verão, os homens dominavam a quadra poliesportiva ao longo do ano em partidas noturnas –; e na enxuta quantidade de mulheres que ocupam cargos na entidade, como na diretoria. Compreender as diferenças de gênero e como elas operam sobre a sociedade auxiliará a pensar os usos e ocupações na ASTTI.

A bióloga e filósofa Donna Haraway (2004) defende que o conceito de gênero foi sendo construído a fim de contestar alguns ideais, pautado pela ideia central de transformar os sistemas históricos de diferença entre homens e mulheres, que haviam sido socialmente construídos e organizados sob a hierarquia e o antagonismo. Ela interpreta que o gênero está fortemente relacionado às lógicas ocidentais, aos ideais da sociedade burguesa e alocado dentro de uma visão individualista (HARAWAY, 2004).

Ao passo que a historiadora Joan Scott (1995) acrescenta que as feministas pautadas pela distinção social entre os sexos passam a utilizar o termo gênero como forma de rejeitar o determinismo biológico, bem como refletir sobre as definições normativas de feminilidade. No artigo a autora sugere que o uso da expressão rejeita as lógicas biológicas, indicando assim as “construções culturais” (p. 75) que remetem a papéis adequados aos homens e às mulheres, como uma maneira de referir as origens sociais das identidades no sentido de conferir uma categoria social sobre o corpo sexuado. Por esse prisma, Dagmar Meyer (2004) alvitra que determinadas características são representadas com maior ou menor valorização, definindo como o corpo vive essa masculinidade ou feminilidade, nas culturas e nos momentos históricos.

Essas construções culturais podem ser encontradas nas relações familiares e de parentesco, mas igualmente na economia e na organização política que estruturam a

organização concreta e simbólica da vida social (SCOTT, 2005). Trago em destaque a ideia que,

[...] ao longo da vida e através das mais diversas instituições e práticas sociais, nos constituímos como homens e mulheres, num processo que não é linear, progressivo ou harmônico e que também nunca está finalizado ou completo (MEYER, 2004, p. 15).

Não obstante, nascemos e vivemos em tempos, lugares e circunstâncias particulares, o que implica existências plurais, conflitantes e instáveis de feminilidade e masculinidade, aos olhos de Meyer (2004). Esses fatores acrescidos da cultura distinguem os corpos e os sujeitos e articulam-se com os marcadores sociais “como classe, raça/etnia, sexualidade, geração, religião, nacionalidade” (p. 15). Evidenciando que essas articulações produzirão modificações nas formas como as feminilidades e as masculinidades serão vividas e experienciadas por grupos e pelos indivíduos nos mais diversos momentos da vida (MEYER, 2004), ela conclui que

[...] essa abordagem do gênero implica considerar que as instituições sociais, os símbolos, as normas, os conhecimentos, as leis, as doutrinas e as políticas de uma sociedade são constituídas e atravessadas por representações e pressupostos de feminino e de masculino, ao mesmo tempo em que estão centralmente implicadas com sua produção, manutenção ou ressignificação (MEYER, 2004, p. 16).

Partindo do entendimento de que as discussões de gênero são atravessadas pelas construções sociais e que as oportunidades na vida social ainda apresentam-se desiguais entre homens e mulheres, avanço na discussão. Uma vez que a ocupação da piscina já foi abordada, quando apontei que as mulheres são dominantes nesse espaço em detrimento de uma presença infimamente menor de homens, aqui pretendo aprofundar a discussão a fim de entender quais podem ser os motivos que levam isso acontecer.

Rapidamente penso nos seguintes questionamentos: as mulheres preferem usar mais o ambiente da piscina aos homens? Homens não têm tempo livre para fazer esse uso? Ou ainda eles só têm esse tempo à noite?

Enquanto realizava sua pesquisa num bairro periférico de São Paulo, Magnani identificou para além das categorias de análise apresentadas anteriormente que: “Era possível distinguir, por exemplo, formas de entretenimento características de homens, por oposição às de mulheres; de crianças versus de adultos; de rapazes e moças, e assim por diante” (2002, p. 21).

Por lá o autor destacou a existência de uma distinção no uso do tempo livre entre sexo, idade e estado civil, tendo observado que enquanto os homens casados aproveitavam o tempo com a família, faziam pequenas reformas em casa ou iam a bares, os rapazes tinham seu lazer

em espaços públicos, como em jogos de futebol. Já as mulheres casadas entretinham-se com a TV ou rádio e eventualmente iam a festas, e as moças preenchiam o tempo com TV e rádio ou iam a lanchonetes e bailes.

Podemos depreender de suas observações que o lazer daqueles homens estava atrelado a atividades de cunho prático, enquanto aquelas mulheres tinham em seu tempo livre ocupações mais passivas. Três décadas e meia depois da realização de sua pesquisa e num contexto distante do estudado pelo autor, será que é possível encontrar situações análogas?

Entendo que sim, tendo como referência os trechos apontados anteriormente quando me referi à ocupação das piscinas e pelo que segue:

[...] mesmo estando quente, sendo o turno da tarde e em um horário no qual provavelmente as pessoas que não estão de férias estão saindo de seus trabalhos, não havia uma multiplicidade de ocupação. No entanto, a maioria eram mulheres, deitadas nas espreguiçadeiras tomando banho de sol, quase que em totalidade, além de muitas crianças em idade escolar brincando nas piscinas e apenas um homem (Diário de Campo do dia 10/03/2020).

Todavia, o que justifica a alta presença de mulheres em detrimento dos poucos homens nesse espaço no turno da tarde? Entendo que uma possível interpretação está pautada pelo gênero e nas problematizações que esse tema abrange. Percebo duas centralidades na situação descrita: o zelo com o corpo e o cuidar das crianças.

Partindo da noção de que gênero é uma construção social e que nossos corpos estão subjugados aos comportamentos esperados de cada um dos sexos, entendo que a ausência dos homens na área da piscina em momentos que não sejam destinados à prática de esporte está forjada nesses ideais. Lanço mão do prisma das práticas esportivas proposta por Djamila Ribeiro (2017) para construir um entendimento sobre essa cena quando a autora sublinha que não é sem razão que as práticas corporais de mulheres sejam dadas como necessárias, mesmo com todas as restrições e cuidados impostos, visto que há o interesse da manutenção dos padrões socialmente aceitáveis para o corpo de uma mulher, dentro de uma lógica patriarcal.

Interpreto que existe uma relação entre o discurso de Ribeiro (2017) sobre o interesse e o cuidado que se aplicam sobre os corpos femininos para estabelecer um diálogo com a presença de mulheres expostas ao sol, no sentido de que o corpo bronzeado se encaixa dentro dos padrões esperados das mulheres na sociedade brasileira, em que estamos inseridos. Há uma expectativa de que as mulheres dentro de suas feminilidades busquem cuidar de seus corpos ao longo do verão, em contrapartida, essa expectativa não é depositada com a mesma intensidade sobre os homens.

As práticas corporais como um meio de cuidado do corpo também foram percebidas por André Silva (2012). Seu olhar sobre essa atenção foi desenvolvido a partir das propostas do eugenista Kehl, que colocava as práticas corporais como meio de embelezamento,

[...] divulga e reafirma a necessidade das práticas de exercício física, as mulheres recebem um lugar de especial cuidado. O modo como esse eugenista escreve sobre o sexo feminino constrói uma representação de corpo que dá forma aos imperativos da beleza, apontando as imperfeições corporais e presentificando a fealdade (SILVA, 2012, p. 213).

No contexto eugenista sugerido por Kehl no século XX, a prática corporal era entendida como propulsora da beleza e das características femininas, enquanto o corpo feminino é espaço de representação das adjetificações. Mesmo que já tenham se passado mais de cem anos desde os apontamentos do eugenista e a sociedade tenha sofrido inúmeras modificações, é viável interpretar que no contexto estudado o cuidado se dá no ambiente da piscina e do banho de sol. Como percebi em minhas observações:

As mulheres ali presentes estavam em sua maioria deitadas nas espreguiçadeiras ou em pé conversando entre si enquanto aproveitavam o sol, retocavam o protetor e/ou bronzeador com frequência (Diário de Campo do dia 14/01/2020).

A cultura contemporânea que cerca os corpos das mulheres pode ser observada em vários espaços e perspectivas, uma vez que “Essa imposição é o que tenho chamado de imperativo da beleza segundo o qual, mesmo que a mulher não seja bela, deve fazer o possível e o impossível para ser ou, ainda, para parecer ser” (GOELLNER, 2006, p. 1). O que se relaciona com a reflexão de Dagmar Meyer e André Silva: “[...] diferentes autoras e autores têm tomado como premissa a ideia de que o corpo e suas marcas só passam a existir na cultura” (2020, p. 491).

Partindo dessa premissa e da situação descrita, é viável depreender que predominantemente os corpos femininos estão ali pautadas por um cultura de cuidado com o corpo advindo dos padrões da sociedade patriarcal e vivenciando uma oportunidade de lazer pautada pela passividade, como segue:

Ao longo das horas que permaneci por lá pude observar seis mulheres adentrarem na piscina sozinhas ou junto das crianças, enquanto aproximadamente outras vinte permaneceram sentadas, deitadas ou de pé conversando entre si enquanto tomavam banho de sol (Diário de Campo do dia 14/02/2020).

Nesse mesmo dia me chamou atenção o uso dos protetores e/ou bronzeadores enquanto um cuidado com o corpo:

[...] entrando ou não na água o protetor foi repassado por elas em mais de uma oportunidade e mesmo que por pouco tempo poucas abrigavam-se nos guarda-sóis. Algumas também passavam produtos nos cabelos (Diário de Campo do dia 14/02/2020).

Um trecho colocado acima nos direciona ao segundo ponto de destaque: as mulheres estão ali para cuidar das crianças. Não podendo menores de 12 anos ficar desacompanhados naquele espaço, é viável, partindo do pressuposto de que há apenas um homem naquele momento, que muitas daquelas mulheres são as responsáveis pelas crianças.

Partindo dessa posição cabe olharmos para as características estruturais presentes na sociedade quando, devido ao desequilíbrio de poder e ao *status*, as mulheres foram por bastante tempo excluídas das oportunidades de esporte e lazer (RUBIO; SIMÕES, 1999). Esse afastamento das práticas corporais soma-se ao que sublinhou Gertrud Pfister (2003) sobre a divisão de trabalho de acordo com o sexo, em virtude das responsabilidades das mulheres com o serviço doméstico e a criação dos filhos, atividades que precisam de tempo e energia para realização, o que implica uma dupla ou tripla jornada de trabalho e, como consequência, menos tempo para os momentos de lazer.

Rosana Salles-Costa *et al.* (2003) analisaram em uma população específica como eles faziam uso do tempo destinado ao lazer, dentre os resultado apenas 40,8% das mulheres realizavam alguma prática de exercícios físicos, já entre os homens 52% eram ativos. Outro estudo realizado por Silvana Goellner *et al.* (2010) reafirma essa situação de que as mulheres são marcadas pelas atividades domésticas, enquanto os homens se voltam para o espaço público. Metade delas afirmaram não realizar qualquer tipo de atividade física, como lazer ou para fins de saúde, e apontam os afazeres domésticos com o principal motivo que as impede, devido à demanda de tempo para executar essas tarefas (GOELLNER *et al.*, 2010). Além de disporem de pouco tempo livre, informaram que ao pensar em lazer pensam em descanso, como assistir televisão, conversar, tomar chimarrão, dormir, e algumas elencaram obrigações como lazer, dentre elas limpar a casa e cuidar dos filhos (GOELLNER *et al.*, 2010). Assim como as opções encontradas pela autora, é possível interpretar e inserir nessa listagem o uso passivo do espaço da piscina como uma opção de lazer.

O que dialoga diretamente com os achados de Magnani em 1984 em SP, sugerindo práticas passivas às mulheres em suas atividades lazer, o que se justifica pelos dados apontados por Salles-Costa, Pfister e Goellner no viés das jornadas de trabalho e da necessidade de cuidados com as tarefas domésticas e com os filhos. Entendo a partir dos pensamentos colocados que a piscina funciona como um espaço de lazer passivo dessas mulheres e que

reflete as expectativas generificadas sobre elas, enquanto cuidadoras de seus filhos e preocupadas em atingir os padrões esperados de seus corpos.

Conforme o sol vai se pondo e as temperaturas começam a diminuir, as piscinas vão se esvaziando de mulheres e crianças e se enchendo de alunos. A chegada deles para as aulas gera um equilíbrio entre os gêneros, contudo, destaco que nas turmas de hidroginástica há uma maior presença de mulheres. Em estudo sobre motivação, autoestima e autoimagem de idosos praticantes de hidroginástica, os autores apontaram que as mulheres são cerca de “88,3%” (MAZO; CARDOSO; AGUIAR, 2006, p. 69) das participantes. Os autores citaram outros estudos que apresentaram “percentagens do sexo feminino, em programas de atividades físicas, no município de Florianópolis, como: 88%; 90%; 90%; e 67,4% mulheres” (MAZO; CARDOSO; AGUIAR, 2006, p. 70).

Os números apresentados pelos pesquisadores condizem – não na mesma proporção – com o que eu presenciava nas turmas em que ministrava essa aulas. Embora não tenha conseguido identificar o motivo dessa diferença, não raras vezes escutei de pessoas frases como a passagem abaixo, que entendo ser uma das possíveis justificativas para a baixa presença de homens praticantes dessa modalidade:

Em uma conversa informal com um associado que frequenta o clube assiduamente, sempre que cruzamos um pelo outro conversamos alguns minutos, me disse que hidroginástica não é para homens, é um exercício muito fácil, que exige pouco do corpo e que não traz benefícios físicos, apenas emocionais e psicológicos, já que nessas aulas tem muita conversa (Diário de Campo do dia 03/03/2020).

Esse trecho sugere os diferentes padrões esperados e para que possamos compreender as diferentes possibilidades de feminilidade e de masculinidade presentes na sociedade é preciso lançar mão da perspectiva cultural (SILVEIRA, 2008). Dessa forma, devemos entender que os “esportes não são apenas como generificados, mas também generificadores” (SILVEIRA, 2008, p. 27). Por esse viés, Silvana Goellner (2007) propõe que o gestual, os músculos, as roupas e os acessórios carregam significados que estão amplamente associados ao feminino e ao masculino, provocando a inserção ou a evasão de práticas corporais e esportivas.

Olhando por perspectiva, é possível entender os motivos que levam as diferentes possibilidades de movimento entre homens e mulheres, visto que os corpos femininos, *grosso modo*, são mais frágeis que os dos homens, não sendo apropriados operam como mecanismos de exclusão (GOELLNER, 2007). Ou seja, “A lógica que sustenta afirmações desse porte é aquela que vê homens e mulheres como seres diferentes e em oposição, possuidores de corpos que são igualmente diferentes e se constituem, igualmente em oposição” (p. 185).

A autora alerta para o fato de que não é o corpo em si que define qual modalidade é ou não adequada, mas o discurso construído em cima da funcionalidade do corpo demarcado pela socialização, enfatizando que apenas após a dissociação da biologia com o social é que vamos ser capazes de identificar as pluralidades (GOELNNER, 2007). É indispensável, para Goellner (2007), compreender que o esporte não é naturalmente masculino, nem mesmo nas modalidades com exigências de força física e vigor, assim como em outras instâncias, ele é um espaço de generificação, por produzir e reproduzir as desigualdades da sociedade.

A diminuta presença masculina nas aulas de hidroginástica pode ser refletida através dos pressupostos apontado por Silveira e de Goellner em conjunto com a fala do associado sobre o que é esperado dessa modalidade. Partindo do que as autoras apontaram dos homens, é esperada uma prática esportiva mais exigente, enquanto das mulheres algo menos extenuante e que isso acaba operando como fator de exclusão e, dessa forma, a hidroginástica é percebida como uma modalidade menos vigorosa frente aos dados trazidos e da presença nas turmas.

Saiamos do meio aquático e nos desloquemos até a quadra poliesportiva do clube, por lá ocorrerem jogos quase que diariamente ao longo do ano com equipes predominantemente de homens, como as que citei no capítulo anterior. Nas inúmeras vezes que tive acesso à quadra não tive a oportunidade de presenciar uma partida de mulheres em nenhuma das vezes, o que ocorria com bastante frequência, pois estacionava o carro em frente ao ginásio e quando ia embora podia observar a quadra além das observações pontuais que por lá fiz.

Além dos grupos autônomos que usam a quadra localizada no ginásio, existe a escolinha de futsal, que funciona com o projeto social da ASTTI, compreende crianças dos seis aos dezessete anos e conta apenas com times masculinos, as meninas são pouco vistas naquele espaço.

O primeiro horário da tarde, como me contou o professor, funciona como um momento de descontração e de brincadeiras, o ensino do futsal é secundário com essas crianças e pré-adolescentes, inclusive aqueles que querem aprender a modalidade e participar das competições fazem parte de outros horários. O que chamou minha atenção é que apenas uma menina faz parte daquele grupo, informação que o professor confirmou ocorrer em todos os encontros (Diário de Campo do dia 10/09/2019).

Essa ausência de meninas e mulheres em partidas de futebol, num âmbito informal, também foi percebida por Arlei Damo quando em sua pesquisa de doutorado deparou-se, entre outros aspectos, com o futebol jogado e aprendido em espaços alternativos, como a rua. Um dos espaços em que a pesquisa se desenvolveu foi na rua em que ele residia, onde ocorriam partidas e por lá ele pôde identificar características que dialogam com as presentes na ASTTI. O autor coloca o futebol como

[...] uma dada perspectiva de masculinidade para a qual a diferenciação clara dos papéis é fundamental. Isso implica na exclusão estratégica das meninas do jogo, como se as diferenças sociais tivessem que ser marcadas a partir das diferenças biológicas (DAMO, 2007, p. 55).

Essa construção social tende a excluir as meninas do futebol, na medida em que essa prática é tida culturalmente como um jogo para meninos. Esse afastamento pode ocorrer para Damo através das meninas que têm a propensão de se excluir ou quando elas não o fazem os meninos acabam por afastá-las do futebol, argumentando que “elas não sabem jogar” e por isso “atrapalham o jogo”, “dão chutes para qualquer lado” e “caneladas” (DAMO, 2007, p. 67). Tais argumentos indicam

[...] em grande parte, o fato de que um jogo com a presença de meninas tende a ser interpretado, pelos próprios meninos, como um jogo que não é jogado a valer, pois nele as habilidades não podem ser exercidas plenamente na medida em que interessam apenas aos meninos (p. 67).

Assim como outras modalidades, o futebol foi naturalizado como uma prática masculina, o que fez com que se esperem atitudes diferentes entre meninos e meninas. Portanto, serve como fator de exclusão ou inclusão na prática esportiva generificando os corpos a partir do ideal de que mulheres são mais frágeis, como apontado pelas autoras. Não são apenas as habilidades técnicas que dificultam esse acesso, mas também porque as meninas são menos inclinadas a se deixarem absorver pelo jogo, algo que Damo, no entanto, identificou nas meninas.

Todos, meninos e meninas, são hostilizados no jogo, com a diferença de que se espera dos meninos que eles permaneçam no jogo, de que eles importem as hostilidades e reajam a elas com o mesmo ímpeto: que eles se sintam ridicularizados ao serem driblados por entre as pernas, que façam ameaças e por vezes as cumpram (DAMO, 2007, p. 67-8).

Por fim o autor sublinhou elementos além da técnica:

O arbitrário mais ou menos consensual que define o futebol como jogo para meninos também estabelece que as meninas são imunes às classificações de *status* estabelecidas a partir dele, desde o ‘craque’ ao ‘cagão’ – é importante ter em mente que o domínio das técnicas corporais não é o único parâmetro de *status*, sendo a virilidade e a coragem atributos tão ou mais valorizados. Por isso as meninas ofereciam apenas riscos ao invés de desafios. Se um menino driblar uma delas, por exemplo, não teria efeito nada além do óbvio, mas se porventura vier a ser driblado será caçoado pelos seus pares (ALTMANN, 2002 *apud* DAMO, 2007, p. 68).

Retornando as observações que fiz na ASTTI, percebi que a menina presente repetidamente impunha sua força – ela é fisicamente maior do que muitos dos meninos daquele

horário – quando percebia que não iria ganhar na técnica, também usava um tom de voz alterado em situações similares e, em algumas vezes, pude presenciar a menina referida ameaçando verbalmente os meninos quando fora da quadra. Pouco entendo de futebol para saber se ela apresentava desafios aos outros meninos, porém, ficou evidente que ela possui a virilidade e a coragem necessárias para compor o grupo, como destacou Damo.

A menina em questão apresenta um comportamento pautado pelas características consideradas masculinas e que se aproximam das descrições feitas por Priscila Dornelles (2004) quando estudou o futebol de várzea feminino e identificou através dos comportamentos, do gestual e de outras características um grupo que denominou de “caminhoneiras”. Por se tratar de uma modalidade bastante similar, lanço mão dessa ideia para explorar o comportamento da menina em questão.

O grupo das ‘caminhoneiras’ [...] Algumas destas são reconhecidas no meio futebolístico por ressaltar a rivalidade incitando a violência dentro de campo e, muitas vezes, fora também [...] e apresentam uma construção corporal e gestual próxima das características que foram construídas social e historicamente como masculinas. (DORNELLES, 2004, p. 31).

Tomando como referência os conceitos abarcados até aqui, interpreto que a sociedade patriarcal deposita expectativas sobre como uma mulher deve se portar, algo que também se aplica aos homens, porém com outros padrões. Silveira faz uma reflexão sobre a forma com vivenciamos nossas masculinidades e feminilidades, assim como nossos comportamentos são baseados nas expectativas correspondentes.

[...] as características de docilidade, delicadeza, vaidade, virilidade, competitividade, agressividade não possuem relação com o fato de os seres humanos terem algumas diferenças anatômicas, mas, sim, são características culturalmente generificadas em alguns meios sociais (SILVEIRA, 2008, p. 24).

Mesmo que o futebol seja considerado uma prática masculina, para Damo é comum observar meninas em partidas, para tanto buscando compreender a ausência de meninas nos times da ASTTI procurei o Prestador de Serviço B, que é o responsável pelo projeto, ele me disse que:

Existe essa exigência em conversa com os associados, eles necessitam disso [...] o futebol feminino (por exemplo) houve uma exigência ou mesmo uma pergunta, mas não se tem procura necessária, muitas pessoas vieram me procurar pra saber se ia ou não ter a turma para elas (Entrevista realizada no dia 22/04/2020).

Situação essa que está pautada pelo olhar de Gertrud Pfister (2003) ao defender que o esporte e a ginástica foram inventados pelo homem e para o homem entre os séculos XVIII e

XIX, partindo de sua necessidade e ideais. Ao olhar para mulheres e meninas, até o início do último século, só era permitido observar, a prática esportiva era restrita aos movimentos calistênicos, objetivando a saúde. Embora os esportes sejam bastante vinculados ao masculino, “as mulheres estão fazendo sentir a sua presença” (PFISTER, 2003, p. 11).

Ao observar nosso entorno, as grades de horário de transmissão de jogos e competições de mulheres nas emissoras de televisão ou ainda as mídias sociais é possível deparar-se com muitas mulheres praticando esportes e desfrutando de lazeres ativos. Em que pese o trabalho já citado de Silveira (2008), Dornelles (2004) e a pesquisa de Ariane Pacheco (2012) sobre um grupo de mulheres que competia na liga máster de vôlei de Porto Alegre/RS. A autora pôde perceber que naquele time o momento de lazer daquelas mulheres era vivido como algo sério e que exigia dedicação, treinamento e comprometimento.

A quadra da ASTTI conta com marcações de esportes como handebol, basquete e vôlei, embora não seja comum observar os sócios realizando partidas que não sejam de futsal. Todavia, uma ex-funcionária da secretaria, sabendo da possibilidade de uso da quadra para a prática do vôlei, mobilizou junto com uma sócia no início do ano de 2019 um grupo para a realização da prática. Em oposição às equipes que jogam futsal, esse grupo conta com a presença de mulheres e homens quase que em equilíbrio, o número de jogadores foi crescendo a cada partida e os participantes são sócios e também convidados. Além da funcionária da secretaria o Funcionário A faz parte desse grupo:

Em alguns jogos chegamos a formar quatro ou cinco equipes e assim vamos revezando, quem ganha fica em quadra e quem perde sai e vai para o banco esperar a próxima vez [...] Assim não fica tão cansativo e conseguimos jogar várias vezes, alugamos a quadra por duas horas (Entrevista realizada no dia 24/04/2020).

Esse alto número de participantes possibilitou que eles não interrompessem as partidas durante o período das férias, algo que é bastante comum por não conseguir o número mínimo de jogadores. A interação do grupo foi constituindo ao ponto de realizarem uma competição interna, como me contou o mesmo interlocutor:

Nós combinamos e organizamos tudo em mais ou menos um mês, fizemos a divisão das equipes tentando deixar elas equilibradas para não favorecer ninguém e com a ajuda do Prestador de Serviços B montamos a tabela dos jogos. Nesse dia teve juiz, que era qualquer jogador que a equipe não estivesse em quadra e jogamos por três horas (Entrevista realizada no dia 24/04/2020 com o Funcionário A).

Os encontros para essas partidas ocorriam às quartas-feiras. Da mesma forma que presenciei a confraternização da equipe de aposentados que joga na sexta, inúmeras vezes saindo do trabalho pude ver os integrantes desse grupo reunidos em torno da mesa

compartilhando uma refeição após o jogo no Aquário. Por fim, ao questionar o interlocutor sobre o que ele achava da equipe ser composta por homens e mulheres ele disse: “Gosto bastante, é muito divertido e elas não pegam leve, vão para cima nas jogadas” (Entrevista realizada no dia 24/04/2020 com o Funcionário A). Seu comentário reforça a ideia de que as mulheres devem seguir o padrão esperado de docilidade e fraqueza, no entanto, apontou gostar de dividir esse momento com elas.

Avancemos para as questões dos postos de trabalho. Parto da área correspondente à Educação Física, que é composta por sete professores e nenhuma professora, já que fui desligada durante a pandemia e era a única mulher atuando nesse setor da entidade. Capi se deparou com situações bastante semelhantes:

Em relação aos profissionais, contamos com a participação de vinte e sete pessoas, dezoito representando o clube 03 (doze professores e seis professoras) e nove, o clube 01 (seis professores e três professoras). Esses dados nos mostram que nos dois clubes prevalece a atuação do profissional do sexo masculino (2009, p. 20).

No prisma da diretoria, ocorre algo similar. Sendo eleita através de disputa entre chapas que se organizam livremente, sem restrição de sexo, apenas sendo necessário ser um Associado Titular Patrimonial, a ASTTI consta apenas com homens em seus cargos de Presidente e Vice-presidentes. Capi destaca algo convergente em sua pesquisa: “A diretoria dos dois clubes é formada exclusivamente por homens. Somente nove diretores participaram da pesquisa (sete do clube 03 e dois do clube 01)” (2009, p. 20).

Por fim, a fim de complementar as informações referentes à ASTTI, trago dados referentes à oportunidade de acesso ao clube em relação às mulheres quando em relação aos homens. De acordo com o sistema da ASTTI, há 1.176 mulheres como titulares e 1.229 homens na mesma posição, resultando em uma diferença de apenas 53 titulares. Para complementar esse dado busquei junto à entidade o número total de homens e de mulheres sócios, incluindo seus dependentes, porém eles me informaram não ter esse dado, da mesma forma que sabem quais e quantos sócios acessam o clube, contudo, não fazem a diferenciação dos sexos.

O material teórico sobre clubes na perspectiva associativa, de pertencimento e de compreensão do que ocorre nesses espaços é escassa, no prisma do uso de mulheres desses espaços é ainda mais. Não consegui encontrar outros trabalhos senão o de Capi (2009) que fizessem essa análise, e na tentativa de fazer algo nesse sentido não tive acesso aos dados empíricos.

Esse tópico se dispôs a apresentar indícios que demonstrassem a diferença de uso dos espaços da ASTTI por homens e mulheres e como isso é atravessado pela constituição da nossa

sociedade, visto que as expectativas sobre os corpos sexuados e subjetivados desigualmente são produzidas e reiteradas nas práticas sociais. Ademais, acabou por criar perguntas e incômodos mais do que apontar respostas.

6. APROXIMAÇÕES FINAIS

Nada na vida deve ser temido, somente compreendido. Agora é hora de compreender mais para temer menos.

A cientista polonesa Marie Curie é considerada uma grande pesquisadora, vencedora de dois Prêmios Nobel e com papel fundamental na entrada e valorização das mulheres no meio acadêmico e na pesquisa. A epígrafe acima é de sua autoria e dialoga com esta pesquisa, que se propôs a compreender mais do que responder, que almejou provocar mais reflexões do que apontar afirmações, que desejou construir pontes entre os assuntos em detrimento de provar pontos.

Frente ao leque de dados obtidos ao longo de aproximadamente dozes meses em campo, algumas coisas acabam não sendo abordadas pela fragilidade dos dados, ou quando abordadas não recebem a devida atenção e, por fim, enquanto pesquisadores, acabamos privilegiando alguns pontos na pesquisa. No entanto, chegamos a um ponto em que é necessário finalizar o trabalho.

Esta pesquisa buscou compreender de que maneira os associados se apropriam dos espaços e vivenciam de diferentes formas as experiências no clube. A pesquisa se pautou pelo viés do associativismo, sob as noções de que o clube é um espaço de lazer e pelas relações desenvolvidas nesse espaço. Ademais, me deparei com poucos trabalhos que versassem sobre essas perspectivas, a maioria dos trabalhos sobre essas entidades estão no viés dos clubes de futebol. Com o intuito de discutir a temática do lazer, que tanto me encanta, construí esta pesquisa.

Como já referi anteriormente, não me entendo como uma estrangeira, tanto pelo viés do clube estar inserido na minha cultura, quanto por eu já ter um vínculo consolidado com a ASTTI há mais de dois anos quando iniciei esta investigação. O que me permitiu já conhecer as instalações, os funcionários em sua totalidade, grande parte dos membros da diretoria e por ter um circulação facilitada por lá. Contudo, também não me entendo como um nativa, afinal o vínculo institucional eu não possuo, que é de ser associada. Interpreto que estava inserida naquele espaço, mas que não era parte dele.

Pelas ligações já existentes com a ASTTI enquanto entidade e com os associados não pude ter a sensação de estar entrando em campo, não pude identificar quando fui aceita – como ocorre em inúmeras etnografias. A diferença entre a professora e a pesquisadora encontra-se na observação atenta dos acontecimentos e na reflexão feita ao final das aulas, após os encontros e confraternizações e nos outros momentos de observação.

A pesquisadora se deparou com situações exóticas para a professora, quando em uma confraternização não estava em centralidade, como se estivesse deslocada. Ou no estranhamento advindo da dificuldade de encontrar um rosto conhecido nas observações feitas nas piscinas ao longo verão, já que na minha área de conforto enquanto professora me deparo constantemente com pessoas conhecidas. Em relação a essas idas a campo, tinha criado grande expectativa, já que ali circula muita gente, mas foi justamente isso que me afastou da obtenção dos dados, pois a cada dia há pessoas diferentes circulando por lá.

Essas características são comuns aos estudos etnográficos como o que desenvolvi na Associação dos Profissionais em Telecomunicações e Tecnologia da Informação (ASTTI), localizada na cidade de Porto Alegre/RS. Por lá vivenciei 35 idas a campo a fim de analisar a entidade em momentos diferentes, realizei oito entrevistas e me apropriei do conteúdo disponibilizado nas redes sociais.

Com o decorrer das observações e com os dados obtidas nas entrevistas pude ir encaixando as informações a fim de entender como a ASTTI teve seu início. Inseridos em uma grande empresa telefônica, os funcionários sentiram a necessidade de compartilhar momentos juntos, o que até então era restrito aos setores. Para unirem os colegas de trabalho e as famílias a fim de terem um espaço para encontros, festas e diversão. Os anos foram passando, bens foram sendo adquiridos e hábitos estabelecidos até que a empresa é privatizada e as coisas mudam de rumo. Para evitar o fechamento os sócios decidem que é o momento de expandir os olhares e tornar a ASTTI um clube aberto àqueles que não têm vínculo com a empresa.

Para manter alguns privilégios aos sócios-fundadores, categorias de associados foram criadas, com algumas diferenças entre direitos e deveres. De acordo com os documentos que regem a entidade, o que difere um associado patrimonial de um contribuinte é que aquele tem voz e pode votar e ser votado nas Assembleias, enquanto este só passa a ter voz e voto quando se torna sênior – que depende de alguns pré-requisitos estabelecidos.

Apesar disso, quem observa a piscina em um sábado ensolarado de verão, as churrasqueiras ao ar livre, o Aquário com encontros animados ou mesmo o ginásio com suas práticas esportivas não consegue ver essa diferença, afinal o acesso aos espaços é destinado a todos os sócios. O que nos leva a olhar na direção da quadra da bocha como um ponto divergente em relação aos apontamentos teóricos sobre o associativismo e que limita o acesso a um grupo específico de usuários.

O uso restrito desse espaço pelos associados patrimoniais que compõem o time competitivo de bocha gera um prejuízo aos outros sócios, que deixam de ocupar esse espaço, sendo privados dessa oportunidade lazer. Sei que a quadra foi recentemente reformada e que

teve um alto custo, porém, não tive acesso aos motivos que restringem a ocupação desse espaço, mas levanto duas questões: esse time quer manter o círculo restrito aos ex-colegas de trabalho e por isso evita a entrada de outros? Aquele espaço representa autoridade a esses praticantes, por isso o fechamento de novas possibilidades? Essas características distintas do arcabouço teórico e dos outros espaços da ASTTI trouxeram mais dúvidas do que esclarecimentos.

Os dados empíricos depreendidos no espaço das piscinas não foram os mais impactantes na construção deste estudo, pela perspectiva de que muitas pessoas transitam naquele espaço. No entanto, revelaram que o acesso a esse espaço apresenta diferentes peculiaridades entre homens e mulheres.

Foi nas observações realizadas na área das piscinas externas que me deparei com a noção de que a ASTTI funciona como uma fuga das rotinas aos seus associados. Esse entendimento foi se fortificando conforme as idas a campo transcorriam e consecutivamente encontrei os nativos afastados de seus *smartphones* e conectados com os outros sócios. Quanto à manutenção de relações – com ressalvas àqueles que não seguem essa ideia – o clube opera como um lugar onde as pessoas fogem de suas rotinas e obrigações em busca de seu momento de lazer.

Ademais, um momento importante para o fortalecimento dos vínculos –segundo com essa noção de quebra de rotinas e afastamento das obrigações – são os eventos promovidos pela Associação. Nos dois eventos que tive a oportunidade de estar presente, que foram a Festa Junina e a Festa de Final de Ano de 2019, pude perceber que funcionam como uma ocasião de encontro daqueles que não se veem com frequência ou ainda de uma convivência descontraída, por exemplo, daqueles sócios que participam de atividades que exigem comprometimento em outras áreas do clube, como os diretores.

Alcançado o entendimento de que na ASTTI em diferentes oportunidades ocorre uma fuga da rotina e um afastamento das obrigações, é possível corroborar a fala do interlocutor de que lá é um oásis. Tal olhar se valida quando percebemos o entorno físico do clube, que é rodeado de mata nativa, aos pés de um antiga pedreira e distante do asfalto.

Se lá é um oásis e as relações estão inseridas nessa compreensão de fazer amigos, sentir-se pertencente e estabelecer a ideia de família precisa estar dentro desse conceito. O conceito de família é bastante similar ao de gênero quando na lógica de que eles são construções sociais, ao passo que a família se une pelo desejo de assim estar e no intuito de conservar suas relações. Entendi que os associados escolhem ir até a ASTTI buscando a fuga de seus costumes e o estabelecimento de vínculos, a criação de memórias, o sentimento de pertencer e dessa forma

cria-se o ambiente familiar. Afinal, partindo do conceito utilizado para interpretar a família, um ambiente familiar é um espaço onde me sinto bem, sou bem-vinda e me sinto pertencente.

Para completar esse oásis é preciso atentar para as amizades, relacionamento que envolve companheirismo e que impacta em nosso bem-estar enquanto seres inseridos na sociedade. Identifiquei a presença desse vínculo fortemente em uma turma de hidroginástica, na qual eu me inseria em um papel que ultrapassava o de professora. Esse grupo apresenta particularidades que não pude perceber nas outras cinco turmas que tive.

Além de ser uma turma coletiva em que todos mantinham interações que ultrapassavam o que podemos chamar de educação, eles conversavam uns com os outros. Ademais, disponibilizavam um tempo, principalmente após a aula, para ficarem juntos. Nesse grupo o sentimento de pertencimento é tão forte que um casal precisou mudar de horários, mas em todas as confraternizações que houve após essa troca eles não só foram convidados com foram ao encontro.

O clube é sem dúvidas um ambiente propício para a sociabilidade, tanto que duas interlocutoras buscaram pela ASTTI por motivos bastante específicos e que tinham ligação com a prestação de serviços. No entanto, ambas apontaram terem feito amigos no clube, uma inclusive aponta que lá é o lugar ideal para desenvolver esses laços. Atentando para esses dois exemplos é possível considerar que o *slogan* consegue transmitir uma realidade presente por lá.

Não obstante, levando em consideração que não somos iguais enquanto seres humanos e, dessa forma, nos relacionamos sob diferentes aspectos, não é viável afirmar que todo novo associado fará amigos, o clube não tem como garantir isso. Um dos interlocutores que escolhi para compor esta investigação se encontra nessa posição, mesmo já sendo sócio há bastante tempo ele segue fazendo uso do clube apenas como um serviço.

Foi partindo desses dois referenciais que as noções de pedaço auxiliaram a pensar as relações presentes na entidade, ao passo que não é viável sugerir que a Associação ocupe a posição de pedaço. Para a composição de um pedaço a existência de relações coloca-se como indispensável, porém, frente aos mais de seis mil associados não podemos sugerir que todos se relacionem ou mesmo que se conheçam. Retomando o exemplo das duas interlocutoras que criaram seus pedaços, embora tenham desenvolvido vínculos e pertençam a um grupo, elas não compõem o mesmo pedaço. Então considerando que pedaço ajuda a pensar as relações que o clube proporciona aos seus associados, entendo que por lá existem vários pedaços.

Aproximando-me das reflexões finais, retomo o último tópico desta pesquisa, contudo não menos importante, sobre as construções sociais sobre homens e mulheres. Foi durante as

idas a campo ao longo da temporada de verão que me deparei como essa situação, até então não havia estranhado a ocupação dos espaços.

Por ser um período característico de férias aqui no sul e partindo desse pressuposto criei a expectativa de que haveria um equilíbrio entre os sócios presentes nas piscinas. Mas a realidade se apresentou de uma outra forma, em todas as observações as mulheres eram as responsáveis pela maior parte da ocupação do espaço. Enquanto os homens começam a aparecer em maior número ao final da tarde, em sua maioria para nadar – seja como aluno, seja de forma livre, mas com prática esportiva.

Entendo que o viés que possibilite compreender essas situações se encontre nas construções sociais de gênero, afinal nossos corpos encontram-se como meio de expressão das masculinidades e feminilidades. As quais são forjadas pela cultura e pelos momentos históricos em que estamos inseridos.

Essa interpretação igualmente se aplica ao uso da quadra poliesportiva que de forma majoritária é usada pelos homens para partidas de futsal ao longo do ano, seja pelas equipes autônomas, seja pela escolinha de futsal – nos vieses lúdico e competitivo. Quando em partidas de campeonatos essa situação fica ainda mais agravada, quando os homens são autorizados a expressarem seus sentimentos positivos ou negativos. Permissão essa que se pauta pelas construções existentes ao redor do futebol, enquanto as feminilidades são pouco percebidas em detrimento das masculinidades violentas.

Estando nossos comportamentos baseados em expectativas relacionadas às construções e normatizações sociais acerca do que se espera do feminino e do masculino, a ASTTI me parece mais um ambiente onde essas condições se expressam. Mas fico com a sensação de que enquanto entidade não se mobiliza para modificar esses padrões, já que a turma de futsal feminino não foi aberta.

Em suma, afastando-me para analisar a ASTTI de uma forma mais ampla, é possível perceber que ali os laços e amizades são construídos e ao me aproximar compreendo que nem todos conseguem estabelecer relações mais sólidas. Entendi não ser possível interpretar o clube – enquanto instituição ou quando na perspectiva dos sócios – como algo único e igual, dessa forma, por ali a noção de pedaço ajuda a compreender aquele espaço que proporciona a criação de laços e vínculos.

Esse olhar que se afasta e se aproxima também permitiu depreender que as relações e o acesso àquele espaço de lazer com diferentes experiências e oportunidades encontrado pelos associados opera como uma quebra das rotinas, como um oásis em suas vidas atarefadas. Ao mesmo tempo em que há uma desconexão do mundo virtual e uma aproximação de relações

estáveis, da criação de amizades, de um ambiente que permita sentir-se pertencente afastando-se das relações frágeis.

Encaminho-me para o final com a percepção de que elaborar uma etnografia é um fazer científico que se constrói de forma lenta e gradual, sem uma receita a ser seguida, mas que se pauta pelas observações e reflexões que a pesquisadora desenvolve e que é necessária para a compreensão do material empírico. As questões que nortearam esta pesquisa acabaram resultando em outras provocações que exigem atenção, encerro sublinhando serem necessárias reflexões mais profundas sobre alguns pontos e que outras análises carecem de referências.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, Helena. **Atividades físicas e esportivas e Mulheres no Brasil**. Brasília: Gráfica Color, 2017. 36 p.

ARAÚJO, Fernando Henrique Sousa. **LAZER E DISTINÇÃO SOCIAL**: um estudo sobre as práticas de lazer em um clube de classe média em Uberlândia. 2015. 172 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Sociais, Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015.

ASSMANN, Alice Beatriz. **O Associativismo esportivo Santa Cruz do Sul/Rio Grande do Sul**: configurações de práticas culturais (da década de 1880 à década de 1910). 2015. 156 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

ASTTI, Associação dos Profissionais em Telecomunicações e Tecnologia da Informação. **Estatuto Social**. 2014. Disponível em: <<http://astti.com.br/wpcontent/uploads/2019/03/ESTATUTO-SOCIAL.pdf>>. Acesso em: 24. mar. 2019.

ASTTI, Associação dos Profissionais em Telecomunicações e Tecnologia da Informação. **Regulamento Interno**. 2015. Disponível em: <<http://astti.com.br/wp-content/uploads/2019/03/REGULAMENTO-INTERNO-2017.pdf>>. Acesso em: 24. mar. 2019.

ASTTI, Associação dos Profissionais em Telecomunicações e Tecnologia da Informação. **Um sonho sonhado junto**: os 40 anos da ASTTI. Porto Alegre: Gráfica Ideograf, 2020. 155 p.

AUGUSTO, Luis Fernando. **A evolução da ideia e do conceito de família**. 2014. Disponível em: <https://advocaciatpa.jusbrasil.com.br/artigos/176611879/a-evolucao-da-ideia-e-do-conceito-de-familia>. Acesso em: 14 nov. 2020.

BANDEIRA, Marília Martins. **Políticas Públicas para o lazer de aventura**: entre esporte e turismo, fomento e controle do risco. 2016. 241 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2004. 220 p.

BIROLI, Flávia. A família moderna. In: BIROLI, Flávia. **Família**: novos conceitos. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2014. p. 86.

BRAMANTE, Antônio Carlos. A administração do lazer nos clubes social-recreativos: perpetuando os vícios do setor público. **Licere**, Belo Horizonte, v. 2, n. 1, p.59-73, 1999.

BRAMANTE, Antônio Carlos. Lazer: o público e o privado - superando as "grandes dicotomias". **Licere**, Belo Horizonte, v. 5, n. 1, p. 172-177, 2002.

CAMARGO, Laura Alice Rinaldi; SILVA, Marcos Ruiz da. Os Clubes Sociais e Recreativos e o Processo Civilizatório Brasileiro: uma relação de hábitos e costumes. In: SIMPOSIO INTERNACIONAL PROCESO CIVILIZADOR, 11, 2008, Buenos Aires. **Anais...** Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires, 2008, p. 68-75.

CAPI, André Henrique Chabaribery. **Lazer e Esporte nos Clubes Social-Recreativos de Araraquara**. 2006. 127 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Física, Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2006.

CAPI, André Henrique Chabaribery. CLUBES SOCIAL-RECREATIVOS DE ARARAQUARA E O LAZER: a visão dos profissionais, diretores e associados. **Licere**, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 1-35, mar. 2009.

CARVALHO, Beatriz Leme Passos. **Associativismo, Lazer e Esporte nos Clubes Sociais de Campinas**. 2009. 182 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

CERTEAU, Michel de. Caminhadas pela cidade: "Espaços" e "lugares". In: CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: Artes de fazer**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 351.

CLIFFORD, James. Sobre a autoridade etnográfica. In: CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008. p. 18-58.

COSTA, Lamartine Pereira da. Clubes esportivos e recreativos. In: COSTA, Lamartine Pereira da. **Atlas do Esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: Shape, 2005. p. 924.

DA MATTA, Roberto. O Ofício do Etnólogo, ou como ter Anthropological Blues. **Boletim do Museu Nacional**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, p.1-12, maio 1978.

DAMO, Arlei Sander. A rua e o futebol. In: STIGGER, Marco Paulo; GONZÁLEZ, Fernando Jaime; SILVEIRA, Raquel da (org.). **O Esporte na Cidade: estudos etnográficos sobre sociabilidade esportiva em espaços urbanos**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2007. p. 193.

DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. **Dicio**. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/>>. Acesso em: 16 jun. 2019.

DORNELLES, Priscila Gomes. **O futebol feminino de várzea: uma análise cultural**. Monografia da Especialização Pedagogias do Corpo e da Saúde - Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

DUMAZEDIER, Joffre. Lazer e sociedade. In: DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1973. p. 19-50.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A Busca da Excitação**. Lisboa: Difel, 1985. 422 p.

FREITAS, Maitê Venuto. **A participação das crianças no esporte de alto rendimento: para além do 'como deve ser'**. 2015. 142 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

GALATTI, Larissa Rafaela. **Esporte e Clube Sócio-esportivo: percurso, contextos e perspectivas a partir de um estudo de caso em clube esportivo espanhol**. 2010. 292 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Entre o sexo, a beleza e a saúde: o esporte e a cultura *fitness*. **Labrys: Estudos Feministas**, Brasília, DF, n. 10, p. 12, jun/dez de 2006.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Feminismos, mulheres e esportes: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 171-196, maio/agosto de 2007.

GOELLNER, Silvana Vilodre. et al. Lazer e gênero nos programas de esporte e lazer das cidades. **Revista Licere**, Belo Horizonte, v. 13, n. 2, p. 1-20, jun. 2010.

HARAWAY, D. “Gênero” para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. *Cadernos Pagu*. 2004, n.22, pp.201-246.

<http://www.astti.com.br>.

<https://www.foxterciaimobiliaria.com.br/empreendimento/36/canto-dos-pssarosresidencial-porto-alegre-condomnio-vertical-zona-leste>. Acesso em: 16. jul. 2019.

<https://www.google.com.br/maps>

MADEIRA, Cídia Frota Saldanha. **A família no Direito Civil Brasileiro**. 2015. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/41665/a-familia-no-direito-civil-brasileiro#:~:text=CAR%C3%81TER%20INSTRUMENTAL%20E%20DIREITO%20DE,brasil%201977%2C%20foi%20insculpido%20o>. Acesso em: 14 nov. 2020.

MAGNANI, José Cantor Guilherme. **Festa no Pedaco: cultura popular e lazer na cidade**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984. 198 p.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 17, n. 49, p.1-34, jun. 2002.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do pacífico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia*. São Paulo: Abril Cultural, 1976. 436 p.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. Dois temas polêmicos: duas fontes de mal-entendidos. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho. *Lazer e educação*. Campinas: Papyrus, 1987. p. 19-55.

MAZO, Giovana Zarpellon; CARDOSO, Fernando Luiz; AGUIAR, Daniela Lima de. PROGRAMA DE HIDROGINÁSTICA PARA IDOSOS: motivação, auto-estima e auto-imagem. **Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano**, Florianópolis, v. 2, n. 8, p. 67-72, 2006.

MEYER, Dagmar Estermann. Teorias e políticas de gênero: fragmentos históricos e desafios atuais. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 1, n. 57, p. 13-18, jan. 2004.

MEYER, Dagmar Estermann; SILVA, André Luiz dos Santos. GÊNERO, CULTURA E LAZER: potências e desafios dessa articulação. **Licere**, Belo Horizonte, v. 23, n. 2, p. 480-502, jun. 2020.

MEZZADRI, Fernando Marinho. As práticas esportivas nos clubes do Paraná. **Rev. Conexões: Educação, Esporte, Lazer**, Campinas, n. 3, p. 103-110, 1999.

MEZZADRI, Fernando Marinho. **A estrutura esportiva no Estado do Paraná**: da formação dos clubes as atuais políticas governamentais. 2000. 178 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

MICHAELIS. **Michaelis On-line**. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/>. Acesso em: 09 abr. 2020.

OLIVEIRA, Bruno Assis de. O crescimento do ‘Terceiro Setor’ no campo do esporte e lazer: apontamentos críticos: apontamentos críticos. **Efdeportes.com**: Revista Digital, Buenos Aires, n. 150, p. 1-10, fev. 2011.

PACHECO, Ariane Corrêa. **"É lazer, tudo bem, mas é sério"**: o cotidiano de uma equipe máster feminina de voleibol. 2010. 127 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Física, Programa de Pós-graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 42, n. -, p.1-14, abr. 2014.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Fronteira da história: uma leitura sensível do tempo. In: SILVA, Juremir Machado da et al. (org.). **Fronteiras do Pensamento**: retratos de um mundo complexo. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2008. p. 179-190.

PFISTER, Gertrud. Líderes femininas em organizações esportivas – tendências mundiais. In: **Revista Movimento**. Porto Alegre, v. 09, n. 2, p. 11 – 35, maio/agosto de 2003.

RIEDE, Antônio Sérgio; BRAMANTE, Antônio Carlos. Realinhamento dos fatores críticos de sucesso na gestão de clubes social-recreativos baseado no conhecimento dos sistemas internos e externos: o caso das AABBS. **Licere**, Belo Horizonte, v. 6, n. 1, p. 29-45, 2003.

RIBEIRO, Djamila. **Mulheres e esporte**. Brasília: Gráfica Color, 2017. 12 p.

REQUIXA, Renato. A função educativa do lazer. In: REQUIXA, Renato. **As dimensões do lazer**. São Paulo: SESC, 1974, p. 30 - 78.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho; ECKERT, Cornelia. Etnografia ‘da’ e ‘na’ cidade, saberes e práticas. In: ROCHA, Ana Luiza Carvalho; ECKERT, Cornelia. **Antropologia ‘da’ e ‘na’ cidade**: interpretações saber as formas de vida urbana. Porto Alegre: Marcavizual, 2013. p. 53-80.

RUBIO, Kátia.; SIMÕES, Antônio Carlos. De expectadoras a protagonistas: a conquista do espaço esportivo pelas mulheres. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 5, n. 11, p. 50-56, jul. 1999.

SALLES-COSTA, Rosana. et al. Gênero e prática de atividade física de lazer. **Caderno Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, p. 325-333, 2003.

SCOTT, Wallach Joan. GÊNERO: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul. 1995.

SCOTT, Joan Wallach. O enigma da igualdade. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 11-30, jan. 2005.

SILVA, André Luiz dos Santos. IMPERATIVOS DA BELEZA: corpo feminino, cultura fitness e a nova eugenia. **Caderno Cedes**, Campinas, v. 32, n. 87, p. 211-222, maio-agosto 2012.

SILVA, Carolina Fernandes; PEREIRA, Ester Liberato; MAZO, Janice Zarpellon. Clubes sociais: práticas esportivas e identidades culturais. **Licere**, Belo Horizonte, v. 15, n. 2, jun. 2012.

SILVA, Marcos Ruiz da. **Lazer nos Clubes Sócio-Recreativos de Curitiba/PR**: a constituição de práticas e representações sociais. 2007. 143 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Física, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

SILVEIRA, Raquel. **Esporte, homossexualidade e amizade**:: estudo etnográfico sobre o associativismo no futsal feminino. 2008. 156 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

SOUZA, Luciana Karine de; DUARTE, Mônica Grace. Amizade e Bem-Estar Subjetivo. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 29, n. 4, p. 429-436, out. 2013.

STIGGER, Marco Paulo. **Desporto, lazer e estilos de vida**: uma análise cultural a partir de práticas desportivas realizadas em espaços públicos da cidade do Porto. 2000. 333 f. Tese (Doutorado) - Curso de Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, Universidade do Porto, Porto, 2000.

STIGGER, Marco Paulo; SILVEIRA, Raquel da. A prática da “bocha” na SOERAL: entre o jogo e o esporte. **Movimento**, Porto Alegre, v. 10, n. 2, p. 37-53, maio 2004.

STIGGER, Marco Paulo. Lazer, Cultura e Educação: possíveis articulações. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 30, n. 2, p.73-88, jan. 2009.

TANNO, Janete Leiko. CLUBES RECREATIVOS EM CIDADES DAS REGIÕES SUDESTE E SUL: identidade, sociabilidade e lazer (1889-1945). **Patrimônio e Memória**, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 328-347, jun. 2011.

VELHO, Gilberto. Observando o Familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira. **A Aventura Sociológica: Objetividade, Paixão, Improviso e Método na Pesquisa Social**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 36-46.

VELHO, Gilberto. O antropólogo pesquisando em sua cidade: sobre conhecimento e heresia. In: Velho, Gilberto. **O desafio da cidade**: novas perspectivas da antropologia brasileira. Rio de Janeiro: Campos, 1980. p. 13-20.

VELHO, Gilberto. **A utopia urbana**: um estudo de antropologia social. 5. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1989.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. São Paulo, Cosac Naify, 2010. 256 p.

ZAMBELLI, Túlio Mateus. **Significados da natação para praticantes máster de um clube cidade de Porto Alegre**: um estudo etnográfico. 2014. 129 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

APÊNDICES

1.1. ENTREVISTA PARA OS PROFISSIONAIS

a. Identificação pessoal:

Nome completo:

Idade:

Sexo: Masculino () / Feminino ()

Formação: Ensino fundamental () / Ensino médio () / Ensino superior () / Pós-graduação ()

b. Identificação profissional:

Situação funcional: Contratado CLT () / Contratado por temporada () / Contratado para prestação de serviços () / Estagiário ()

1. Descreva sua função no clube.
2. Trabalha na instituição há quanto tempo?
3. Como você descreve o perfil dos associados?
4. Você percebe que os sócios do clube desejam que outras atividades físicas, de esporte e de recreação/lazer sejam oferecidas além das que já são? Se sim, descreva-as.
5. Você percebe que o associado gostaria de dispor de outros espaços e/ou equipamentos destinados a atividades físicas, de esporte, e recreação/lazer, além dos oferecidos? Descreva se tiver respondido favoravelmente.
6. Há algum outro aspecto que gostaria de destacar relativo à sua atuação profissional na área ou mesmo relacionado às suas percepções sobre o clube?

1.2. ENTREVISTA PARA OS PROFISSIONAIS DA EFI

a. Identificação pessoal:**Nome completo:****Idade:****Sexo:** Masculino () / Feminino ()**Formação:** Ensino fundamental () / Ensino médio () / Ensino superior () / Pós-graduação ()**b. Identificação profissional:****Situação funcional:** Contratado CLT () / Contratado por temporada () / Contratado para prestação de serviços () / Estagiário ()**I. Funções desempenhadas:**

1. Trabalha na área de Esportes, Atividades Físicas, Recreação e Lazer há quanto tempo?
2. Descreva sua função no clube.
3. Trabalha na instituição há quanto tempo?
4. O clube incentiva ou não sua participação em cursos, congressos, para complementação e/ou atualização na sua área de atuação? Se sim, de que forma?
5. Como é feito o planejamento das atividades do seu setor?
6. Você participa de alguma forma dessa elaboração ou não? Comente.

II. Percepções do ambiente de trabalho

7. Você percebe alguma influência, direta ou indireta, exercida pelos associados nas suas atividades profissionais? Caso sim, descreva-a.
8. Você percebe alguma demanda vinda dos sócios do clube por outras atividades físicas, de esporte e de recreação/lazer, além das oferecidas? Se sim, descreva-as.
9. Você percebe alguma demanda apontada pelos associados do clube por outros espaços e/ou equipamentos de atividades físicas, de esporte e recreação/lazer, além dos oferecidos?
10. Há algum outro aspecto que gostaria de destacar relativo à sua atuação profissional na área ou suas percepções sobre o clube?

1.3. ENTREVISTA PARA OS DIRETORES

a. Identificação pessoal:

Nome completo:

Idade:

Sexo: Masculino () / Feminino ()

Formação: Ensino fundamental () / Ensino médio () / Ensino superior () / Pós-graduação ()

b. Identificação social:

Categoria de Associado: Titular Patrimonial () Titular Contribuinte () Titular Contribuinte Sênior () Titular Conveniado () Dependente Patrimonial () Dependente Contribuinte () Dependente Contribuinte Sênior ()

1- Como surgiu este clube?

2- Há quanto tempo é associado?

3- Qual sua relação e auxílio com a criação, bem como com o crescimento do clube?

c. Identificação de atuação:

Situação funcional: Presidente () / Vice-Presidente Financeiro () / Vice-Presidente Administrativo () / Vice-Presidente de Patrimônio () / Vice-Presidente Social () / Vice-Presidente de Esporte e Lazer ()

I. Funções desempenhadas

1. Descreva sua função no clube.
2. Atua enquanto Presidente/Vice-Presidente na instituição há quanto tempo?
3. Como é feito o planejamento das atividades do seu setor?
4. Você participa de alguma forma dessa elaboração ou não? Comente.

II. Trajetória da entidade

1. Em relação à trajetória do clube nesses anos de existência, você acredita que o clube sofreu alguma mudança em relação a sua finalidade ou concepção?
2. Motivações que levaram à possibilidade de pessoas não ligadas à CRT virem a tornar-se associadas?
3. Percepções sobre clubes

1. Na sua compreensão, o que é o clube?
2. Qual a função dos clubes sociorrecreativos?
3. No seu entendimento, quais os motivos que levam uma pessoa a querer ingressar no clube, ou permanecer como associado?
4. No seu entendimento, por qual motivo o associado deixa de ser sócio do clube?
5. O clube influencia de alguma forma no estilo de vida do associado? Como?
6. O associado quando vem ao clube apresenta algum tipo de comportamento que com o passar do tempo é modificado? Essa mudança de comportamento é transferida para outros momentos de sua vida, como o trabalho, a relação com a família, etc.?
7. Quais os objetivos pessoais que você acredita que o associado espera alcançar participando das atividades ou frequentando o clube?

IV. Prestação de serviços

1. Sobre as atividades e serviços oferecidos pelo clube, você acredita que estão adequados às exigências dos associados?
2. Você percebe alguma demanda vinda dos sócios do clube por outras atividades físicas, de esporte e de recreação/lazer, além das oferecidas? Se sim, descreva-as.
3. Você percebe alguma demanda apontada pelos associados do clube por outros espaços e/ou equipamentos de atividades físicas, de esporte, e recreação/lazer, além dos oferecidos?
4. Você percebe influências diretas ou indiretas pelos sócios do clube nas atividades desenvolvidas pelos profissionais de atividades físicas, esportivas e de recreação/lazer?
Comente.

V. Outras concepções

1. Como você entende o Esporte e o Lazer dentro do clube?
2. Há algum outro aspecto que gostaria de destacar relativo à sua atuação profissional na área, aqui no clube?

1.4. ENTREVISTA PARA OS ASSOCIADOS

a. Identificação pessoal:**Nome completo:****Idade:****Sexo:** Masculino () / Feminino ()**Formação:** Ensino fundamental () / Ensino médio () / Ensino superior () / Pós-graduação ()**b. Identificação social:****Categoria de Associado:** Titular Patrimonial () Titular Contribuinte () Titular Contribuinte Sênior () Titular Conveniado () Dependente Patrimonial () Dependente Contribuinte () Dependente Contribuinte Sênior ()

- 1- Há quanto tempo você frequenta o clube?
- 2- Há quanto tempo é associado? Se for Patrimonial, qual sua relação e auxílio com a criação e crescimento dele?
- 3- Me conta com que frequência você vem ao clube? Comente.

I. Percepção sobre clubes

- 1- Na sua compreensão, o que é o clube?
- 2- Quais motivos que lhe fizeram optar por se associar a esse clube em especial?
- 3- Qual a função de um clube sociorrecreativo, como a ASTTI?
- 4- O clube influenciou de alguma forma seu estilo de vida?
- 5- Quando você vem ao clube há uma transferência da forma com que você vive em outros momentos de sua vida? Houve alguma mudança participando das atividades no clube? Essa mudança de comportamento é transferida para outros momentos de sua vida, como o trabalho, a relação com a família, etc.?

II. Uso do clube

- 1- Você é adepto de alguma atividade física de esporte, recreação/lazer no clube? Se sim, com que frequência?
- 2- Quais os objetivos pessoais que você espera alcançar participando das atividades ou frequentando o clube?

- 3- Tem alguma atividade física de esporte, recreação/lazer que não encontra no clube e que gostaria de frequentar/praticar? Sem sim, qual?
- 4- Quais os espaços/equipamentos disponíveis no clube para atividades físicas de esporte, recreação/lazer que mais frequenta?
- 5- Quais espaços/equipamentos para atividades físicas de esporte, recreação/lazer que não encontra no clube e que gostaria de poder encontrar?
- 6- Alguma outra informação que você queira adicionar?

1.5.TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Através deste você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), em uma pesquisa. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte como forma de confirmação, que você envie uma mensagem de voz (áudio) via WhatsApp para firmar seu aceite, na qual deve constar seu nome e seu aceite em participar. Importante salientar que você tem liberdade para não aceitar e/ou desistir a qualquer momento.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA

Título do projeto: “UM LUGAR PARA FAZER AMIGOS”: Relações de associativismo e vivências de lazer num clube de bairro .

Pesquisador responsável: Bruna Brogni da Silva

Orientador: Marco Paulo Stigger

Telefone de contato: (51) 98486-1111

- O objetivo dessa pesquisa é perceber como os associados da ASTTI se apropriam dos espaços e como eles vivenciam de diferentes formas as experiências nesse contexto de lazer.
- A participação constituir-se-á de uma entrevistas realizada por intermédio de uma ligação via telefone ou por mensagens de voz através das redes sociais, onde você estará integrado a uma entrevista que será transcrita. Sendo marcado previamente um horário, lembrando que é possível desistir da pesquisa a qualquer momento sem prejuízo algum.
- Essa participação poderá lhe causar constrangimentos, o que será minimizado pelos esclarecimentos que pretendo oferecer constantemente.
- Garantimos a preservação da identidade dos colaboradores, modificando sua identificação, e asseguramos que as informações obtidas serão utilizadas apenas para fins acadêmicos. Você também tem garantia de poder retirar o consentimento a qualquer momento.

Atenciosamente agradeço desde já,

Bruna Brogni.